

CRISTIANE ANTUNES STEIN

**“POR DEUS E PELO BRASIL”: A JUVENTUDE BRASILEIRA EM CURITIBA
(1938-1945)**

CURITIBA
2008

CRISTIANE ANTUNES STEIN

**“POR DEUS E PELO BRASIL”: A JUVENTUDE BRASILEIRA EM CURITIBA
(1938-1945)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação, na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta

CURITIBA
2008

Stein, Cristiane Antunes

**S819 “Por Deus e pelo Brasil” : a Juventude Brasileira em
Curitiba (1938-1945)/ Cristiane Antunes Stein – Curitiba,
2008.**

169 f.: il.

Orientador: Marcus Levy Albino Bencostta
Dissertação (Mestrado) – Setor de Educação, Univer-
sidade Federal do Paraná.

1. Juventude – Curitiba (PR). 2. Educação – História
3. Movimento da juventude. I. Bencostta, Marcus Levy Albino.
II. Universidade Federal do Paraná. III. Título

CDD 371.83



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



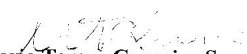
PARECER

Defesa de Dissertação de **CRISTIANE ANTUNES STEIN** para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo-assinados, DR. MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA, DR^a JÚNIA SALES PEREIRA e DR^a VERA REGINA BELTRÃO MARQUES argüíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Dissertação: **“POR DEUS E PELO BRASIL: A JUVENTUDE BRASILEIRA EM CURITIBA (1938-1945)”**.

Procedida a argüição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está apta ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
DR. MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA	<i>Marcus Levy</i>	APROVADA
DR ^a JÚNIA SALES PEREIRA	<i>Júnia Sales Pereira</i>	APROVADA
DR ^a VERA REGINA BELTRÃO MARQUES	<i>Vera Regina</i>	APROVADA

Curitiba, 29 de agosto de 2008


Profª Drª Maria Tereza Carneiro Soares
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

“Amo a história. Se não a amasse não seria historiador. Fazer a vida em duas: consagrar uma à profissão, cumprida sem amor; reservar a outra à satisfação das necessidades profundas – algo de abominável quando a profissão que se escolheu é uma profissão de inteligência. Amo a história – e é por isso que estou feliz por vos falar, hoje, daquilo que amo.”

Lucien Febvre, Combate pela História

Aos meus avós Germano e Vanda Bragato que, apesar de serem pessoas de “poucas letras”, sempre torceram e vibraram a cada nova conquista da minha vida acadêmica, que assistiram ao início desta caminhada e que a vida resolveu levar antes de assistirem ao término de mais uma etapa.

Aos meus pais, amigos eternos...

Agradecimentos

Não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que foram essenciais nesta caminhada:

A Deus que proporcionou as oportunidades e a sabedoria para saber como aproveitá-las;

À minha família. Meus pais, Erni Benjamin e Sonia Maria, pelo incentivo à minha vida estudantil “desde sempre”, apoio incondicional em todos os momentos e pelo auxílio técnico, financeiro e emocional, sem os quais não conseguiria concluir esta etapa. À Tatiane, Leandro, Mateus, Frederico e Edson Luiz, pela paciência em dividir o tempo com as leituras e escrita e pela amizade, companheirismo e auxílio “técnico”.

Ao Professor Doutor Marcus Levy Albino Bencostta, grande incentivador, pela zelosa orientação desde o curso de graduação, demonstrando sempre paciência, confiança e respeito. Mesmo quando estava a milhas de distância mostrou-se perto em todas as etapas desta pesquisa. Agradeço o privilégio de ser sua orientanda.

Aos professores da linha da pesquisa, de maneira especial ao Prof. Dr. Marcus Taborda de Oliveira e a prof. Dr^a. Vera Beltrão Marques pelas valorosas contribuições nos primeiros passos desta pesquisa e à prof. Dr^a Liane Maria Bertucci, pelo exemplo, aprendizado e agradável convivência na experiência de prática de docência.

À Prof^a. Dr^a Vera Beltrão Marques e à Prof^a Dr^a Junia Pereira Sales pelas sugestões e problematizações na banca de qualificação que contribuíram para ampliar as reflexões sobre o trabalho.

Aos colegas de turma que se tornaram amigos para a vida: Tânia, Lineti, Elis, Sid, Alicia, Suderli e Desirê.

Aos amigos, de maneira especial à Gislane Moreira, Patrícia Fernandes e Maria Lucia Fernandes, pelo apoio e incentivo antes mesmo da prova de seleção do mestrado.

À minha tia Maria de Lourdes Tomio Stein, que desempenhou o papel de revisora deste trabalho, pela leitura e sugestões que auxiliaram na construção do mesmo.

Aos funcionários da Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná pelo atendimento e auxílio na pesquisa das fontes.

Aos funcionários do CPDOC, de maneira especial ao Renan Marinho, sempre solícito e atencioso à todas as minhas solicitações.

A todos que de alguma forma contribuíram na construção desta dissertação.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	viii
RESUMO	xi
ABSTRACT.....	xii
INTRODUÇÃO	13
 1 ORGANIZAÇÕES DE JUVENTUDES NOS PAÍSES EUROPEUS	 26
1.1. “OPERA NAZIONALE BALILA”: A Juventude Fascista da Itália	27
1.2. A Mocidade Portuguesa	31
1.3. A juventude a serviço do Führer: A “Hitler Jugend”	42
 2 A ARREGIMENTAÇÃO DOS JOVENS NO ESTADO NOVO: DA ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA JUVENTUDE À JUVENTUDE BRASILEIRA	 56
2.1 FRANCISCO CAMPOS E O PRIMEIRO PROJETO PARA A ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA JUVENTUDE	56
2.1.1. Estrutura administrativa	57
2.1.2. Estrutura organizacional	58
2.2. A TENTATIVA DE CARÁTER MILITAR	62
2.3. “VIVER E LUTAR”: O PROJETO DE GUSTAVO CAPANEMA PARA A JUVENTUDE BRASILEIRA	65
2.3.1. “Por Deus e pelo Brasil”: Gustavo Barroso e um parecer anônimo	75
2.3.2. O decreto 2.072/40: a criação oficial da Juventude Brasileira	78
2.3.3. Vestindo a Juventude Brasileira: o projeto de uniformes	87
2.3.4. A extinção da “camisa de força da mocidade”	99
 3 JUVENTUDE BRASILEIRA EM CURITIBA: ESCOLA E CULTURA CÍVICA NO ESTADO NOVO	 101
3.1. O PAPEL DA IMPRENSA NA DIVULGAÇÃO DA IDEOLOGIA DA JUVENTUDE BRASILEIRA	103
3.2. COMEMORAÇÕES E FESTIVIDADES	106
3.2.1. O aniversário do Presidente Getúlio Vargas	108
3.2.2. A Semana da Pátria	113
3.2.3. Gustavo Capanema visita Curitiba	127

3.3. A JUVENTUDE BRASILEIRA NAS ESCOLAS	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
FONTES	156
REFERÊNCIAS	163

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CARTAZ JUVENTUDE FASCISTA.....	27
FIGURA 2 – JOVENS DA MOCIDADE PORTUGUESA EM DESFILE PATRIÓTICO	38
FIGURA 3 – CARTAZES PROPAGANTÍSTICOS DA MOCIDADE PORTUGUESA	39
FIGURA 4 – ESBOÇO DE DESENHO DE ESTANDARTE PARA JUVENTUDE BRASILEIRA FEITO POR GUSTAVO CAPANEMA	40
FIGURA 5 – CARTAZ PROPAGANDÍSTICO DA JUVENTUDE HITLERISTA (1939-1945)	43
FIGURA 6 – DESFILE EM HOMENAGEM A ADOLF HITLER – COBURG	54
FIGURA 7 –ESBOÇOS DE DESENHOS DE ESTANDARTES DA JUVENTUDE BRASILEIRA	67
FIGURA 8 – UNIFORME DA ALA MENOR DA JUVENTUDE BRASILEIRA	89
FIGURA 9 – TÚNICA DO UNIFORME MASCULINO DA ALA MAIOR	90
FIGURA 10 – CAMISA DE ATIVIDADES DE CAMPO DA JUVENTUDE BRASILEIRA.....	91
FIGURA 11 – TÚNICAS, JAPONA E BONÉS DA JUVENTUDE BRASILEIRA	92
FIGURA 12 – UNIFORME ESCOLAR FEMININO DA JUVENTUDE BRASILEIRA.....	93
FIGURA 13 – UNIFORME PARA EDUCAÇÃO FÍSICA DA ALA FEMININA DA JUVENTUDE BRASILEIRA	94
FIGURA 14 – TRAJE PARA PASSEIO DA ALA MAIOR DA JUVENTUDE BRASILEIRA	95

FIGURA 15 – MANIFESTAÇÃO CÍVICA DA JUVENTUDE BRASILEIRA	96
FIGURA 16- ESTUDANTES NO DIA DA BANDEIRA	97
FIGURA 17 – ASPECTOS DO DESFILE DA JUVENTUDE BRASILEIRA NO ANO DE 1940	115
FIGURA 18 – REGISTRO FOTOGRÁFICO DA PARADA DA JUVENTUDE BRASILEIRA 1942	121
FIGURA 19 – REGISTO FOTOGRÁFICO DA PARADA DA JUVENTUDE BRASILEIRA NO ANO DE 1945	126
FIGURA 20 - FOTOGRAFIA DO DESFILE EM HOMENAGEM AO MINISTRO GUSTAVO CAPANEMA – ALUNOS DA ESCOLA DE TRABALHADORES RURAIS OLEGÁRIO MACEDO CASTRO	128
FIGURA 21 – ALUNOS DA ESCOLA DE TRABALHADORES RURAIS OLEGÁRIO MACEDO CASTRO	129
FIGURA 22 - ALUNOS DA ESCOLA DE TRABALHADORES RURAIS OLEGÁRIO MACEDO CASTRO	130
FIGURA 23 – PROFESSORAS NO DESFILE EM HOMENAGEM A GUSTAVO CAPANEMA EM CURITIBA	131
FIGURA 24 – PROFESSORAS E ALUNOS NO DESFILE EM HOMENAGEM A GUSTAVO CAPANEMA	132
FIGURA 25 – ALUNAS NO DESFILE ESCOLAR EM CURITIBA	133
FIGURA 26 – ALUNAS EMPUNHANDO A BANDEIRA EM DESFILE PARA HOMENAGEAR GUSTAVO CAPANEMA	133
FIGURA 27 – MOÇOS DESFILANDO EM FRENTE AO PALANQUE DAS AUTORIDADES	134

FIGURA 28 – MOÇAS DESFILANDO EM FRENTE AO PALANQUE DAS
AUTORIDADES 135

FIGURA 29 – ASSINATURA DO CONVÊNIO DO ENSINO PRIMÁRIO ENTRE
ESTADO E MUNICÍPIOS 137

FIGURA 30 – CAPA DO JORNAL “INSTITUTO” DO INSTITUTO SANTA
MARIA 141

FIGURA 31 – CAPA DO JORNAL O INSTITUTO 1942 143

FIGURA 32 – CONTRA-CAPA DA IMPRENSA ESCOLAR DO ANO DE 1940 150

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é investigar a ação da “Juventude Brasileira” na capital do Paraná, utilizando explicações históricas acerca dos caminhos percorridos pela cultura cívica que se manifestou na escola curitibana ao ser instrumentalizada por valores patrióticos construídos pela Ditadura Vargas. Apesar do recorte residir em um momento de importância da história política: o Estado Novo, este estudo opta por entender e interpretar os traços culturais escolares e cívicos da Juventude Brasileira desde os anos que se iniciam os debates sobre a necessidade de organizar os jovens brasileiros até a extinção oficial do movimento, qual seja, 1938-1945. Com o lema: “Por Deus e Pelo Brasil”, a organização desse movimento passou por diversas e até mesmo, divergentes modificações ao longo de seu processo de criação. Se em 1938, Francisco Campos, Ministro da Justiça do Governo Vargas, irá propor a criação da *Organização Nacional da Juventude* (ONJ), será somente após várias mudanças no projeto inicial, resultantes das discussões em torno do caráter militar do movimento, que o novo titular da pasta da Educação, Gustavo Capanema, assume a responsabilidade pela criação da ONJ, fundando em 1942, a *Juventude Brasileira*. Com a missão de inculcar valores cívicos-patrióticos nas crianças e jovens, formar um corpo militar de elite, promover um meio de extensão escolar e auxiliar na manutenção do regime político do país, esse movimento extra-escolar marcou a educação e o imaginário social da época. Para compreender melhor esse objeto, se fez necessário aprofundar discussões em torno das aproximações da “Juventude Brasileira” com as juventudes da Europa, em especial a “Hitlerista” já que ambas tinham estratégias semelhantes de inculcação do sentimento de raça, uma extrema preocupação com a preparação física e o culto ao corpo. Este movimento esteve presente dentro do universo escolar e utilizou a escola como principal veículo da propagação de seus ideais. Participava de desfiles em datas comemorativas, tinha uniforme e distintivos próprios, calendário previamente definido e imprimia uma grande importância à preparação do corpo e exercícios físicos, delegando grande destaque à questão da eugenia, mais especificamente da raça. Também no Paraná, a “Juventude Brasileira” teve razoável expressão representada pelos vários desfiles, campanhas e cerimônias, que contavam com a participação de milhares de jovens. Diante disso, essa pesquisa suscita questionamentos que permitem refletir sobre as implicações de tal movimento no universo escolar, social, cultural do país no Estado Novo: Qual foi a intensidade da atuação da “Juventude Brasileira” no Paraná? De que forma este movimento influenciou na educação escolar? Como o movimento e sua atuação contribuíram para a construção de um imaginário coletivo nos jovens escolares que dele participaram? Até que ponto a “Juventude Brasileira” buscou inspiração na “Juventude Hitlerista”, da Alemanha? Para o trabalho de análise, esta pesquisa utiliza referências bibliográficas sobre o período, e fontes como os jornais curitibanos *Gazeta do Povo* e *Diário da Tarde*, e a *Imprensa Escolar*, que consiste em um conjunto de jornais escolares financiados para enaltecer o regime. Além destes, um conjunto de livros, revistas, fotografias, legislação que estão depositados no CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea).

Palavras-chave: 1. Juventude – Curitiba (PR). 2. Educação – História. 3. Movimento da juventude.

ABSTRACT

The objective of this research is the analysis of the action of “Brazilian Youth” in the capital of the Paraná, being used historical explanations concerning the ways covered for the civic culture that if revealed in the Curitiba’s school to the being instrumentalized by patriotic values constructed by Vargas Dictatorship. Although the research to inhabit in a moment of importance of Brazilian history politics: the New State, this study opts to understanding and interpreting the pertaining to school and civic cultural traces of Brazilian Youth since the years that if initiate the debates on the necessity to organize the young Brazilians until the official extinguishing of the movement, which are, 1938-1945. With the slogan: “For God and Brazil”, the organization of this movement passed even though for diverse and, divergent modifications throughout its process of creation. If in 1938, Francisco Campos, Minister of the Justice of the Vargas Government, it will go to consider the creation of the National Organization of Youth (ONJ), will be only after some changes in the initial project, resultant of the discussions around the military character of the movement, that the new bearer of the folder of the Education, Gustavo Capanema, assumes the responsibility for the creation of the ONJ, establishing in 1940, Brazilian Youth. With the mission of to instil civic-patriotic values in the children and young people, forming a military body of the elite, to promote a way of pertaining to school extension and to assist in the maintenance of the country's regimen politician, this extra-pertaining to school movement marked the education and the social imaginary once. To understand this object better, if it made necessary to deepen discussions around the approaches of “Brazilian Youth” with youths of the Europe, in special the “Hitler Youth” since both had similar strategies of instill of the race feeling, an extreme concern with the physical preparation and the cult of the body. This movement was present inside of the pertaining to school universe and used the school as main vehicle of the propagation of its ideals. It participated of parades in commemorative dates, had proper uniform and badges, calendar previously defined and printed a great importance to the preparation of the body and physical exercises, delegating great prominence to the eugenics questions, more specifically of the race. Also in the Paraná State, “Brazilian Youth” had reasonable expression represented for some parades, campaigns and ceremonies, that counted on the participation of thousand of young. Ahead of this, this research excites questionings that allow to reflect on the implications of such movement in the pertaining to school universe, social, cultural of the Brazil in the New State: Which was the intensity of the performance of “Brazilian Youth”; in the Paraná State As the movement and its activities influenced in the pertaining to school education? How the movement and its performance had contributed for the imaginary construction of a collective one in the young pertaining to school that of it had participated? Until point “Brazilian Youth” searched inspiration in “Hitler Youth”, of Germany? For the analysis work, this research uses bibliographical references on the period, and sources as Curitiba’s newspapers “Gazeta do Povo” and “Diário da Tarde”, and the “Imprensa Escolar” , that consists of a set pertaining to school periodicals financed to praise the regimen. Beyond these, a set of books, magazines, photographs, legislation that are deposited in the CPDOC (Center of Research and Documentation Contemporary).

Key-words: 1. Youth – Curitiba (PR). 2. Education – History. 3. Youth movement.

INTRODUÇÃO

“Por Deus e Pelo Brasil”, este foi o lema utilizado por uma organização criada durante o Estado Novo com o intuito de arregimentar jovens fieis à ditadura varguista e com isso contribuir na continuidade do regime.

O interesse de investigação por este tema teve início nos meus estudos de graduação, quando pesquisadora de iniciação científica, deparei-me com um conjunto de informações acerca da organização da Juventude Brasileira no Paraná durante o período da história política denominado de Estado Novo.

A riqueza do tema e o conjunto de informações levou-me a investir na continuidade deste tema a fim de construir uma proposta de pesquisa mais consistente que provocasse problemas de interesse histórico.

Algumas questões suscitaram meu interesse e me convidaram a refletir em torno das fontes encontradas na pesquisa. Inquietava-me o fato de tantos jovens aclamarem o regime e a figura do presidente Getúlio Vargas revestido de uma simbologia sacralizada.

Como em toda pesquisa histórica, a definição de um recorte temporal tornou-se necessária. Apesar dele residir em um momento de importância da história política: o Estado Novo, este estudo tem como opção entender, investigar e interpretar a manifestação da Juventude Brasileira enquanto manifestação de uma cultura educacional e cívica a partir dos anos que inicia o debate sobre a necessidade de organizar os jovens brasileiros, em 1938, até a extinção oficial do movimento, em 1945. Evidentemente que o diálogo entre este objeto de investigação e os palcos da intervenção do Estado Novo na Educação, em especial, no Paraná, serão de fundamental importância para o amadurecimento de toda temática.

Ainda são poucos historiadores que têm se dedicado ao estudo sobre os jovens. Deste modo, torna-se um trabalho árduo percorrer os caminhos que nos levam à compreender, pelo menos parcialmente, a construção de conceitos de juventude nas sociedades bem como os valores e usos simbólicos que a perpassam historicamente.

Uma obra que nos auxiliou neste sentido foi “História dos Jovens”, organizada por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt. A busca pela compreensão da construção dos conceitos de juventude, de acordo com os organizadores, permite focar a juventude em seu aspecto histórico-cultural, tendo razão de ser “também na

concepção que temos da juventude como historiadores e do lugar que os jovens desempenham na história.” (LEVI; SCHMITT, 1997a, p. 07)

Neste sentido, tomaremos algumas reflexões que os organizadores fazem na introdução do primeiro volume, para que seja possível apreender algumas das representações acerca da juventude construídas ao longo de história de diferentes grupos sociais.

O primeiro problema com o qual nos deparamos, é a dificuldade em se definir o que é a juventude. Segundo os autores, esta fase não poderia ser identificada por limites fisiológicos, mas sim por uma determinação cultural das sociedades humanas, através do modo que identificam e atribuem sentido à esta fase transitória.

A ambigüidade de seus significados simbólicos chama a atenção, já que se constitui em uma fase de promessas e ameaças, potencialidades e fragilidades, remetendo à ela um caráter também ambíguo: expectativas são depositadas, mas de maneira cautelosa.

De qualquer modo, pertencer à juventude representa para cada um uma condição transitória, já que evidentemente, os indivíduos não pertencem à grupos etários, eles “atravessam” este grupos.

Pelo fato de a juventude constituir-se em uma construção social, não existe uma juventude única, as diferenças sociais, desigualdades de riqueza ou emprego, são determinantes para isto.

De acordo com Levi e Schmitt (1997a), é necessário compreender a juventude como o ápice da socialização precedente da idade adulta. Portanto, constitui-se uma fase crucial para formação e transformação de cada um, determinando escolhas e estabelecendo a definitiva inserção social.

É a partir desta análise que procuraremos entender a concepção de juventude que os vários segmentos deixaram transparecer, explícita ou implicitamente, no processo de gestação da Juventude Brasileira.

Em um primeiro momento juventude foi encarada como uma possível ameaça à ordem do regime o que levou os dirigentes à buscar formas de controle. Mais tarde, foi percebida como um instrumento que poderia auxiliar na permanência e continuidade do regime.

Apesar da Juventude Brasileira ter sido criada em 1940, quando Getúlio Vargas assina o decreto que aprova as bases da organização, as discussões sobre a sua idéia remontam ao ano de 1938, quando Francisco Campos discute a

formação da Organização Nacional da Juventude. No Paraná, percebemos que o ano de maior efervescência e intensidade das atividades da Juventude foi 1943. Entretanto, esta intensificação não garantiu uma vida longa à mesma, já que no ano de 1945, segundo Baía Horta (2004), esta foi extinta. De acordo com este autor, o movimento esteve vinculado estreitamente ao regime do Estado Novo nascendo com ele e desaparece como movimento autônomo, juntamente com o regime que o gerou.

Visitando a historiografia da história política dos anos que trata da Revolução de 1930, alguns estudiosos do tema, como De Decca (1994), entenderam que o Brasil daquele momento estava à procura de se tornar nação em busca de sua autonomia e identidade. Outro investigador deste período, Vesentini (1997), analisou a mesma Revolução como um marco construído e internalizado no imaginário social para a conformação e percepção desta como um fato de realização coletiva. Ambos concordam que na seqüência, com a instalação do Estado Novo, foi de fundamental importância para a consolidação do novo regime algumas estratégias, gestos, palavras, idéias e principalmente imagens, o que o aproxima dos regimes totalitários⁷.

Este regime, instituído à 10/11/1937, em linhas gerais, propunha um Estado forte, centralizador e interventor, o que aproximou o regime do fascismo, apesar de sua constante tentativa de negação, como vemos neste trecho de um livro da época, escrito por Azevedo Amaral⁸:

O Estado Novo acha-se, portanto, imune de quaisquer contaminações das influências dos regimes totalitários, tanto comunista, como fascista. (AMARAL, 1938, p. 167)

Segundo Gomes (1982), tal regime procurava inaugurar uma experiência única na história do Brasil, articulava uma política ideológica, afim de legitimar o seu formato político-institucional. Esta ideologia recuperou a política do autoritarismo e

⁷ Segundo Dutra (1997), o totalitarismo não está resumido a um regime “e sim a uma ideologia que sustenta a imagem de uma sociedade una, indivisa e homogênea” que “advoga um controle social que normalize, uniformize e totalize o conjunto da vida social”. É nesta direção que ocorre, a partir dos anos 1930, a fascitização do Brasil. Este novo movimento é apoiado em cinco pilares: anticomunismo, revolução, trabalho, Pátria e moral.

⁸ Na apresentação desta obra, o próprio Azevedo Amaral (1938), diz que o livro busca interpretar as condições que “ora se nos deparam no conjunto da realidade nacional”. Em sete capítulos, ele defende fervorosamente as “vantagens e benesses do Estado Novo para a Nação, procurando afastar qualquer semelhança com o fascismo”.

incorporou outras práticas mais modernas que utilizavam a propaganda e a educação para adaptar o cidadão a esta nova realidade social. Esta tese de aproximação com o fascismo foi fortemente defendida por Lenharo (1986), ao interpretar a propaganda que o Estado Novo fazia ao se apresentar como a única solução adequada para o país naquele momento. Percebeu-se isto no discurso de Francisco Campos proferido em 10/05/1938:

Com o 10 de novembro começou no Brasil uma atmosfera, uma ambiência, um clima. Em primeiro lugar, o clima de ordem: não apenas o de ordem nas ruas, mas antes de tudo, e sobretudo, o clima da ordem no Estado. O Estado passou a ser uma ordem, isto é, um sistema animado de um espírito e de uma vontade, unificado em torno de uma pessoa, que é, em política, a primeira categoria da realidade. O Estado tem um chefe. (CAMPOS, 1983, p.257)

A inspiração nazi-fascista presente no formato estadonovista foi vista, em especial, quando utilizava de conteúdos míticos para internalizar suas idéias, principalmente no uso de imagens de forte carga emotiva e sensorial.

Como mostra Chauí, ao tratar das estratégias da Ação Integralista Brasileira:

As imagens são um espelhamento ampliado e iluminado da experiência imediata, dotadas da capacidade de unificar aquilo que nesta última aparece fragmentariamente. Unindo o disperso, a imagem, espelho dos dados imediatos, exclui a reflexão e, simultaneamente, cria a ilusão de conhecimento, graças ao seu aspecto ordenador. (CHAUÍ, 1979, p. 46)

A principal imagem utilizada pelo Estado Novo é a da Nação como corpo, uno e indivisível, onde todas as partes da sociedade funcionariam, assim como os órgãos, de maneira harmoniosa e sem contradições que passa a ocupar papel central em todas as instâncias, em especial, na educação.

Outra estudiosa do tema que ajuda a entender este momento é Capelato (1998b), que dialogando com os demais colegas historiadores interpretou como principal objetivo deste regime, ao contrário dos demais, a mobilização social através da política de massas. Neste caso, ocorre uma vitória do “eu coletivo” sobre o “eu individual”, e isto só foi possível, segundo a autora, através da manipulação de imaginários coletivos e da comunicação de massa. Assim, este uso foi um importante meio de legitimar o controle no totalitarismo. Dentre as estratégias utilizadas estão os espetáculos festivos, inaugurações de monumentos, comemorações cívicas e patrióticas patrocinadas pelo governo. “Os rituais

buscavam ser símbolos de harmonia, união e alegria do povo, ocultando as estratégias de controle social”. (CAPELATO, 1998b, p. 58)

Nesse sentido, seguindo a compreensão de Capelato (1998b) e Bencostta (2005) que afirmam que a educação foi utilizada como estratégia para aceitação popular do autoritarismo varguista.

Contudo, anterior a estes historiadores, cabe ressaltar aqui o trabalho de Baía Horta (1994), que ao investigar a educação neste período ressaltou que esta passou a ser vista como problema nacional e, portanto, se justificava a intensa intervenção do estado. Como exemplo temos a educação física que passou a se constituir ponto crucial nos programas educacionais, com o objetivo de fortalecimento da raça.

De acordo com Chaves Junior (2004), a historiografia referente à Educação Física deste período confere a esta disciplina grande destaque, sendo esta o meio principal na construção da juventude forte e bela.⁹

Também a educação moral ganha espaço, primeiramente através da religião e, mais tarde, baseada no civismo e no patriotismo.

É neste período que o Canto Orfeônico ganha força. De acordo com Wilson Lemos Junior¹⁰ (2005), “o ensino de Música e Canto Orfeônico, foi utilizado como um eficaz meio educativo a favor dos ideais do Estado Novo” (LEMOS JUNIOR, 2005, p. 28). De um lado Villa-Lobos, interessado em divulgar a “boa música” nas escolas, do outro Getúlio Vargas, percebendo nesta um excelente meio de divulgação política.

Esta disciplina na escola do Estado Novo, visava desenvolver o canto através de músicas, canções e hino patrióticos. Além da função disciplinadora e cívica assumidas pelo Canto Orfeônico, este ainda oferecia a possibilidade de desenvolver o corpo através da respiração, recreação sadia e higienização.

De acordo com Lemos Junior (2005):

A idéia de se formar um único *perfil racial* mantinha uma relação com o ensino de Canto Orfeônico na escola. Trata-se então de uma tentativa de homogeneização cultural, na qual uma cultura elitista (música erudita) que contemplava elementos folclóricos era eleita como arte ideal. (LEMOS JUNIOR, 2005, p. 52)

⁹ Sobre o tema ver: CHAVES JUNIOR, Sergio. A Educação Física do Ginásio Paranaense ao Colégio Estadual do Paraná: contribuições para a construção de uma história de uma disciplina escolar (1931-1951). Curitiba, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

¹⁰ LEMOS JUNIOR, Wilson. Canto Orfeônico: uma investigação acerca do ensino de música na Escola Secundária pública de Curitiba. Curitiba, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

Com este intuito entendemos que a educação foi utilizada como uma das principais ferramentas para a estratégia de aceitação popular do autoritarismo.

Para Getulio Vargas, segundo Lemos Junior (2005), a educação funcionaria como um dos instrumentos para a valorização do homem e a melhora da condição de vida dos brasileiros moral, intelectual e economicamente.

Os estudos de Baía Horta (1994) afirmam que por se constituir em uma instância com tal importância, a educação passa a ser permeada e “disputada” por diferentes forças da sociedade civil e do Estado.

Frente à estas discussões sobre a importância dos espaços educativos no período do Estado Novo, compreende-se a “Juventude Brasileira” como uma manifestação de uma cultura educacional própria a um período da história brasileira que denominaremos de cultura cívica.

Bencostta (2005), ao investigar os desfiles patrióticos na cidade de Curitiba afirma, seguindo o argumento de Daryle Willians¹¹ (1995), a existência de uma cultura cívica varguista que propunha uma burocratização das cerimônias patrióticas que articulava modernidade, nacionalismo e ordem pública. A sua atuação está intimamente relacionada com a educação escolar, - apesar de ser um movimento extra-escolar -, que deixou uma marca na educação e no imaginário social da época.

A organização do movimento teve uma gestação singularizada por uma série de debates políticos. Suas finalidades, objetivos, enfim, sua linha ideológica passou por diversas e divergentes modificações ao longo de seu processo de criação. Em princípio seria uma organização de caráter pré-militar, logo, então, descartado pelo Ministro da Educação, Gustavo Capanema, para se tornar em uma instituição complementar à escola e à família, “destinada a promover, dentro ou fora das escolas, a educação cívica, moral e física da juventude, assim como da infância em idade escolar” (Exposição de motivos sobre a Juventude Brasileira – 1938.08.09). O objetivo era preparar brasileiros para cumprir seu dever patriótico, com forte apelo ao culto dos símbolos nacionais.

Apesar da constante tentativa de negação por parte de seus gestores e das autoridades, a arregimentação da juventude no Brasil, inspirou-se na organização

¹¹ WILLIAMS, D. Making Brazil modern: Political culture and cultural politics under Getulio Vargas, 1930 – 1945. Thesis (Ph.D.). Stanford: Department of History – Stanford University.

nos governos totalitários da Europa, como a “Juventude Hitlerista”, na Alemanha, e a “Juventude Fascista”, na Itália.

A Juventude participava de desfiles em datas comemorativas, tinha uniforme e distintivos próprios, calendário previamente definido e imprimia uma grande importância à preparação do corpo e exercícios físicos, delegando grande destaque à questão da eugenia, mais especificamente da raça.

No Paraná, este movimento teve razoável expressão. Foram promovidos vários desfiles, campanhas e cerimônias, que contavam com a participação de milhares de jovens. Sua investigação contribui para que possamos compreender alguns traços da educação no Paraná no período do Estado Novo, atentando para os rituais e discursos que cercavam as práticas da “Juventude Brasileira” e, conseqüentemente, da educação brasileira no período, apesar de sua idéia inicial não estar diretamente vinculada ao Ministério da Educação e Saúde, como explicarei a seguir.

A gestação da Organização Nacional da Juventude inicia-se em 1938, quando Francisco Campos, Ministro da Justiça, propõe organizar os jovens brasileiros afim de “promover-lhe a disciplina moral e adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e defesa da Nação.” Esta primeira proposta era de que ela estivesse vinculada ao Ministério da Justiça, em especial com a divisão de serviço pré-militar, que prepararia os jovens física e moralmente para exercer a função de soldados. Para tanto, previa exercícios de ordem, marcha e resistência física, além da transmissão de saberes morais e cívicos.

Entretanto, segundo Schwartzman (2000), este primeiro projeto não teve boa acolhida e recebeu diversas críticas, principalmente do Ministro de Guerra, Eurico Gaspar Dutra e da filha de Getúlio Vargas, Alzira Vargas¹². As críticas se dirigiam principalmente à educação de caráter paramilitar e ao fato de tomar como modelo as juventudes de países totalitários, como a Itália e a Alemanha.

Dutra acreditava que a instrução militar sob responsabilidade do movimento, enfraqueceria o exército, que a Organização Nacional da Juventude deveria atuar

¹² Alzira Vargas foi assessora de seu pai durante o regime do Estado Novo, era casada com o Ernani Amaral Peixoto, um dos interlocutores que influenciou Vargas a ficar ao lado dos aliados na II Grande Guerra Mundial.

junto ao sistema escolar já existente, e, conseqüentemente vincular-se-ia ao Ministério da Educação.

Frente a isso, Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, apresenta algumas sugestões. A primeira delas é a mudança do nome de Organização Nacional da Juventude para Juventude Brasileira. Ele propõe ainda que a idade mínima para a inscrição fosse de 7 (sete) anos, com caráter voluntário, com centros escolares e extra-escolares, e ainda que houvesse preparação para os professores para atuar em consonância com os objetivos da “Juventude Brasileira”.

Após assumir a responsabilidade pela Juventude Brasileira, Capanema reformula o projeto inicial. A primeira versão, segundo Baía Horta (2000), é de janeiro de 1939 e nela estavam expressas as datas de mobilização, o lema “Viver é lutar” e o patrono, que seria Tiradentes. Apesar de Capanema considerar esta versão definitiva, o presidente Vargas resolve consultar algumas pessoas e várias críticas surgem, inclusive anônimas, dentro do próprio gabinete. As mais expressivas partem de Gustavo Barroso, que critica, em especial, o lema, que na sua opinião deveria ser “Por Deus e pelo Brasil”. Após passar por algumas modificações, a nova versão é aprovada e transformada em lei em março de 1940.

O decreto-lei 2.072 de 08/03/1940 fixa as bases da Juventude Brasileira. Neste estão descritas as atribuições detalhadas da educação moral, cívicas e físicas, que estariam a cargo da organização. Coloca a instituição sobre vigilância do Presidente da República e recomenda o culto à bandeira e aos símbolos nacionais, assim como a adoção de cântico específico, uniforme e estandarte próprios.

Deste modo, nos propomos a compreender a história da organização: como aconteceu sua criação, como foi sua expressão e de que modo ela influenciou na educação e na vida dos jovens e crianças que dela participaram.

Quando nos propomos a investigar determinado objeto histórico não podemos desconsiderar o contexto em que ele está inserido. Neste sentido, a história política nos ajuda a estabelecer as relações necessárias para compreender as implicações do contexto sob o objeto e vice-versa. A compreensão de conceitos comumente utilizados passa a figurar como problemas, que auxiliam em uma produção historiográfica consistente.

Veiga (2003), apresenta uma discussão bastante pertinente sobre como, cada vez mais, história política e história da educação se inter cruzam em produções

historiográficas. A escola, segundo ela, passa a ser percebida também no campo político.

Ao estudarmos a Juventude Brasileira como exemplo de manifestação de uma cultura educacional própria do varguismo, torna-se necessário aprofundar a reflexão sobre aquele regime e estabelecer um diálogo com a história política. Especialmente pelo debate acerca do caráter do Estado Novo que ainda hoje provoca divergência entre historiadores, se este figuraria ou não como um regime totalitário.

Ao trabalhar com o tema da representação política, Capelato (1998b), entende que o imaginário social se constitui no reconhecimento do grupo como tal ciente de sua ligação em uma rede comum de significações em que símbolos e significados (representações) são criados, reconhecidos e apreendidos. Ao serem utilizados coletivamente como dispositivos orientadores de práticas, valores e normas, eles seriam capazes de orientar socialmente afetos, emoções e desejos. Defendemos, portanto, que a internalização deste imaginário foi uma prática bastante utilizada no Estado Novo, mais especificamente para a Juventude Brasileira.

Para os teóricos que participaram da elaboração do projeto da Juventude Brasileira, mais especificamente, Alzira Vargas, as crianças e jovens tinham condições muito distintas de vida. Algumas viviam em condições precárias, outras em condições de conforto. Caberia ao Estado Novo, em primeiro lugar, promover uma homogeneização destes jovens, através de uma propaganda eficaz que despertasse neles a sua verdadeira missão, ou seja, o que o regime esperava da parte deles: jovens fortes e conscientes de seu dever para com a Pátria. Sendo ainda, o objetivo da arregimentação “pesar e medir capacidades e orientá-las”.

Peter Burke (1994), ao trabalhar com a idéia de fabricação de um símbolo e a propaganda a ele subjacente, promove uma aproximação entre os campos da cultura e da política utilizando-se de conceitos e incursões da história da arte.

Castoriadis (1992) em seu estudo abre várias possibilidades para a nova história política. A psique e o social-histórico aparecem como dimensões inseparáveis do fazer e do ser social. Para ele o simbólico é inseparável do mundo social-histórico. A política seria a instituição do social como um coletivo anônimo que busca a autonomia visando o destino da coletividade.

Os rituais, símbolos, uniformes, emblemas e até mesmo monumentos instituídos para a Juventude Brasileira, procuravam reafirmar o sentimento de amor e servidão à Pátria que seriam premissas da organização. Os estudos sociológicos de Pierre Bourdieu (1989) salientam a função política do símbolo, já que os sistemas simbólicos são instrumentos estruturados e estruturantes e de conhecimentos e comunicação, por isso são ferramentas políticas de imposição e legitimação da dominação. As representações, continua Bourdieu, são entendidas como imagens mentais e como manifestações sociais destinadas a manipular as imagens mentais.

Também neste campo de discussão, o historiador Roger Chartier (1990) propõe uma história social das interpretações. Ele relaciona o conceito de representação ao de “apropriação” (identificação dos pontos de fuga) e “prática cultural” (dinâmica histórica dos processos culturais que constroem sentidos, identidades). E nesse sentido, a cultura se coloca em diálogo com a política.

O estudo dos imaginários ganha novos horizontes quando entendemos a relação entre poder e representação.

Portanto, se o principal objetivo da Juventude Brasileira era arregimentar jovens, para cumprir seu papel civilizador e ideológico, possibilitando desta forma, garantir a continuidade do regime implantado por Vargas em 1937, torna-se interessante às nossas análises o entendimento das relações entre poder e representação à partir desses estudos que versam sobre o imaginário.

Veiga (2003), nos apresenta um conceito desenvolvido por Michel Foucault que auxilia na compreensão desta estratégia do Estado Novo. É o conceito de governabilidade. Para Foucault (1984), além da territorialidade, o Estado é definido pela sua população, “no momento em que a população se apresenta como problema de governo”.

O desenvolvimento de táticas e estratégias para o controle e doutrinação da população brasileira neste momento da História, se torna fundamental para dar continuidade ao regime implementado, ou seja, para garantir sua governabilidade. A educação se torna assim, o principal instrumento para isto.

O regime varguista defendia a idéia de que através da educação, em especial, se tornaria possível a construção de uma identidade nacional, delineando a escola como a principal instituição “civilizadora” da sociedade. Esta identidade nacional, nos termos postos por Stuart Hall (1997), seria formada e transformada no interior da representação, de acordo com a nacionalidade, os significados de determinado país

se apresenta aos seus cidadãos. A nação para ele seria mais que uma entidade política, um conjunto de representações que produz sentidos. “Uma nação é uma comunidade simbólica” (HALL, 1997, p.53) , que através de seu poder é capaz de produzir sentimentos de identidade e lealdade.

Ao visualizar que a Juventude Brasileira teria para o regime o objetivo, muito bem exposto em seu decreto de criação, de inculcar o sentimento de unidade nacional, baseado na ideologia cívico-patriótica, que permitisse a legitimação e permanência do regime. Pode-se inferir a defesa de uma idéia de identidade nacional que suplanta os regionalismos ao identificar o povo como uma massa homogênea que desconsidera suas especificidades. Como exemplo temos o tema da educação cívica da “Juventude Brasileira”, apregoada no decreto de sua criação. Sua premissa era “a formação da consciência patriótica” e, desta forma criar nas crianças e jovens “o sentimento que o Brasil é uma entidade sagrada”.

Percebendo a importância da Nação e de seu papel, o regime se sentiu responsável “pela sua segurança, pelo seu engrandecimento e pela sua perpetuidade”, estando dispostos “a dar por ela a própria vida” (Art. 16). Sobre a idéia de nação neste período, Lenharo (1986), analisa o fenômeno desta sacralização da política que toma para si dimensão religiosa, como aquele que “tudo vê”, que tudo sabe e que está acima de tudo e todos. Portanto, a nação não se constituiria em uma criação do poder humano, mas teria uma origem divina, eterna.

Por outro lado, Capelato (1998a), entende este momento como de construção dos valores de fraternidade e união, proporcionando uma suposta harmonia e a neutralização de divisões e conflitos. Enquanto, Hall (1997) ainda desvela quatro elementos enquanto estratégias discursivas que estão presentes na internalização da idéia de nação: “narrativa de Nação”, as “origens”, “invenção da tradição” e, finalmente, “mito fundacional”. Todos estes elementos podem ser encontrados na educação. E por fim, Veiga (2003), conclui que a civilidade da nação se constitui partindo das relações estabelecidas entre imaginários e representações, entendendo os espaços educativos (escola, família, etc.) como principal instância da construção da civilidade.

De qualquer modo uma questão é posta neste percurso de análise histórica: como esta civilidade seria consolidada nas crianças e jovens brasileiros durante o Estado Novo, em especial, entre os jovens curitibanos engajados no movimento da Juventude Brasileira?

Nesta busca por interpretações, recorre-se inicialmente a diversidade de fontes que referenciam esta pesquisa e aos autores que se esforçaram em compreender e explicar as questões que perpassam a problemática desta pesquisa.

Visto isto, procura-se responder à outros questionamentos que nos permitirão refletir sobre as implicações de tal movimento no universo escolar, social, cultural do país no Estado Novo: Dentre eles, qual foi a intensidade da atuação da “Juventude Brasileira” no Paraná? De que forma este movimento influenciou na educação escolar? Como o movimento contribuiu para a construção de um imaginário coletivo nos jovens escolares que dele participaram? Quais elementos das juventudes européias organizadas serviram de inspiração na constituição da “Juventude Brasileira”? Quais são as aproximações da organização brasileira e a “Juventude Hitlerista”, da Alemanha, a “Juventude Fascista”, na Itália, A “Mocidade Portuguesa”?

Para auxiliar nas respostas utilizaremos fontes que fornecem pistas e informações que aliadas às leituras e reflexões contribuem na construção de interpretações plausíveis. Entre elas estão: fotografias; legislação; imprensa, mais especificamente os jornais curitibanos “Gazeta do Povo”, “Diário da Tarde” e da chamada “Imprensa Escolar”, que consiste em um conjunto de jornais de grupos escolares, ginásio e colégios, financiados pelo regime e reunidos em exemplares semestrais, que se encontram na Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná; livros, artigos, legislação acerca do tema, que estão depositados no Centro de Pesquisa e Documentação Contemporânea (CPDOC), da Fundação Getulio Vargas, no Rio de Janeiro.

O historiador Le Goff (1990) nos convence que os documentos históricos se constituem produtos da sociedade e das relações de poder na época em que foram produzidos. Portanto, se faz necessário investigar e dialogar com os mesmos para poder utilizá-los de maneira consciente. Assim, para compreender o alcance e a atuação da Juventude Brasileira, se faz necessário recorrer a diversas fontes e de acordo com Ragazinni (2001), a fonte permite a verificação e o diálogo com o passado, permitindo até mesmo um reconhecimento da intenção do processo de produção desta.

A presente dissertação foi dividida em três capítulos.

No primeiro, destacamos as organizações da juventude que ocorreram em alguns países: “Juventude Hitlerista”, da Alemanha, a “Juventude Fascista”, na Itália,

A “Mocidade Portuguesa”, buscando subsídios para estabelecer relações com o movimento brasileiro, oferecendo ao leitor pistas de como estas se comunicaram e de alguma forma se influenciaram mutuamente. O capítulo dois, privilegia a organização da Juventude Brasileira. Neste, procurou-se enfocar a longa gestação do projeto que foi marcado por idas e vindas, avanços e retrocessos no seu caráter ideológico, administrativo e organizacional.

Por fim, no último capítulo, estaremos interessados em revelar como esta cultura cívica se expressou dentro e fora das escolas. Privilegiando as comemorações cívicas que se constituíram parte importante, senão, fundamental nas atividades da organização. Para tanto nos valeremos da imprensa curitibana e a importância que esta delegou a tais espetáculos festivos.

1 ORGANIZAÇÕES DE JUVENTUDES NOS PAÍSES EUROPEUS

Este capítulo tem o propósito de trazer informações sobre as juventudes organizadas na Europa. Deste modo, pode-se compreender de maneira mais aprofundada a organização da Juventude Brasileira, visto que esta buscou inspiração nestes modelos que já existiam nos países europeus.

Entender as atividades, ideologia e implicações destas organizações, permite estabelecer paralelos com a proposta brasileira, compreendendo o sentido que esta teve para os seus idealizadores e gestores.

Optei em privilegiar a investigação sobre a Juventude Fascista, a Mocidade Portuguesa e a Juventude Hitlerista, visto que os dirigentes brasileiros do Estado Novo buscaram informações nestas, inclusive através de documentos completos vindos desses países e que encontram-se anexados no dossiê de organização da proposta brasileira de arregimentação dos jovens¹³.

Há documentos das três organizações européias. Grande parte destes diz respeito à Juventude Hitlerista. No entanto, pode-se encontrar um registro, provavelmente encomendado pelo Ministério de Educação e Saúde Brasileiro, intitulado “Organização da Juventude nos Estados Unidos”.

Não foi possível precisar quem foi o autor de tal relatório e nem qual é a data do mesmo. Mas acredito tratar-se de um documento recebido no início do processo de organização do modelo brasileiro, assim como aconteceu com os demais documentos das outras organizações.

Nele há uma justificativa da não existência de arregimentação da juventude pelo Estado, apesar de esta se constituir em uma “preocupação permanente dos Estados Unidos”, principalmente por conta do desemprego.

Entretanto, admite-se o incentivo deste país a organizações juvenis criadas por associações particulares ou mesmo de programas criados pelo governo de auxílio, formação profissional e trabalho de jovens, sendo considerada a instituição de maior expressividade a Associação Cristã de Moços Masculina (Young Men

¹³ No arquivo de Gustavo Capanema no CPDOC, há uma pasta intitulada: “Subsídios utilizados por Capanema em suas interferências a respeito da organização de um movimento juvenil em âmbito nacional ligado ao Estado”. Nesta pasta é possível encontrar um texto de Rudolf Fuer sobre o serviço pré militar na Juventude Hitlerista, a descrição de uniformes da mocidade portuguesa, esquemas sobre a Juventude Fascista da Itália, bem como os projetos de Campos e Vasconcellos.

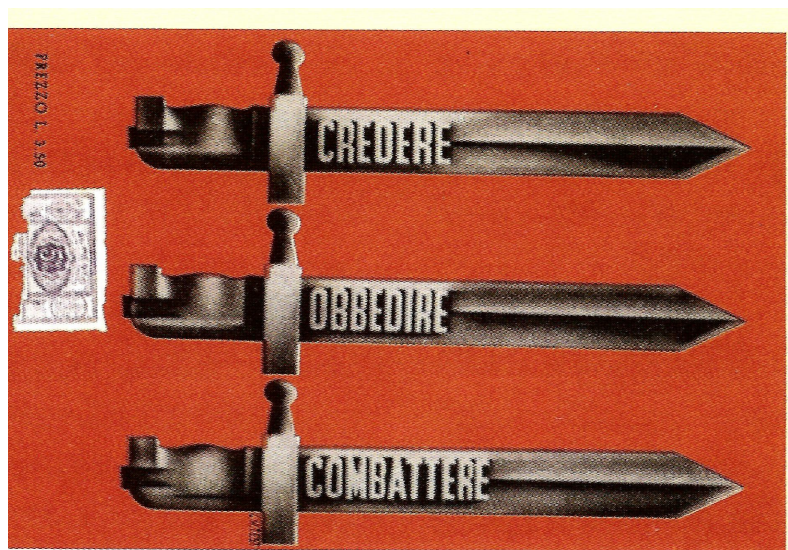
Christian Association - Y.M.C.A) e Feminina (Young Women Christian Association - Y.W.C.A).

A presença deste breve relato da experiência americana, juntamente com os documentos mais completos das organizações européias, leva a crer que havia uma angústia por parte dos dirigentes brasileiros em conhecer e inspirar-se nesses modelos já existentes apenas adaptando-os, de acordo com seus interesses, à realidade brasileira¹⁴.

Os documentos referentes à Juventude Hitlerista, Mocidade Portuguesa e Juventude Fascista trazem diversas informações e contém inclusive, anotações do Ministro no ato da sua leitura e estudo.

1.1. “*OPERA NAZIONALE BALILLA*”: A JUVENTUDE FASCISTA DA ITÁLIA

FIGURA 1 – CARTAZ JUVENTUDE FASCISTA



FONTE: TACCHI, Francesca. *Histoire Illustrée du fascisme*. Paris: Éditions Place des Victoires, 2000.

¹⁴ Cabe lembrar que além destas organizações, tem-se também a Komsomol, ou Juventude Soviética. Entendendo que este capítulo é uma tentativa de compreender quais foram as aproximações da Juventude Brasileira com os modelos existentes e que a organização soviética não foi tomada como modelo para a arregimentação brasileira, não nos deteremos na análise desta.

A imagem acima mostra um dos cartazes propagandísticos da *Opera Nazionale Balilla*, o mesmo traz três “baionetas”¹⁵, apontadas para a mesma direção, juntas contra um mesmo inimigo. Por estarem fora das bainhas, indicam que estão a postos para o combate. A ordem dos verbos utilizados, incrustados nos instrumentos, demonstra a hierarquia dos mesmos, deixando implícito o que era esperado dos jovens que faziam parte da organização fascista: “*credere, obbedire, combattere*”¹⁶ Era necessário em primeiro lugar crer, para obedecer e estar pronto para o combate. Este é o lema da organização da juventude italiana, consolidada em abril de 1926. Nela as crianças de 8 – 14 e os jovens de 14 – 18 anos seriam adestradas e preparadas para a vida militar.

A maioria dos documentos sobre a organização da ONB (*Opera Nazionale Balilla*), depositados no arquivo Gustavo Capanema não estão traduzidos e consistem em um conjunto de diagramas que explicam a hierarquia do movimento. Existe ainda um relatório (traduzido e não assinado), narrando como a arregimentação italiana foi criada e estabelecendo paralelos com a Organização Nacional da Juventude no Brasil.

No entanto, sabe-se que Capanema teve acesso a documentos completos da organização Italiana. Além de três páginas datilografadas contendo o número do decreto e um pequeno resumo sobre o que o mesmo versava, há uma anotação do Ministro que diz “ver decreto que institui a *Gioventù Italiana del Littorio*”. (ANOTAÇÕES DE CAPANEMA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09).

O relatório expressa qual seria o ideal na arregimentação italiana. Além de objetivar não deixar a juventude “à deriva de suas próprias paixões”, ela se constituía em um “viveiro onde a Milícia e o Partido se renovem constantemente.” (RELATÓRIO SOBRE A *OPERA NAZIONALE BALILLA*. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09).

Segundo o mesmo, o decreto de criação da O.N.B, dispunha sobre

“organização (administração, tropa, serviços), a educação (physica (sic), cultural, profissional, espiritual e religiosa), a preparação (militar, marinhesca, ruralista), as instalações de cursos, acantonamentos, acampamentos, colônias, e recrutamento, nada faltando, graças à feliz inspiração do padrão adoptado (sic), quanto à formação, órgãos, atribuições, prerrogativas, gerarchia (sic), subordinação e disciplina. (Relatório sobre a *Opera Nazionale Balilla*. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

¹⁵ Instrumentos utilizados na ponta dos fuzis por soldados para o combate corpo a corpo.

¹⁶ Crer, obedecer, combater.

A *Opera Nazionale Ballila per L'Assistenza e L'Educazione Fisica e Morale della Gioventù* (ONB), organizava seus membros em alas. Dos 8 aos 14 anos, os meninos participavam do *Ballila*, já aqueles de 14 a 18 anos integravam o grupo *Avanguardisti*. Assim como nos casos brasileiro e alemão, qualquer outro tipo de arregimentação de jovens ficou proibida de funcionar, garantindo a exclusividade aos regimes na formação do homem ideal apregoados pelos mesmos.

Segundo Bertonha (2004), esses grupos desenvolviam atividades diversas como os *il sabato fascista* (o sábado fascista) que eram reuniões festivas, competições esportivas, acampamentos, treinamentos militares com o objetivo de despertar a disciplina e obediência, através da ideologia militarista e nacionalista.

A organização italiana irá penetrar nas escolas por meio do ensino da Educação Física que se tornará obrigatório no ano de 1927. Segundo a concepção do tenente geral da Milícia Fascista, Renato Ricci, o professor de educação física teria a incumbência de instruir e educar os jovens para obter nos alunos “a perfeita harmonia entre o corpo e o espírito, para fazer deles atletas, elegantes sem esforço, naturais e vigorosos” (RICCI, 1929, citado por BAÍA HORTA, 2004, p. 6).

As escolas receberam a recomendação, inclusive, de facilitar e incentivar a inscrição na Juventude Fascista, principalmente nas alas femininas que acabavam de ser criadas no ano de 1927.

As meninas faziam parte da *Piccole Italiane* (8-14 anos) e *Giovani Italiane* (14-18 anos), destinada a preparar as moças para vida doméstica e materna.

Laura Malvano (1996), em seu trabalho “O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano”¹⁷ mostra como esta imagem foi construída pela organização:

Porém, bem menos sugestivos eram os modelos oferecidos ao sexo feminino: meninas e mocinhas serão rigorosamente excluídos do universo aventureiro dos homens. Receberão como proposta de leitura obras escolhidas com cuidado: *Ninhos de amor*, *Vão de borboletas*. [...] publicações tratarão de evidenciar com atenção as conotações das pequenas e jovens italianas: mulherzinha judiciosa e esperta executora dos “pequenos trabalhos das meninas”, pronta para cerzir as meias dos irmãos desembestados e a ninar as bonecas, “mãezinha dedicada” de futuros

¹⁷ In: LEVI, G., SCHMIT, J. C. (orgs.) **História dos Jovens, vol. 2.- A época contemporânea**. Trad. Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lucia Machado. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997b.

meninos, e, sobretudo “coadjuvando as boas mães na santa missão da família” (MALVANO, 1997b, p. 283).

Segundo Tacchi (2004), o papel da mulher, na sociedade fascista italiana se expressava nos ideais da ala feminina da organização italiana. As meninas tinham atividades de “economia doméstica, puericultura, ginástica rítmica, decoração e floricultura.” As mulheres estariam no centro do programa de regeneração do país, já que existiam políticas de maternidade, que proibiam inclusive, as práticas contraceptivas (TACCHI, 2004, p. 108), como veremos a seguir, esta prática também será percebida na Juventude Hitlerista.

Além do objetivo de doutrinar e disciplinar meninos e meninas, havia ainda a tentativa de mostrar ao povo italiano um estereótipo de juventude vinculado aos ideais de saúde, beleza, força e obediência.

Deste modo, as atividades físicas ocuparam papel primordial na organização.

Alguns anos mais tarde, o enquadramento da juventude será estendido à pequena infância, através dos *Figli della Lupa* (Filhos da loba)¹⁸, que enquadrava crianças de 6 a 8 anos.

A partir de 1934, a instrução pré-militar, antes oferecida apenas aos jovens de 18 anos em diante, passa a ser obrigatória a partir dos 8 anos, tendo como principal objetivo desenvolver a paixão pela vida militar.

O relatório que se encontra no arquivo de Gustavo Capanema, certamente encomendado, faz um paralelo entre as finalidades da *Opera Nazionale Balilla* e a Organização Nacional da Juventude (O.N.J)

Quais as finalidades da O.N.J? As mesmas da O.N.B. Proteção espiritual. Elevação moral. Preparação militar. Meios idôneos de preservar incorrupta a mocidade e aparelha-la, numa atmosfera de rigorosa, mas atraente e entusiástica disciplina, para as tarefas que aguardam todos os cidadãos, num Estado organizado, cioso de sua grandeza e sobrevivência. Isto quer dizer mais que instrução, ensino. É educação integral. (Relatório sobre a *Opera Nazionale Balilla*. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Percebe-se que o autor procura aproximar os ideais das duas organizações, ressaltando, inclusive, o ensino militar e a instrução, ensino, muito além das escolas.

¹⁸ Uma analogia à lenda de Rômulo e Remos, gêmeos amamentados por uma loba, símbolo da criação de Roma.

Segundo Baía Horta (2004), a organização procurou concretizar a palavra de ordem mussoliniana “livro¹⁹ e fuzil”. Entretanto, Mussolini, após utilizar-se do Ministério da Educação para arregimentar os jovens, acreditava que esta concretização do ideal pedagógico fascista, só se daria se o movimento estivesse vinculado ao Partido Nacional Fascista. Deste modo, em 1937, será criada a *Gioventú Italiana del Littorio* (GIL), destinada a absorver todas as organizações fascistas, masculinas e femininas.

A unificação da ONB em uma só organização contribuiu para a intervenção do partido não apenas dentro das escolas, mas para muito além dela visando a concretização de seus ideais, que são explicitados pelo juramento da GIL:

Em nome de Deus e da Itália juro seguir as ordens do DUCE e servir com todas as minhas forças e, se necessário, com meu sangue à causa da revolução fascista. (Citado por BAÍA HORTA, 2004, p. 8).

Pode-se concluir que o espírito de doação e amor à Pátria permeava os ideais da Juventude Fascista, delegando funções distintas para indivíduos de sexos diferentes. Sem dúvida, das arregimentações priorizadas neste trabalho, a italiana foi a que explicitou mais esta distinção, colocando a mulher como mera expectadora da formação e das atividades dos futuros soldados da pátria, o que, naquele momento histórico, representava uma grande missão.

1.2. A MOCIDADE PORTUGUESA

A Mocidade Portuguesa foi criada pelo decreto lei n. 26.611 de 19 de maio de 1936. Apresentando um caráter pré-militar tinha o objetivo de formar os jovens integralmente desenvolvendo sua capacidade física, formação do caráter e devoção à Pátria. Os dirigentes portugueses (assim como os brasileiros) visitaram a Itália e a Alemanha com o objetivo de estudar o funcionamento das organizações da juventude em tais países.

¹⁹ Esta máxima nos remete à fotografia do desfile em homenagem à Gustavo Capanema em Curitiba. Vide fig. 28.

Segundo Nóvoa (1992), “o Estado Novo (Português) compreendeu todas as potencialidades do ensino como fator de socialização: inculcou valores, subordinou corpos, disciplinou consciências”

Como esclareceram as autoridades responsáveis pela fundação da organização, a Mocidade Portuguesa:

não se pretende sobrepor à ação educativa da Igreja, da Família e da Escola - os três grandes agentes naturais reconhecidos pelo Estado português -, mas sim completá-las; (...) a técnica de formação integral da juventude seguida pela Mocidade Portuguesa tem como objetivo claramente definido formar homens de caráter, considerando que a formação do caráter está na base de toda a educação; que só depois de assegurada a formação do caráter se pode orientar a educação do rapaz no sentido de bem servir Deus, a Pátria e o próximo; que o homem bem formado só pode ser plenamente útil no serviço de Deus, da Pátria e do próximo se tiver meios de agir: apetrechamento intelectual, aptidões físicas que lhe permitam realizar quanto pense e sabe, desembaraço físico e saúde do corpo. (ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA MOCIDADE PORTUGUESA: SEUS OBJECTIVOS, SUAS ACTIVIDADES, 1953, CITADO POR NÓVOA, 1992)

A organização portuguesa guarda muitas semelhanças com o movimento brasileiro, principalmente no que diz respeito aos objetivos ideológicos, já que pretende ser complementar à família, Igreja e escola e não suplantá-la como é o caso da *Hitlerjugend*.

À juventude participante deveria ser dada uma organização nacional e pré-militar que estimulasse a sua devoção à Pátria, o desenvolvimento integral da capacidade física e a formação do caráter que, inculcando o sentimento da ordem, o gosto pela disciplina e o culto do dever militar, fosse colocada em condições de colaborar para a defesa da nação.

A Mocidade Portuguesa deveria arregimentar todos os jovens dos 7-17 anos, que estivessem na escola ou fora dela, no entanto, assim como na Juventude Brasileira a participação daqueles que estavam matriculados nas escolas era obrigatória, prevista no artigo 5 do Regimento da Mocidade Portuguesa:

Art. 5º - À MP (secção masculina) pertencem obrigatoriamente os Portugueses estudantes ou não, desde os 7 aos 14 anos, bem como os que frequentam o primeiro ciclo dos liceus, tanto do ensino oficial como particular e voluntariamente os restantes até à data do alistamento militar. Os estudantes filiados na MP poderão ser mantidos nos seus quadros até à conclusão do curso, mas nunca além dos 26 anos. (REGIMENTO DA MOCIDADE PORTUGUESA)

Esta obrigatoriedade aparece no relato do escritor José Saramago, em entrevista a Revista Época:

Em 1936, quando foi criada a Mocidade Portuguesa (nunca se lhe chamou juventude salazarista), eu tinha 13 anos. Milhares de crianças e adolescentes que freqüentavam naquela altura os ensinos primário, secundário e superior foram automaticamente metidos na Mocidade sem se lhes perguntar se estavam de acordo. E o mesmo

aconteceu aos que vieram depois. (SARAMAGO, José em entrevista à REVISTA ÉPOCA, ed. 443, 10 de novembro de 2006)

As crianças e jovens eram divididos em escalões, de acordo com a idade. Dos 7 aos 10 anos, chamavam-se "*lusitos*"; dos 10 aos 14, "*infantes*"; dos 14 aos 17, "*vanguardistas*"; dos 17 aos 26, "*cadetes*".

É interessante notar que as organizações europeias, em um primeiro momento não pensaram a arregimentação de meninas. Os meninos eram o "público alvo" destas e as meninas só foram lembradas algum tempo depois, como aconteceu com a organização portuguesa.

A Mocidade Portuguesa Feminina, só será criada um ano depois, no dia 8 de Dezembro de 1937, data, segundo alguns autores, escolhida propositalmente, já que neste dia era comemorado o dia da Imaculada Conceição.

No entanto, assim como nos demais modelos, o papel das meninas ficava restrito ao desempenho de sua função de mãe e dona-de-casa, ao contrário dos meninos que eram preparados para ser defensores da Pátria através da "instrução pré-militar" e da "educação política" (BAÍIA HORTA, 2004).

A Mocidade Portuguesa Feminina, tinha inclusive regimento próprio.

Segundo este Regulamento

Serão excluídas as competições ou exhibições de índole atlética, os desportos prejudiciais à missão natural da mulher e tudo o que possa ofender a delicadeza do pudor feminino. (A Organização) cultivará nas filiadas a previdência, o trabalho colectivo, o gosto da vida doméstica (...) e as várias formas do espírito social próprias do sexo, orientando para o cabal desempenho da missão da mulher na família, no meio a que pertence e a vida do Estado. (REGIMENTO DA MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA apud CARVALHO, 1985)

A semelhança com o artigo que trata da educação moral no decreto de criação da Juventude Brasileira é indiscutível

A educação moral procurará formar nas crianças e jovens de um e de outro sexo os sentimentos e os conhecimentos que os tornem capazes da missão de pais e mães de família. As mulheres dará de modo especial a consciência dos deveres que as vinculam ao lar, assim como o gosto dos serviços domésticos, principalmente no que se referem à criação e à educação dos filhos. (DECRETO 2.072/40 – ART. 3 § único)

Às meninas, restaria a missão de zelar pela boa educação dos filhos, dando-lhes uma formação consoante com os ideais patrióticos e religiosos dos regimes. Segundo Pimentel (2007), as moças participavam de ações de cunho assistencial.

Em 1941, as meninas da Mocidade Portuguesa participaram da “Semana da Mãe”, cujo objetivo era “lembrar a importância e a grandeza da missão maternal, prestando-lhe homenagem condigna; despertar nas raparigas o sentimento de gratidão e devoção pelas suas mães e o desejo de serem, no futuro, as continuadoras da admirável tradição das mães portuguesas.” (25 anos de atividades da MPF, 1963 apud PIMENTEL, 2007, p. 148). Neste mesmo ano, as moças da organização prepararam uma exposição de berços e enxovais, os quais foram doados para as famílias mais pobres.

A divisão das moças também ocorria por idades:

Art. 10º - As filiadas da MPF são agrupadas, com base na idade, em quatro escalões pela forma seguinte: 1º Lusitas, dos 7 aos 10 anos completos; 2º Infantas, dos 10 aos 14 anos; 3º Vanguardistas, dos 14 aos 17 anos; 4º Lusas, dos 17 em diante.

§ único – Organizar-se-ão em todo o País, formações lusas-enfermeiras.
(REGIMENTO DA MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA apud CARVALHO, 1985)

Havia em vários artigos deste regulamento questões ligadas à preparação das moças para atuar na área de higiene e saúde. Segundo Rodrigues (2004), as atividades desenvolvidas pela *Mocidade Portuguesa Feminina* iam

Para além da Formação Moral e Social, as restantes atividades e agrupadas em três grandes ramos: formação feminina, educação física, iniciação artística.

Para as “Lusitas”: Religião (catecismo); Formação Nacionalista; Higiene (pessoal); Canto Coral; Educação Física; Trabalhos Manuais.

Para as “Infantas”: Religião e História Sagrada; Formação Nacionalista; Higiene (pessoal e da habitação); Economia Doméstica (arranjo da casa); Canto Coral; Educação Física; Trabalhos Manuais.

Para as “Vanguardistas”: Moral e Religião; Formação Nacionalista; Higiene e Cuidados com os Doentes; Puericultura (pós-natal); Economia Doméstica (roupas); Canto Coral; Educação Física.

Para as “Lusas”: Higiene; Puericultura; Enfermagem; Prática de Línguas Vivas; Desenho; Dactilografia; Malhas; Rendas e Bordados; Costura e Corte; Chapéus; Economia e Arte no Lar; Culinária; Indústrias Caseiras; Jardinagem; Criação de Animais; (RODRIGUES, 2004, p. 34)

Pode-se perceber que além da saúde e religião, havia uma preocupação efetiva com a formação da dona de casa, pronta para exercer suas tarefas domésticas.

A principal linha ideológica da Mocidade Portuguesa (masculina e feminina) era a educação cristã, baseada nos princípios do catolicismo. Havia inclusive a

previsão de não serem aceitas crianças e jovens “sem religião” (BAÍÁ HORTA, 2004, p. 9), ou seja, aquelas que não professavam nenhuma crença religiosa.

De acordo com Pimentel (2007), havia uma imposição da religião católica nas fileiras da organização lusitana. Muitos alunos que não professavam o catolicismo, acabavam ingressando na organização por “vergonha ou medo do isolamento” . Estes, tinham assegurado pela legislação o direito de serem dispensados de atividades da Mocidade Portuguesa, por motivos religiosos. No entanto, na prática, isto não acontecia. Segundo Pimentel (2007)

Um pai solicitou, em 1946, uma dispensa de frequência às atividades do sábado para sua filha “em virtude de a mesma ser de religião hebréia”. A aluna deveria evidentemente ser dispensada à luz daquele despacho, mas Maria Gurdíola²⁰ usou o falso argumento de que, na atividade de formação moral e nacionalista da Mocidade Portuguesa Feminina, não se difundia a religião católica. O Ministério da Educação Nacional concordou com a comissão nacional, e a jovem ficou assim impedida de cumprir o dia de culto da sua religião. (PIMENTEL, 2007, p. 48)

Existe ainda o relato de um pai que reclamava pelo fato de a filha não ter o direito de participar da organização, pois a Mocidade Portuguesa se recusava a aceitar indivíduos “sem religião”, segundo o pai, ele lamentava o fato de a menina ser impedida de participar de “uma instituição do seu país por efeito de uma disposição de lei que tem tanto de violenta, como de intolerante”, já que deixava “alguns portugueses em situação de desfavor, proibindo-lhes o ingresso numa instituição nacional”, segundo o pai, além disso, apesar da proibição, era exigida uma contribuição obrigatória para os fundos da organização. (Despachos ministeriais do ano de 1947 apud PIMENTEL, 2007, p. 49)

Além da saúde ser preconizada através de estudos teóricos de saúde e higiene, existia uma ênfase na Educação Física, enquanto meio primordial de aplicação prática dos ideais de vigor físico

Art. 4º - A educação física, sempre associada à higiene, visará o fortalecimento nacional, a correcção e a defesa do organismo, tanto como a disciplina da vontade, a confiança no esforço próprio, a lealdade e a alegria são, mediante actividades rigorosamente adequadas ao sexo e à idade.

§ único – Serão excluídas as competições ou exhibições de índole atlética, os desportos prejudiciais à missão natural da mulher e tudo o que possa ofender a delicadeza do pudor feminino. (REGIMENTO DA MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA)

²⁰ Comissão Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina

Há uma diferenciação entre as atividades femininas e masculinas nas atividades físicas, demonstrando que, assim como nas outras organizações europeias, existia uma grande distinção entre os sexos.

Com relação aos uniformes das moças, elas deveriam trajar-se com uma camisa de seda ou popeline verde, saia (a qual o número de pregas dependia da ala que as meninas pertenciam), luvas, boina e casaco (modelo bolero) de cor castanha.

José Saramago em sua autobiografia “Pequenas Memórias” narra as estratégias utilizadas pelos jovens portugueses que não queriam usar o uniforme da organização

[...]
mandado com os colegas ao Liceu de Camões, onde se faria a distribuição das fardas verdes e castanhas da Mocidade Portuguesa, arranjei maneira de nunca sair do fim da fila que se prolongou até à rua, e ainda lá estava quando um graduado (assim lhe chamavam) veio avisar que se tinham acabado os fardamentos. Houve, nas semanas seguintes mais umas quantas distribuições de barretes, camisas e calções, mas eu, com alguns outros, sempre fui de civil às formaturas, contrariadíssimo nas marchas, inabilíssimo no manejo de arma, perigosíssimo no tiro ao alvo. Meu destino não era aquele. (SARAMAGO, 2006, p.131)

A memória do escritor relata a contrariedade em participar do movimento português e incorporar a idéia apregoada pelo mesmo. Segundo Saramago (2006), isto aconteceu porque há algum tempo ele havia percebido a natureza do regime, após se deparar com uma ilustração de um jornal humorístico que trazia o seguinte título “uma mão de ferro, calçada com uma luva de veludo” fazendo referência à Salazar. (SARAMAGO, 2006, p.130)

Os símbolos e rituais eram parecidos com aqueles da Juventude Brasileira: estandarte, hinos, desfiles, uniforme... Notamos uma aproximação entre a letra do Hino da Juventude Brasileira Feminina (vide p. 110) e umas das marchas entoadas pelos jovens portugueses:

Ó Mocidade irradiante,
Alma da Pátria a germinar!
Ergue o teu grito e teu montante,
AVANTE, AVANTE, AVANTE,
AVANTE
POR SALAZAR! POR SALAZAR!

Quem da apagada e vil tristeza
Nos veio enfim desenterrar?
Quem te alentou à nova empresa,

Ó Mocidade Portuguesa?
FOI SALAZAR!

Ele te ensina, e te destina,
Nossa honra e nome a restaurar:
Em vez do opróbio e da chacina,
Ordem, verdade, disciplina,
DIZ SALAZAR!

Não mais suspiros de saudade,

Nem só violas ao luar:
Tens que aprender, ó Mocidade,
Virtude, fé, vigor, vontade,
COM SALAZAR!
Pátria do Infante, e da Batalha,
E de Camões! Pátria sem par!
Renasce, acorda, crê, trabalha!
Tens outro Herói, da mesma igualha,
EM SALAZAR!

Nossos Avós, de além da morte,
Nos estão todos a bradar,
(Nuno, Albuquerque, Castro forte):
— Pátria, encontre um novo norte,
É SALAZAR!

Portugal todo enfim desperto,

O de aquém-mar e o de além-mar,
Já tem destino e rumo certo
Que foi traçado e descoberto
POR SALAZAR!

Alçada está nossa bandeira,
Bem firme e ativa pelo ar,
E quem nas mãos a leva inteira,
Em terra pátria ou na estrangeira,
É SALAZAR!

Ó Mocidade irradiante,
Alma da Pátria a germinar;
Ergue teu grito e teu montante,
AVANTE, AVANTE, AVANTE,
AVANTE
POR SALAZAR! POR SALAZAR!

(ARRIAGA, Lopes. *Mocidade Portuguesa: breve história de uma organização Salazarista*. Lisboa: Coleção Terra Livre, 1976. p. 25).

Assim como na canção feminina, os nomes de “heróis” nacionais aparecem. Palavras de ordem aparecem, expressando aquilo que o grande chefe da nação esperava de seus jovens, “disciplina, fé, trabalho”.

Estas são premissas essenciais para o movimento português, isto pode ser percebido na prática, já que os jovens receberiam prêmio que seriam representados por medalhas de mérito que enfeitariam seus uniformes, condecorações eram: bom comportamento, mérito escolar, mérito desportivo e altos serviços.

O estandarte, símbolo da *Mocidade Portuguesa*, trazia o brasão da bandeira de D. João VI, como podemos perceber nas bandeiras que os jovens carregam neste desfile

FIGURA 2 – JOVENS DA MOCIDADE PORTUGUESA EM DESFILE PATRIÓTICO



FONTE: www.oliveirasalazar.org

Nesta fotografia, os jovens aparecem trajando o uniforme oficial, o mesmo relatado por José Saramago (vide p. 24) da organização, que assim como a bandeira, traz o brasão de D. João VI. A simetria dos pés dos meninos remete à idéia de disciplina e unidade, um dos ideais apregoados por tal organização.

Um símbolo utilizado por todas as organizações juvenis estudadas, é o ato de levantar a mão direita, com os dedos unidos, em sinal de respeito aos seus dirigentes. Este símbolo é explicitado nestes dois cartazes propagandísticos da *Mocidade Portuguesa*

FIGURA 3 – CARTAZES PROPAGANTÍSTICOS DA MOCIDADE PORTUGUESA



FONTE: CARVALHO, R. (1985)

Percebemos, o pequeno menino, trajando o uniforme da organização, levantando o braço direito indicando saudação. No segundo cartaz, várias mãos se levantam para saudar o símbolo da *Mocidade Portuguesa*.

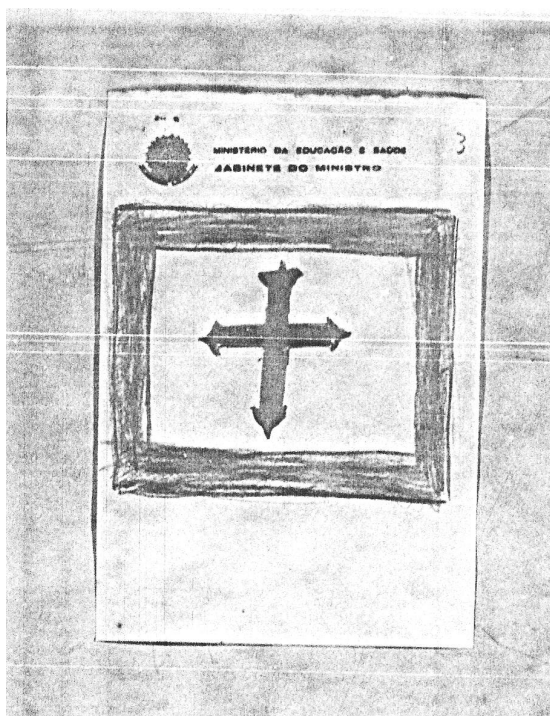
Esta saudação é prevista pelo artigo 16 do regulamento da *Mocidade Portuguesa* "A M.P. adota a saudação romana como sinal de subordinação hierarquica e patriótica solidariedade" (REGIMENTO DA MOCIDADE PORTUGUESA)

O governo brasileiro solicitou e recebeu da direção da organização lusitana um documento contendo a descrição dos uniformes, emblemas e distintivos do movimento.

Os modelos de uniformes dependiam da Ala ao qual o jovem pertencia. Para os *lusitos* o uniforme era composto por uma camisa verde, gravata preta e calção castanha; os *infantes* usariam o mesmo uniforme, entretanto, ao invés de usar calções usariam calças. Os *vanguardistas* e os *cadetes*, usariam uniforme semelhante, mas com um *dólmán*, ou seja, uma túnica por cima da camisa.

A inspiração neste documento, leva a crer que Capanema chegou a cogitar a possibilidade de adotar para a Juventude Brasileira um símbolo muito semelhante àquele da Mocidade Portuguesa, como pode-se perceber neste esboço do ministro antes de delegar a Affonso Taunay, como veremos mais adiante, a tarefa de desenhar o símbolo do estandarte da JB:

FIGURA 4 – ESBOÇO DE DESENHO DE ESTANDARTE DA JUVENTUDE BRASILEIRA FEITO POR GUSTAVO CAPANEMA



FONTE: Arquivo Gustavo Capanema - Esboços de desenhos de estandarte feitos por Capanema.
CPDOC/FGV: GC 1938.08.09

Analisando os regulamentos da organização portuguesa, encontramos diversas aproximações com a organização brasileira: a previsão de datas próprias para as formaturas e desfiles, adoção de cântico e estandarte próprios, a arregimentação dos jovens dentro das escolas.

Tem-se o exemplo das datas previstas para as comemorações. O dia 1º de Dezembro, seria considerado a data própria da comemoração, devendo participar também das outras festas nacionais de 14 de Agosto e 28 de Maio⁵¹.

Além das comemorações tradicionais da organização lusitana, os membros eram convocados para “manifestações de apoio ao regime salazarista ou de recepção de governantes”, esta recepção era feita, por exemplo, toda vez que o presidente se deslocava para fora do país. Há ainda o relato da presença em “funerais de dirigentes do regime.” (PIMENTEL, 2007, p. 85)

Outro ponto de aproximação diz respeito à escolha do hino da mocidade. Assim como aconteceu no caso brasileiro, havia a previsão de que “fica o Comissariado autorizado a abrir concurso público entre artistas nacionais para escolha do hino da M.P.” (REGIMENTO DA MOCIDADE PORTUGUESA, ART. 22).

No ano de 1940, o comissário nacional da *Mocidade Portuguesa*, José Soares, envia uma correspondência ao Ministro Capanema elogiando a criação da Juventude Brasileira.

Segundo ele, a notícia da assinatura do decreto de criação da organização brasileira, havia lhe causado grande “júbilo”.

Além disso, o sentimento de carinho que alimentava pela organização de seu país, era o mesmo que expressava pela Juventude Brasileira, depositando a certeza de que as duas organizações manteriam “íntima colaboração”. E ainda se coloca a disposição para “qualquer esclarecimento que a nossa experiência de três anos possa fornecer.” (CARTA DO COMISSARIADO NACIONAL DA MOCIDADE PORTUGUESA À GUSTAVO CAPANEMA. CPDOC/FGV GC: 1938.08.09 p. 322)

⁵¹ No dia 1 de dezembro, Portugal comemora o dia da “Restauração da Independência”, relembrando a recuperação da independência face à Espanha no ano de 1640. Já o dia 14 de Agosto rememora a Batalha de Aljubarrota, travada por portugueses e castelhanos em 1385. O dia 28 de maio assinalava o aniversário do Estado Novo português, instaurado em 1933.

No entanto no que concerne às práticas, pode-se afirmar que a Juventude Brasileira, teve mais vitalidade e alcançou um sucesso maior, especialmente se considerarmos o tempo de duração dos dois movimentos.

A *Mocidade Portuguesa* será extinta em 1974, juntamente com o regime que a criou e a sustentou.

1.3. A JUVENTUDE A SERVIÇO DO FÜHER: *HITLERJUGEND*

Susan Campbell Bartoletti, no prefácio do seu livro “Hitler Youth – growing up in Hitler’s shadow”, resume muito bem o que Hitler esperava dos jovens alemães:

Adolf Hitler admirava a energia natural e a capacidade de envolvimento dos jovens. Entendeu que eles poderiam ser uma poderosa força política que ajudaria a moldar o futuro da Alemanha. Em sua luta pelo poder, Hitler aproveitou o entusiasmo e a lealdade deles.

— Começo pelos jovens – disse Hitler – Nós , mais velhos estamos desgastados. (...) Mas meus maravilhosos jovens! Será que existem melhores no mundo? Olhem para todos esses rapazes e meninos! Que material! Com eles, posso formar um mundo novo.(BARTOLETTI, 2005)

Ele queria através dos jovens, de sua doutrinação, permanecer no poder. No contexto brasileiro, a manutenção do Estado Novo era um dos principais objetivos de arregimentar a juventude.

De acordo com a introdução da “Lei referente à Juventude Hitlerista”, de dezembro de 1936, o “futuro do povo alemão depende da juventude, por isso é necessário que toda a juventude seja preparada para cumprir os seus deveres no futuro”. (ESTUDO DE VON SCHIRACH SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE HITLERISTA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Ao nosso ver, a Juventude Hitlerista é a que mais inspirou a criação da Juventude Brasileira. Personagens de grande importância no Estado Novo eram simpáticos ao regime nazista. Luís Simões Lopes, Góes Monteiro, Filinto Müller. Gustavo Capanema recebeu um dossiê da Juventude Hitlerista, que trazia todas as informações ideológicas e organizativas da JH e ficou impressionado com a organização do movimento. O Ministro admirava o trabalho da arregimentação

alemã, entendendo esta como uma “organização exemplar, no que diz respeito a sua finalidade educacional”. (CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Criada oficialmente em 1926, com o objetivo de formar e educar os jovens seguindo a ideologia do nazismo, a principal função da Juventude Hitlerista era suplantiar a escola e a família, assumindo totalmente a educação da juventude, tendo garantias assim que deveriam gratidão e obediência ao *Führer*.

Eric Michaud, em seu artigo “Soldados de uma idéia – os jovens sob o Terceiro Reich”⁵², conta um pouco sobre a “*Hitlerjugend*”. Esta organização tinha na escola um espaço fundamental para o estado deixar sua marca racista. Os jovens deveriam ser “soldados políticos”, ou seja, que sabe a quem obedece e por quem luta.

Como aparece representado neste cartaz propagandístico da Juventude Hitlerista:

FIGURA 5 - CARTAZ PROPAGADISTICO DA JUVENTUDE HITLERISTA, 1939-

⁵² In: LEVI, G., SCHMIT, J. C. (orgs.) **História dos Jovens, vol. 2.- A época contemporânea**. Trad. Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lucia Machado. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997b.



FONTE: Arquivo da Bibliothèque Nationale de France

“Oficiais do amanhã”. Além da frase, a imagem do cartaz expressa o principal objetivo da organização alemã: formar os soldados para a Pátria. A semelhança de postura, feições e vestimentas entre o menino e o soldado, exprime a educação militarizada que os jovens recebiam desde cedo na *Hitlerjugend* com fins de alcançar o objetivo proposto.

No caso da organização brasileira, em alguns discursos de Capanema dirigidos à Juventude Brasileira, encontramos, uma forte aproximação com a ideologia apregoada na formação do “soldado político” da Juventude Hitlerista. Um exemplo, é o discurso de 18 de abril de 1940, proferido em comemoração ao aniversário do presidente Getúlio Vargas:

Juventude fiel! Quando falo que a juventude deve ser fiel, estou afirmando que a juventude está cumprindo seu dever.

Fidelidade não é adesão inconsciente. Fidelidade não é aceitação incondicional.

(Bravos).

Por que sois fiéis?

A quem sois fiéis?

Sois fiéis a Getúlio Vargas. (Palmas)

O que significa rigorosamente ser fiel ao Brasil? Por que sois fiéis a Getúlio Vargas? Só porque ele vos convocou? Só porque ele está na chefia do Governo? Só porque ele é o homem que manda? Certamente que não! (...) Vós o aplaudis e vós sois indefectivelmente por ele porque vós, nele, reconheceis dois atributos fundamentais do chefe que representa e que defende a Nação: o ideal e a vontade. (TRADUÇÃO DO DISCURSO DO SR. MINISTRO GUSTAVO CAPANEMA À JUVENTUDE BRASILEIRA CPDOC,FGV: GC 1942.04.18)

Como os próprios dirigentes do regime nazista admitem no documento enviado ao Brasil com as bases da organização do movimento alemão, a Juventude Hitlerista, não alcançou abrangência até a chegada de Hitler ao poder:

Antes de Hitler assumir o governo, foram grandes os sacrifícios que a “H.J” suportou: restrições , perseguições e assaltos estavam na ordem do dia. Vinte e um dos seus membros, tiveram que sacrificar a vida, na defesa das suas convicções: foram assassinados traiçoeiramente pelos seus adversários políticos. (ESTUDO DE VON SCHIRACH SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE HITLERISTA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

A Juventude Hitlerista ganhou maior visibilidade em 1932 com o assassinato do membro, Herbert Norkus por jovens comunistas. Este fato se tornou um marco na história da organização e mobilizou milhares de jovens em protestos e homenagens ao colega, tornando-se inclusive, um incentivo na campanha das eleições de julho do mesmo ano para o parlamento alemão, na qual o Partido Nacional Socialista tornou-se o maior partido político da Alemanha.

Nas “Diretrizes da H.J”, existe um calendário com as datas das atividades da Juventude Hitlerista, nele há a previsão de que o dia 24/01, seja dedicado à memória do Norkus.

Além desta data, percebe-se que os jovens pertencentes tinham o ano todo ocupado por atividades da organização:

Nos meses de fevereiro a abril realiza-se a grande “Maratona Profissional” [...]

A 20 de abril, data aniversária de Hitler, efetua-se a admissão dos novos candidatos nas fileiras da Juventude Hitlerista.

Significação especial adquire o 1º de maio devido à recepção oferecida pelo Führer aos vencedores da maratona e também por causa das extraordinárias manifestações organizadas pela juventude para festejar o dia do trabalho.

Depois, de junho a agosto, vem a época das excursões e dos acampamentos.⁵³ (ESTUDO DE VON SCHIRACH SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE HITLERISTA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Segundo Bartoletti (2005), em outubro de 1932, Adolf Hitler fez um discurso para mais de 70.000 jovens em Potsdam, no qual “agradeceu a Juventude Hitlerista por seu duro trabalho de campanha” (BARTOLETTI, 2005, p. 13) e lembrou o “martir” da organização, Herbert Norkus:

“- O que pode acontecer à um povo no qual os jovens sacrificam tudo para servir a grandes ideais?” ele perguntou a eles. Em resposta, os meninos e meninas ergueram o braço na saudação nazista gritando alto: “*Heil Hitler!*” (IDEM, p. 13)

Após a nomeação de Hitler como Chanceler da Alemanha, em 30 de janeiro de 1933, a Juventude Hitlerista passa a receber maior atenção e passa a ter também maiores responsabilidades.

O ano de 1933 assinala profunda mudança no desenvolvimento da “Juventude Hitlerista”. Essa organização que durante o período da luta pelo poder fôra (sic) tão ironizada, ridicularizada e desprezada, tornou-se o grêmio único que reúne a totalidade da juventude alemã. (ESTUDO DE VON SCHIRACH SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE HITLERISTA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

De acordo com Michael Kater, os jovens passam a ver Hitler como “um pai onisciente e onipresente” (KATER, 2004, p. 04) que proveria suas necessidades econômicas e psicológicas. Esta imagem remete àquela construída durante o Estado do Novo que apontava Getúlio Vargas como “pai dos pobres”.

A retórica do regime pregava que, ao contrário dos educadores do passado que intimidavam para educar, ou seja, apelavam para a fraqueza da juventude, o Führer apelava para a força. Isto era demonstrado desde “*Mein Kampf*”, onde Hitler fazia uma aclamação à juventude. Comparando a sabedoria dos velhos e a genialidade da juventude, preferia a segunda que era fonte de “inesgotável fecundidade para conceber idéias e planos, sem ser capaz de aproveitá-los todos

⁵³ Estas excursões e acampamentos, de acordo com o documento, acabavam com as desigualdades existentes entre as férias de crianças ricas e pobres: “o aprendiz já não precisa mais passar as férias num recanto triste do bairro industrial; o filho do capitalista já não escolhe mais uma estância de luxo onde passar os dias estáveis.”

devidos a sua exuberância, fornece aos velhos os materiais para as construções do porvir, na medida em que a sabedoria não tiver sufocado a genialidade” (ESTUDO DE VON SCHIRACH SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE HITLERISTA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

No desfile em comemoração à nomeação de Adolf Hitler, os jovens da organização demonstraram estarem cientes destas responsabilidades, e cantaram enquanto desfilavam “Estamos dispostos a morrer pela bandeira” (BARTOLETTI, 2005, p. 18).

Este e outros desfiles que aconteceram durante o regime nazista encantavam os jovens e os incentivava a ingressar, mesmo contra a vontade de seus pais, nas alas da *Hitlerjugend*.

Hannsjoachim Koch apresenta alguns dados que permitem perceber como o movimento cresceu em pouco tempo,

Na competição nacional da Juventude Hitlerista de 1934, participaram 50.000 mil meninos e meninas. Em 1939 este número subiu para 3.500.000 jovens. (KOCH, 2000, p. 104)

No que diz respeito à estrutura da Juventude Hitlerista, encontramos a divisão por idades, assim como na Juventude Brasileira, na Mocidade Portuguesa e na Juventude Fascista.

Os meninos de 10 a 14 anos, faziam parte da *Jungwolk* (D.J.) ou Infantes Alemães, passando a integrar a *Hitlerjugend* dos 14 aos 18 anos. As meninas, dos 10 aos 14 anos participavam da *Jungmädel* (J.M) ou Caçulas da Juventude Hitlerista e após completarem 14 anos, passavam a fazer parte *Bund Deutscher Mädel* (BDM), a Liga das Moças Alemãs.

O ingresso na organização era feito anualmente, sempre em comemoração ao aniversário do *Führer*, ou seja, no dia 20 de abril de cada ano. Percebe-se aqui uma aproximação com a organização brasileira que imprimia grande importância ao natalício do Presidente Getulio Vargas, chegando a comemorar o “Dia da Juventude Brasileira” no dia 19 de abril, aniversário do presidente.

Este ingresso dos meninos e meninas alemães se dava sob determinadas condições:

Durante o período de seleção, os meninos e meninas passavam por um exame escrito no qual precisavam provar que conheciam as idéias nazistas sobre raça e política. Eles também precisavam provar sua origem racial. Apesar do ingresso ser voluntário, muitas crianças não conseguiam entrar para o movimento. Só ingressavam aqueles meninos e meninas saudáveis que provassem sua origem “ariana”. (BARTOLETTI, 2005, p. 25)

É interessante notar que nos primeiros projetos da organização brasileira, havia a previsão do preenchimento de uma ficha na qual, além dos dados pessoais, o aspirante a membro da Juventude Brasileira deveria, assim como na organização alemã, informar a cor e as origens raciais. Apesar destas informações não determinarem a participação dos meninos e meninas no movimento brasileiro, podemos interpretá-la em partes, como um ponto de aproximação entre as duas organizações, já que ambas perseguiram ideais eugênicos.

O atestado de origem ariana, *Ahnenpass*, era um documento oficial, selado e assinado. Pelo fato deste documento ser pré-requisito para o acesso à *Hitlerjugend*, os judeus não estavam autorizados, sob hipótese alguma, a participar da organização alemã, nem mesmo “meio judeus, por mais ariana que a criança parecesse [...] e judeus convertidos ao cristianismo ou não praticantes.” (BARTOLETTI, 2005, p. 26)

Outra condição para a participação na Juventude Hitlerista era ser saudável. Crianças com deficiências físicas eram aceitas, em uma ala especial, desde que apresentassem o *Ahnenpass* e provassem que sua deficiência não tinha origens hereditárias.

Observadas essas condições, os jovens passavam por uma avaliação física, na qual

[...] os candidatos provavam sua capacidade física: participavam de corridas, jogavam beisebol, faziam natação e ginástica. As meninas faziam caminhadas de duas horas, enquanto os meninos faziam uma de três dias pelo país. Os meninos passavam por um teste de coragem, tinham que pular de uma altura de dois ou três andares em uma lona ou dentro d'água. (IDEM, p. 26)

Segundo Koch (2000), apesar da adesão a Juventude Hitlerista ser voluntária os professores das escolas primárias e secundárias alemãs pressionavam os alunos a ingressarem na organização.

Após ser comprovado que atendiam aos pré-requisitos e serem aprovados nos testes, os jovens participavam de uma cerimônia na qual selavam formalmente

sua entrada na organização. A cerimônia acontecia em grandes salões em várias regiões da Alemanha.

Em seu trabalho, já anteriormente citado, Bartoletti (2005) traz o relato de um jovem, que aos 12 anos participou de uma destas cerimônias ocorrida em Hamburgo. Segundo ele, diante de oficiais do partido nazista e da “Bandeira de Sangue” (supostamente embebida no sangue de Herbert Norkus), os meninos e meninas proferiam, um por um, o juramento da JH

Em presença desta Bandeira de Sangue, que representa nosso *Führer*, eu juro dedicar todas minhas energias e forças ao Salvador do nosso país, Adolf Hitler. Eu aceito e estou disposto a dar minha vida por ele, e que Deus me ajude. (BARTOLETTI, 2005, p. 24)

Após todas as formalidades, passavam a fazer parte da *Hitlerjugend*. A partir daí, os meninos e meninas eram liderados por jovens, formados nas escolas de líderes da JH.

A organização estaria ligada ao Ministério das Ciências, Educação e Cultura Popular e suas atividades eram bem variadas. Elas visavam desenvolver os aspectos físico e intelectual. Excursões eram realizadas quinzenalmente para a complementação das atividades e conhecimentos adquiridos na escola.

Eles participavam de acampamentos, caminhadas, marchas, competições esportivas, além de palestras e preleções, principalmente sobre os ideais arianos.

As atividades físicas tinham uma grande importância, chegando ocupar até cinco horas diárias das atividades escolares. Segundo Alan Dearn (2006), estas eram diferenciadas conforme sexo e idade

Meninas da BDM não recebiam um treinamento militar formal. Durante toda sua história a BDM não proporcionou atividades militares para seus membros. Igual ênfase é dada na importância dos exercícios físicos para meninos e meninas, mas com propostas completamente diferentes. Esportes para meninos tendiam a enfatizar atividades individuais e competição. Atividades parecidas com ginástica rítmica, para as meninas, davam destaque ao trabalho em grupo e à identidade, e supunham uma expressão visual da idéia de *Volksgemeinschaft*⁵⁴ (comunidade do povo) (DEARN, 2006, p. 25)

Esta diferença de concepções pode ser explicada através dos próprios objetivos da organização “os meninos recebiam treinamento preparatório para a vida militar, enquanto as meninas eram treinadas para serem boas esposas e mães” (BARTOLETTI, 2005, p. 28) através de atividades de treinamento doméstico e do grupo de Fé e Beleza, que tinha o intuito de proporcionar às moças “graça física”. Pode-se perceber aqui um ponto comum entre as quatro arregimentações estudadas neste trabalho: papéis diferentes de acordo com o gênero.

⁵⁴ Este é um termo específico do estado nazista que tenta expressar a idéia de unidade do povo alemão, significa “Comunidade do povo”.

No filme “Filhos da Guerra”⁵⁵, somos convidados a conhecer um pouco da organização nazista, além de mostrar as práticas da organização, temos notícias da ideologia apregoada pela mesma.

A função da menina sendo preparada para o cuidado com o lar e para a maternidade, é demonstrada no filme. Muitas meninas engravidavam, propositadamente para oferecer mais um “ariano” à Hitler e a nação alemã, como podemos perceber neste diálogo entre Solomon e a mãe de Leni (sua namorada):

(Mãe de Leni) - Você não está a par... Leni está grávida. Ela leu que cada alemã deve oferecer uma criança ao Führer e julgou ser seu dever. Goethke, seu professor disse que o pai deve ser do tipo nórdico, há muitos italianos na família do meu marido e Leni teme que a criança não seja de raça totalmente pura para ser admitida no *Lebensborn*⁵⁶.

(Solomon) - Ela vai dá-la?

(Mãe de Leni) - Oferecerá seu bebê ao Führer.

(Solomon) - E a senhora vai deixar?

(Mãe de Leni) - O que posso fazer? Não entendo mais minha filha! (Filme “Filhos da Guerra, 1990, 1:29:04 – 1:30:09)

Leni, havia tentado algumas vezes manter relações sexuais com Solomon para conseguir engravidar, no entanto, ele recusava-se temendo que a jovens descobrisse que era judeu por conta da circuncisão, a garota então procurou um colega da Juventude Hitlerista e engravidou.

Com relação aos garotos, em um primeiro momento, a instrução militar foi descartada. De acordo com o documento depositado no arquivo Gustavo Capanema, “ela (A Juventude Hitlerista) visa apenas a educação do adolescente para torná-lo um cidadão sadio, forte e eficiente no sentido nacional-socialista”.

⁵⁵ Título original “Europa, Europa”. O filme conta a história de Solomon Perel, um jovem que sobrevive ao Holocausto escondendo sua identidade judaica e paradoxalmente, encontrado refúgio junto à Juventude Hitlerista. Sua trajetória começa quando sua família alemã, mas de origem judaica, é perseguida pelos nazistas e se refugia em Loda, na Polônia, ele é capturado pelos nazistas e vê como única alternativa é se alinhar ao exército de Hitler.

⁵⁶ “Lebensborn” ou “Primavera da vida”, foi um programa criado pelo regime nazista que tinha o objetivo de tornar a raça germânica pura. Foram criadas casas, onde as gestantes poderiam dar a luz de forma anônima. Pelo menos durante o começo do projeto, foram aceitas somente mães solteiras que condiziam com as quesitos de “raça higiênica” do nazistas. O bebê ficava então a cargo das SS que tratava da respectiva educação e adoção. A partir de 1939, o Lebensborn implantou a política do rapto de crianças racialmente aceitáveis nos países ocupados da Europa de Leste. Estes raptos eram organizados pelas SS com o intuito de recolher as crianças que tinham os traços da raça ariana (cabelo loiro, olhos azuis, etc.). Milhares de crianças foram transferidas para os centros Lebensborn com o objetivo de serem germanizadas.

(ESTUDO DE VON SCHIRACH SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE HITLERISTA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Entretanto, em 1940, outro documento é encaminhado a Capanema informando-o que houve a “inclusão da instrução pré-militar no programa de atividade da *Hitlerjugend*”, esta mudança de objetivos era em decorrência das necessidades que se apresentavam com a II Guerra Mundial.

Ao contrário da Juventude Brasileira, que esteve sob forte influência dos ideais católicos, a *Hitlerjugend* travou uma batalha com a Igreja Católica que proibia seus jovens de participar do movimento e chegou a oferecer um grupo similar àquele do Partido Nazista. Existem, inclusive, relatos sobre revoltas e manifestações de membros da JH contra clérigos.

No documento depositado no arquivo Gustavo Capanema, há um relato sobre as divergências entre o catolicismo e a organização nacional socialista.

Segundo este documento, ao contrário da Igreja Evangélica que havia proporcionado a absorção das associações da mocidade evangélicas pela H.J., os “católicos se opuseram a uma solução razoável” (ESTUDO DE VON SCHIRACH SOBRE A ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE HITLERISTA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Em 1936, uma lei foi aprovada sobre a obrigatoriedade de todos os jovens alemães, exceto os judeus, participarem da Juventude Hitlerista. Esta lei, complementada por uma outra, três anos depois, previa a prisão para os pais ou membros da igreja que tentassem impedir o ingresso dos jovens na organização.

Em consequência destas leis, o número de jovens vestindo o uniforme marrom da JH cresceu significativamente. No ano de 1938 “quase oito milhões de jovens” (BARTOLETTI, 2005, p. 37) já haviam ingressado na *Hitlerjugend*.

Os “soldados políticos”, formados pela Juventude Hitlerista ganharam as ruas e passaram a fiscalizar as condutas de companheiros, vizinhos, dos próprios pais, denunciando-os para seus líderes, o que resultava na maioria das vezes em prisão pela Gestapo.

Como o início da II Guerra Mundial, os jovens que participavam da organização se animaram, finalmente poderiam colocar em prática os conhecimentos aprendidos até então. Desde trabalhos simples, como entregar cartas ou ajudar o esforço de guerra coletando metal, até os mais complexos como cavar trincheiras, fazer com que famílias polonesas desocupassem suas casas ou estar nas frentes de batalha, tudo era motivo de orgulho para os jovens que tanto se prepararam para lutar.

Alguns jovens dissidentes da organização se mobilizaram para tentar mostrar aos colegas e ao povo alemão algumas atrocidades que estavam acontecendo durante o regime nazista. Para estes rebeldes, foram criados campos de concentração especiais onde realizavam exercícios físicos e trabalhos forçados. Após o julgamento pelo “Tribunal do Povo”, muitos eram condenados a morte e decapitados.

A aproximação da lógica de organização e transmissão de ideologias que levariam a assimilação de valores culturais cívicos entre a “Juventude Brasileira” e a “Juventude Hitlerista” é bastante plausível.

Porém, cabe ressaltar que as aproximações da “Juventude Brasileira” com a “Juventude Hitlerista” não se esgotam na estrutura e objetivos propostos, elas também guardam semelhanças nos símbolos e rituais.

O Jornal “Gazeta do Povo”, no dia 19/11/1942 divulgou minuciosamente as instruções para a solenidade de “Juramento à bandeira”:

[...]
CERIMONIAL PARA O JURAMENTO DE FIDELIDADE DA JUVENTUDE BRASILEIRA À BANDEIRA DO BRASIL.

I – Orientação geral

1-Participarão da solenidade os jovens de ambos os sexos com idade entre 13 e 18 anos;

2-Comparecerão com as respectivas escolas, representações industriais, fabris e comerciais formando pelotões sob a direção de um jovem previamente escolhido pela direção da escola ou do estabelecimento;

3-A testa de cada escola ou representação, se possível, uma Bandeira Nacional e à sua retaguarda, o estandarte da juventude brasileira e a flâmula da representação;

4-Todos os jovens ostentarão no braço esquerdo, a fita verde e amarela, fornecida, pela manhã, pela Liga de Defesa Nacional;

5-As representações usarão, os uniformes colegiais e os extra escolares de preferência, trajes brancos, caso não chova.

II – Constituirão a organização de cerimônia

A Juventude Brasileira formará 2 agrupamentos:

Agrupamento Caxias: (a cargo do Cap. Moraes).

À esquerda:

Formando em massa, linha de colunas, constituindo de todos os jovens do sexo masculino participantes da cerimônia.

Agrupamentos dra. Rosa Fonseca: (a cargo do Cap. Fabrício)

À direita:

Também formado em massa, linha de colunas, constituirão todas as meninas e moças pertencentes às representações.

À frente, voltadas para as representações, formarão em linha todas as Bandeiras Nacionais das unidades do Exército, com as respectivas guardas de honra.

À retaguarda os estandartes da Juventude Brasileira.

Neste trecho percebe-se a participação dos alunos das escolas públicas de Curitiba no desfile. A extrema preocupação com a ordem, a disciplina e a moral, prevendo inclusive agrupamentos diferentes para estudantes de sexos diferentes.

Nota-se também, a exaltação a “grandes” heróis da Pátria na nomeação dos agrupamentos. O estandarte da “Juventude Brasileira” que se faz obrigatório no desfile foi definido pelo decreto lei nº 7.807 de 05/09/1941.

III – Cerimonial

Ao toque “Em continência a Bandeira – Apresentar armas” todos os jovens na posição de sentido estenderão energeticamente o braço direito horizontalmente à frente do corpo, mão aberta, dedos unidos e a palma para baixo e repetem em voz alta e pausada o seguinte compromisso que lhes será lido:

‘Unidos – coesos – em volta da Bandeira do Brasil – símbolo augusto imaculado de nossa Pátria – prestamos nosso juramento cheios de fé que nos inspira a realidade de nossas tradições – os anseios do presente e as altas aspirações do futuro – de não medir sacrifícios – sejam quais forem – trabalhando – lutando – com energia – com disciplina – com amor – pela glória eterna do Brasil.’

Findo o compromisso os jovens retornarão aos seus lugares nas respectivas organizações.

4- Canto do Hino Nacional

5- Incineração das Bandeiras em mau Estado de Conservação

6- Oração à Bandeira

7- Revoada de Pombos

8- Canto do Hino à Bandeira

9- Arreamento solene do Pavilhão Nacional

10- Escoamento das representações. (Gazeta do Povo 19 nov. de 1942)

Encontramos muitas semelhanças entre o texto deste juramento com aquele da organização alemã já apresentado anteriormente e com hino da “Juventude Hitlerista”

Nossa bandeira flutua diante de nós. No futuro entramos um a um. Marchamos por Hitler na noite e na miséria. Com a bandeira da juventude, pela liberdade e pelo pão. Nossa bandeira flutua diante de nós. Nossa bandeira é o tempo novo. E a bandeira nos conduz à eternidade. Sim! A bandeira é mais que a morte. (MICHAUD, 1997b, p. 311)

Outro fato importante é a supressão, no calendário, de muitas datas cívicas e religiosas que serão substituídas por comemorações próprias do Nacional Socialismo

No verão de cada ano, havia um dia chamado “Dia da Juventude do Estado”, outro feriado implantado no calendário que gradativamente contribuirá para o desaparecimento de feriados religiosos, que serão substituídos por feriados Nacionais Socialistas. As aulas ao sábado foram suspensas para que os membros da Juventude Hitlerista pudesse, dedicar o dia todo em treinamentos físicos ou jogos para-militares. (KOCH, 2000, p. 104)

Como no caso alemão, a Juventude Brasileira ganhou novos motivos para comemorar, como veremos mais adiante. Datas cívicas tradicionais do calendário brasileiro deram lugar a comemorações próprias do Estado Novo como “Dia do Presidente” (18 de abril), “Dia da raça” (05 de setembro) e “Aniversário do Estado Novo” (10 de novembro).

Os desfiles em homenagem ao Führer, assim como aqueles em homenagem a Getúlio Vargas, demonstravam não só aos próprios atores que deles participavam, mas aos expectadores que os prestigiavam, a unidade, o vigor, a beleza física.

Esta fotografia mostra um desfile em homenagem a Adolf Hitler em Coburg

FIGURA 6 – DESFILE EM HOMENAGEM A ADOLF HITLER – COBURG



FONTE: BARTOLETTI, 2005.

As crianças, organizadas em filas, desde a mais tenra idade, aprendiam a saudar o chefe. A grande maioria, inclusive as professoras, trajando vestidos brancos, com os cabelos arrumados, lembrando o ideal eugênico do regime nazista. Esta foto assemelha-se com algumas que mostram desfiles da Juventude Brasileira (ver figuras 25, 26 e 28), onde meninas vestiam suas roupas de festa e demonstravam beleza e asseio nos mínimos detalhes, para participar desses imensos espetáculos cívicos.

A Hitlerjugend será extinta em 1945 com a queda de Hitler.

A Juventude Brasileira apresenta similitudes com os modelos europeus, tanto nos aspectos burocráticos, quanto nas atividades práticas. Este fato pode ser explicado pela consulta dos gestores do movimento brasileiro, que hora reforçaram estas aproximações, hora lutaram para afastar toda e qualquer referência às organizações já existentes.

2 A ARREGIMENTAÇÃO DOS JOVENS NO ESTADO NOVO: DA ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA JUVENTUDE À JUVENTUDE BRASILEIRA

Este capítulo tem o propósito de levar à compreensão de como ocorreu a organização da Juventude Brasileira, desde a primeira idéia de arregimentação dos jovens no Brasil até a consolidação do movimento e sua extinção em 1945, buscando apresentar além do percurso histórico, as principais características assumidas por tal organização.

2.1 FRANCISCO CAMPOS E O PRIMEIRO PROJETO PARA A ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA JUVENTUDE

Francisco Campos foi um jurista ligado ao pensamento autoritário. De acordo com Nunes (2004), Campos colocara em prática este pensamento, após a Revolução de 1930, quando tentou fundar em Minas Gerais, a Legião de Outubro⁵⁷. Ele deixava transparecer influências nazi-fascistas, utilizando inclusive, lemas usados pelo regime nazista como, por exemplo, “um chefe (*Ein Führer*), um povo (*ein volk*), uma Nação (*ein Reich*)” (apud NUNES, 2004, p. 28). Foi nomeado Ministro da Justiça, após ocupar o Ministério da Educação e Saúde.

Segundo Schwartzman (2000), Campos, teve uma atuação expressiva na vitória de Minas Gerais na Revolução de 1930, além disso, demonstrava grande preocupação com a área da educação. Entre suas iniciativas podemos citar: Conferência Nacional de Educação em Belo Horizonte e a visita de alguns educadores europeus que trouxeram inovações no campo pedagógico.

De acordo com Baía Horta (1994), no artigo 132 da constituição de 1937, Francisco Campos deu pistas de seu interesse em organizar a juventude. No capítulo destinado à educação, previa a fundação de instituições destinadas à “organizar para a juventude períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento do deveres para com a economia e defesa da Nação”.(CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 1997)

⁵⁷ Este movimento, tratava-se de uma organização para-militar que tinha como objetivo consolidar os princípios da Revolução de 1930. Este movimento apresentava fortes semelhanças com as milícias nacional-socialistas e fascistas.

Francisco Campos elaborou e encaminhou ao Presidente Getúlio Vargas em março de 1938 a proposta de Organização Nacional da Juventude, que tinha um forte caráter paramilitar, que como tentamos demonstrar no capítulo anterior, teve inspiração nas organizações da juventude em países europeus, como a Juventude Fascista (Itália), Juventude Hitlerista (Alemanha) e a Mocidade Portuguesa (Portugal).

O projeto de Decreto Lei vem acompanhado de um Projeto de Regulamento técnico-disciplinar e Regulamento administrativo bastante minuciosos, onde constam os objetivos da organização, bem como a estrutura organizacional da mesma.

Iremos destacar a seguir, alguns dos principais pontos destes projetos, o que nos ajudará a compreender os embates pelos quais passou até atingir a estrutura definitiva que a Juventude Brasileira assumirá alguns anos depois.

2.1.1. Estrutura administrativa

A Organização Nacional da Juventude (ONJ) ficaria sob a tutela, comando e definição doutrinária do Presidente da República, sendo dirigida por uma “Junta Suprema” da qual fariam parte, além do presidente, o Ministro da Justiça e o Ministro da Guerra.

Além da “Junta Suprema”, haveria ainda um Conselho Nacional, composto por 15 cidadãos (dos quais um deles, deveria ser um sacerdote da Igreja Católica), e um Secretário Geral, todos nomeados pelo Presidente da República e ficaria com a incumbência de convocar e conduzir as sessões do conselho, supervisionar os serviços administrativos, bem como orientar a propaganda e divulgar a ideologia da ONJ em território nacional.

O Regimento Administrativo ainda determina a criação de Departamentos Estaduais e Municipais da ONJ, que estariam sobre a direção de conselhos e secretários nomeados por Getúlio Vargas.

Chama a atenção perceber a formação e a função dos Conselhos Municipais. O regimento prevê que a sua função seria “representar a autoridade moral da Organização e a garantia de confiança pública na ação educativa do Estado, pela qualidade de seus membros escolhidos entre as figuras representativas da tradição moral da família brasileira”.(REGULAMENTO TÉCNICO ADMINISTRATIVO, ART. 45, CPDOC, FGV:GC 1938.08.09)

Quanto à formação deste Conselho Municipal, ele seria composto por três membros, sendo que um deles deveria ser, obrigatoriamente, um pai de família, mais especificamente, aquele que tivesse o maior número de filhos participando da organização.

Além destes Conselhos, há ainda a previsão da formação de um “corpo de assistentes”, onde estariam envolvidos pais, professores, diretores, membros de associações desportivas e ministros da Igreja Católica⁵⁸, cada qual com atividades próprias.

Aos professores caberia “encarecer a significação política, moral e social da obra da organização da Juventude”, salientando a “dignidade do que a ela pertencem”, sempre incorporando “caráter nacional” às disciplinas pelas quais fossem responsáveis. Além disso, estes teriam a tarefa de encorajar os jovens a participar da organização.

O Regimento explicita as atribuições dos demais assistentes, sempre propondo a inculcação de valores cívicos-patrióticos, em consonância com o regime.

Visto isto, podemos concluir que esperava-se uma mobilização geral, de diversos setores sociais em torno da administração da Organização Nacional da Juventude, os pais, a escola, os professores, a Igreja Católica, deveriam estar preparados para educar em consonância com a organização, garantindo deste modo a consolidação dos objetivos do movimento. Para tanto, além das instâncias administrativas, era necessário organizar o funcionamento da Organização Nacional da Juventude.

2.1.2. Estrutura Organizacional

A inscrição na ONJ seria voluntária. Para se registrar, os jovens, acompanhados dos pais deveriam preencher uma ficha, onde constariam:

- a) notas civis: nome, idade, filiação, naturalidade e residência;
- b) notas antropológicas: sexo, cor, índices antropométricos, tipo constitucional, origens raciais;

⁵⁸ Cabe ressaltar que a Igreja Católica procurou estar presente desde o primeiro momento da organização do movimento e exercer influência, em especial, no que concerne às bases morais do mesmo.

- c) notas eugênicas e médicas: estado de saúde, idade mental, características hereditárias, temperamento, índice de robustez;
 - d) notas educativas: grau de instrução, aptidões profissionais, vocação artística;
 - e) notas econômico-sociais: nível de vida familiar, condições de trabalho, tipo de habitação, natureza da alimentação;
- notas ideológicas: religião. (Ante-projeto da Organização Nacional da Juventude. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Apesar de não haver nenhuma restrição, ao contrário do ocorria na *HitlerJugend* por exemplo, da participação dos jovens de acordo com origens raciais ou religião, percebe-se uma grande preocupação, principalmente com os ideais eugênicos.

Junto com a ficha de inscrição, deveria haver uma declaração dos pais ou responsáveis, autorizando a arrematamento do jovem em tal organização.

Segundo o Regimento Administrativo, meninos e meninas deveriam ter entre 8 e 18 anos, divididos em dois grupos: os Aspirantes (8-13 anos) e os Pioneiros (13-18 anos), ou seja, de acordo com tal projeto crianças de 8 anos de idade já eram considerados jovens. A participação na ONJ concederia alguns privilégios até mesmo para os egressos que passariam a ter “preferência, em igualdade de condições, para o preenchimento de cargos públicos” e “direito à consideração especial, perante as autoridades do país... em todos os atos da vida civil e política”.(REGIMENTO ADMINISTRATIVO DA ONJ, ART. 59. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

A ONJ teria como principal objetivo preparar a juventude para exercer ações adequadas às novas normas que passaram a reger a vida brasileira. Para tanto deveria oferecer instrução pré-militar, educação esportiva, assistência social, educacional e religiosa.

Quando analisamos os artigos do Regimento Técnico-disciplinar que dizem respeito à instrução pré-militar, nos deparamos com instruções que levam a crer, que assim como a Juventude Hitlerista, a ONJ teria como uma das funções formar soldados para no futuro lutarem pela Nação.

Esta instrução previa, além de outras, “no exercício e na educação militares com armas, no conhecimento das manobras e da tática do combate e de toda a estrutura do Exército e da Marinha Nacionais”.(REGIMENTO TÉCNICO-DISCIPLINAR ART. 58. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Este projeto não privilegia muito a relação da ONJ com as escolas, apenas prevê a utilização desta como meio de ampliar seu campo de atuação.

Um aspecto bastante privilegiado nos projetos foi a orientação cívico-patriótica, prevendo culto à bandeira, canto do Hino Nacional, disciplina e amor à Pátria. Entretanto, pode-se perceber que a doutrinação cívico-patriótica está muito mais latente no projeto final da Juventude Brasileira.

O projeto de Francisco Campos não teve boa aceitação, especialmente por parte do Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, que redigiu um documento ao Presidente Getúlio Vargas, expondo sua desaprovação em diversos pontos dos projetos.

As críticas de Dutra dizem respeito à inspiração nas organizações da juventude dos países europeus. O Ministro da Guerra, explicita as diferenças entre os países europeus que mantêm organizações juvenis, como nações que não expressam tanta diferença e desigualdade como o Brasil.

Dutra expressa preocupação com as taxas de analfabetismo, já que segundo ele “quando aqueles países cuidam da organização da juventude, partem da preliminar que esta juventude já está alfabetizada. O mesmo não se dá no Brasil, onde ainda é elevado o número de analfabetos entre os jovens de 7 a 17 anos.” (ANTE-PROJETO DA ONJ. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Com relação ao caráter pré-militar da organização e à vinculação desta ao Ministério da Justiça, colocando-a de forma paralela ao Exército, o ministro protesta:

Não consulta os interesses da defesa nacional e vem retirar das classes armadas uma atribuição que não deve ser concedida a outrem. Só ao Exército deve caber todo o poder militar.[...] A instrução pré-militar já está regulada nas próprias leis militares e com vantagens perfeitamente especificadas para jovens que recebem instrução nos estabelecimentos de ensino. (Observações de Eurico Gaspar Dutra a respeito do projeto da ONJ de Francisco Campos. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Dutra, enfim propunha que havia a necessidade de se organizar a juventude, mas que isto deveria acontecer no interior do Sistema Educacional já existente, ficando a cargo, portanto, do Ministério da Educação, modificando o caráter pré-militar e desvincilhando o ensino religioso católico, que aparecia no projeto, sendo contrário a qualquer tipo de tendência religiosa para os jovens que participassem da organização.

Outras críticas partiram de Alzira Vargas⁵⁹, em seu parecer afirma que o projeto era “obra de importação clandestina, traduzida das organizações européias, sem a competente adaptação ao meio nacional”. Critica também o caráter militar, considerando esta orientação “perigosa”, já que, segundo ela, não havia o objetivo de “formar soldados, mas de formar cidadãos, capazes de produzir em todos os setores, tornando o entusiasmo infantil uma força criadora”.

Alzira irá ainda recriminar a orientação católica que o projeto previa, segundo ela seria uma contradição, considerando que o país não tem uma religião oficial. Outro ponto tocado por ela foi com relação aos gastos que a ONJ, da maneira como foi estruturada no projeto poderia gerar custos onerosos para os cofres públicos.

O parecer de Alzira, apresenta muitas semelhanças com o parecer anônimo apresentado mais adiante.

Na análise das fontes consultadas, percebemos que o Ministro da Educação no Estado Novo, Gustavo Capanema⁶⁰ também irá concordar com a arregimentação da juventude, entretanto propondo algumas mudanças no projeto de Francisco Campos.

Ele encaminhará ao presidente Getúlio Vargas sua análise em setembro de 1938. Gustavo Capanema sugere que ao invés de “Organização Nacional da Juventude” o movimento seja denominado “Mocidade Brasileira” ou “Juventude Brasileira”, o que ao seu ver, explicitaria o seu vínculo com o Brasil, assemelhando-se à “Mocidade Portuguesa”, procurando, sem dúvida afastar as relações com a Juventude Fascista e a Hitlerista.

Para o Ministro da Educação as finalidades também deveriam ser mais restritas, deixando de lado o ensino profissional, a assistência e a educação militar. Esta sua sugestão se deve ao fato de que, caso estas dimensões fossem atendidas, a Juventude Brasileira estaria invadindo um campo de atuação que não era da sua alçada. Visto isto, ficaria a seu cargo dois objetivos: a educação física e a educação moral e cívica, em parte, essas preocupações se aproximavam daquelas de Dutra.

⁵⁹ Alzira Vargas, filha do Presidente Getúlio Vargas, era sua secretária particular. Foi ela quem propôs a idéia de receber sugestões de projetos da ONJ, de vários setores do cenário nacional, como militares, educadores e integralistas. Para aprofundamento sobre sua participação no Estado Novo: PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. Getúlio Vargas: Meu Pai. Rio de Janeiro: Ed. Globo, s/d.

⁶⁰ Gustavo Capanema torna-se Ministro da Educação em 1934, substituindo Francisco Campos. Segundo Schwartzman (1985), ele firmou um pacto entre Vargas e a Igreja Católica e centralizou ao máximo a educação nacional.

Neste caso, nada mais adequado que a ONJ ficasse a cargo do Ministério da Educação e Saúde. Entretanto, a “estrutura unitária” proposta poderia ficar “desvinculada dos governos estaduais e municipais”, ou seja, não haveria articulação entre estados e municípios.

Baía Horta (1994) explica que Capanema propõe ainda algumas alterações de caráter estrutural. A inscrição deveria ser obrigatória para todos os jovens de 07 a 18 anos, matriculados nos estabelecimentos de ensino oficiais ou particulares. Estes deveriam ser divididos em “infantes” e “bandeirantes”, de acordo com a idade.

Como se constatou anteriormente, o projeto do Ministro da Justiça não privilegiava a relação entre a ONJ e a escola, assim como a crítica de Dutra que alertava para que esta seria “um aparelho desligado da escola[...] uma instituição à parte, que prescinde da escola, que com ela não se comunica, que dela não depende ”. (OBSERVAÇÕES DE EURICO GASPAR DUTRA A RESPEITO DO PROJETO DA ONJ DE FRANCISCO CAMPOS. CPDOC, FGV, GC 1938.08.09) Capanema, divergindo desta posição, defende que as escolas sejam sedes da ONJ e que auxiliem na tarefa de preparar a juventude e assim “poderiam realizar o papel que os grandes pedagogos de todos os tempos lhes traçaram” . (OBSERVAÇÕES DE GUSTAVO CAPANEMA A RESPEITO DO PROJETO DA ONJ DE FRANCISCO CAMPOS. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09) Mesmo onde não existissem escolas, deveria existir um centro de atividades da organização, deste modo haveria “duas espécies de centros de educação física e moral da juventude: os centros escolares e os centros extra-escolares”. Como a ONJ estaria estreitamente relacionada com a escola, o ministro propõe a criação de escolas de preparação para os professores atuarem em consonância com os objetivos de tal organização.

Capanema, por fim, sugere a composição de um novo decreto-lei, que deveria estar a cargo do Ministério da Educação.

2.2. A TENTATIVA DE CARÁTER MILITAR

A disputa pela organização juvenil chegou ao exército. Alguns expoentes acreditavam que esta deveria ter características semelhantes à organização alemã. Segundo José Martins Nunes (2004),

a cúpula do Estado Novo situada mais à direita, como Francisco Campos, Filinto Müller e Góes Monteiro, imediatamente começou a considerar de grande importância a criação de um organismo semelhante à Juventude Hitlerista, com características educacionais e paramilitares.(NUNES, 2004, p.123)

Para eles, seria através do envolvimento da juventude em uma organização que o Estado Novo teria continuidade. O principal ponto a ser discutido, neste caso era o envolvimento das Forças Armadas e o Ministério da Educação e Saúde.

A partir dos documentos relacionados à criação da Juventude Brasileira depositados nos arquivos do CPDOC, e dialogando com Nunes (2004), podemos entender que o Presidente da República não se envolveu nestes impasses e lutas de interesses, deixando “a discussão (e as desavenças) entre seus colaboradores correr solta, para, depois decidir através de um definitivo decreto-lei ”.(NUNES, 2004, p. 124)

Neste cenário bastante conturbado, o novo Ministro da Guerra, General Meira de Vasconcellos, apresenta um projeto completo de decreto-lei para a Juventude Brasileira, alegando que uma das funções do exército em “tempos de paz” seria velar pela “educação e preparação cívica do povo” (PROPOSTA DE DECRETO-LEI DO GAL. MEIRA DE VASCONCELLOS CPDOC, FGV: GC 1938.08.09).

Esta atitude de Vasconcellos, irritou Filinto Müller, um dos críticos da vinculação da Juventude Brasileira com o exército, que acusou o Ministro da Guerra de estar reivindicando “para si a paternidade da criação da Juventude Brasileira ”. (NUNES, 2004, p.125)

Mas o que propunha a versão de Meira de Vasconcellos? No que esta proposta era diferente da anterior?

A essência desta proposta, estava em delegar ao Exército a “educação e preparação cívica do povo ” (PROPOSTA DE DECRETO-LEI DO GAL. MEIRA DE VASCONCELLOS. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09) por meio da Juventude Brasileira. Isto seria possível aplicando o método Baden Powell⁶¹ utilizando a doutrina escoteira.

⁶¹ O escotismo foi fundado por Baden Powell em 1907. A proposta do método criado por ele previa o desenvolvimento do jovem por meio de um sistema de valores, onde se prioriza a honra. Para tanto, utiliza-se de trabalho em equipe e vida ao ar livre buscando alcançar fraternidade, lealdade, altruísmo, responsabilidade, respeito e disciplina. Para mais sobre o assunto ver NASCIMENTO, Jorge Caravhlo do. A Escola de Baden-Powell: Cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

Esta aproximação com o escotismo, pode ser entendida como uma maneira de disfarçar a comparação com a Juventude Hitlerista, apesar de ambas organizações serem equivalentes, já que a Juventude Brasileira inspirava-se nesta.

No quarto tópico do documento Vasconcellos explicita aonde queria chegar com esta proposta: “Desta forma teremos melhores cidadãos para serem perfeitos soldados”. (PROPOSTA DE DECRETO-LEI DO GAL. MEIRA DE VASCONCELLOS. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09) Aqui é possível novamente, observar a intenção da militarização do movimento, estando preocupado com a defesa da Nação e com a formação de um corpo militar de elite.

Demonstrando a dissonância entre as propostas, Capanema e Campos enxergavam na Juventude uma oportunidade de formar cidadãos afinados com o regime, permitindo que este tivesse sucesso e sustentação por um bom tempo.

Meira de Vasconcellos propõe ainda como deverá ser formado o Conselho Nacional Diretor, que “será constituído por três membros, nomeados pelo Presidente da República, sendo dois oficiais gerais – um do Exército e outro da Armada – e um civil, pertencente ao quadro de professores federais.” (PROPOSTA DE DECRETO-LEI DO GAL. MEIRA DE VASCONCELLOS. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09) As atribuições deste conselho está especificada em seis tópicos, colocando como competências deste Conselho fiscalizar a organização, propor as medidas diretivas do movimento, emitir pareceres, elaborar projetos e finalmente “cumprir e fazer cumprir as ordens do Presidente da República, referentes à Juventude Brasileira.” (IDEM)

A proposta proíbe o funcionamento de organizações similares que tenham o objetivo de instrução da mocidade e que não estejam incorporadas à Juventude Brasileira. Ainda há a idealização de uma “Escola Nacional de Chefes”, onde os instrutores da organização seriam preparados.

Um dos pontos que causará reação favorável ao Presidente do Estado Novo a esta proposta, é a concentração dos poderes em suas mãos.

Getúlio Vargas encaminhou esta nova proposta de decreto-lei para Capanema recomendando-lhe que a mesma fosse lida com atenção e que fizesse sugestões e modificações necessárias.

Frente a isto, o Ministro da Educação com a colaboração de Carlos Drummond de Andrade, Francisco Campos, Azevedo Amaral, Gustavo Barroso e Filinto Müller, organizou sua proposta de criação da Juventude Brasileira, que

apresentava um caráter mais educacional e menos militarizado como as outras propostas. Segundo o próprio Capanema, na exposição de motivos apresentada a Vargas, a organização da juventude teria como propósito “administrar uma educação que revigore na saúde, que ao corpo dê resistência e destreza, que lhe eleve e enobreça o caráter(...) em suma, uma educação que prepare o tipo de homem que o Estado Novo precisa para sua duração, o seu prestígio e a sua utilidade através de tempos incertos e difíceis” (EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DE PROJETO DE DECRETO-LEI GC 1938.08.09).

2.3. “VIVER E LUTAR”: O PROJETO DE GUSTAVO CAPANEMA PARA A JUVENTUDE BRASILEIRA

Durante o ano de 1939, Gustavo Capanema se ocupará da elaboração do projeto de criação da Juventude Brasileira. Para tanto, ele tomará como base os projetos elaborados até então, ou seja, o de Francisco Campos e do General Meira de Vasconcellos, o seu parecer sobre o projeto de Campos e informações das organizações de juventude em países europeus.

O Ministro Capanema irá elaborar um documento com algumas sugestões para a organização, onde irá privilegiar a finalidade, o enquadramento, direção e órgãos administrativos e bases locais, em linhas gerais.

As finalidades da Juventude Brasileira, segundo este documento, seriam as que concernem às atividades extra-classe, ou seja, educação física, moral e cívica e parte da educação intelectual⁶². Para Capanema, estas atividades eram consideradas “extra-classe”, entretanto, deveriam ser ministradas dentro dos estabelecimentos escolares.

No que diz respeito ao enquadramento, todos os jovens de 7-18 anos, de ambos os sexos, matriculados nas escolas, seriam obrigados a inscrever-se na organização. Para aqueles que não estavam matriculados, era voluntária.

⁶² Por formação intelectual Capanema entendia uma complementação da educação tradicional escolar, ou seja, os conteúdos escolares, bem como um incentivo à atividade física salutar, através de atividades educativas práticas, como passeios, exercícios, esportes, excursões. Nota-se aqui uma aproximação com as atividades da Juventude Hitlerista.

A direção geral ficaria a cargo do Presidente, auxiliado por uma Junta Suprema por ele dirigida e composta pelos Ministros da Justiça, da Guerra, da Marinha e da Educação. Seria administrada por um Conselho Nacional da Juventude, que teria como função definir as atividades da organização e um Departamento Nacional da Juventude, este último substituiria a Divisão de Educação Física e a Divisão de Educação Extra-escolar, que integravam o Ministério da Educação. O encargo deste Departamento Nacional seriam as atividades de formação física, desenvolvimento da educação moral e cívica e complemento intelectual da juventude, ou seja, as atividades educativas que não estavam incluídas no ensino.

Após a exposição de motivos, Capanema encaminhará em janeiro de 1939, a primeira versão do decreto-lei. Apesar de esta não ser a versão definitiva, como veremos mais adiante, nos deteremos em analisá-lo de maneira mais pormenorizada.

O Capítulo I, versará sobre a criação da Juventude Brasileira.

No primeiro artigo, Capanema explicita as finalidades da organização que seria “destinada a promover, além dos limites do ensino e dentro ou fora das escolas, a educação da juventude, bem como da infância em idades escolar, a fim de que cada brasileiro, realizando superiormente o próprio destino, possa bem cumprir seus deveres para com a Pátria” (PROJETO DE DECRETO-LEI DE GUSTAVO CAPANEMA PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Pode-se perceber neste primeiro artigo, a intenção, própria do Estado Novo, como analisa Capelato (1998), de se construir e conformar uma identidade coletiva, onde cada brasileiro tem um compromisso com a Pátria. Um cidadão afinado e comprometido com os interesses da Nação (leia-se do regime), não causaria problemas para a lógica do Estado Novo.

Segundo Pereira⁶³ (1999)

Ao mesmo tempo em que a juventude estaria a serviço do novo regime – por seu dinamismo, força e civismo – ela simbolizaria a promessa de consolidação do regime político que ainda não havia se constituído por inteiro. Esse movimento – mudar para

⁶³ PEREIRA, Junia Sales. A escultura da raça: Juventude e Eugenia no Estado Novo. Belo Horizonte, 1999. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais.

assegurar o futuro – parece ser marca da tradição conservadora que, sob a maquiagem do novo, tem perpetuado a conservação. (PEREIRA, 1999, p. 70)

Nos próximos cinco artigos, Capanema irá explicitar o caráter cívico-patriótico da organização, escolhendo símbolos e datas para isto. Segundo a proposta de decreto, o lema deveria ser “Viver é lutar”, adotar como festa o dia 21/04, tendo assim, Tiradentes como seu patrono, já que esta figura seria exemplo da “grandeza humana, no propósito, na ação e no sacrifício.”

Para exacerbar seu nacionalismo a Juventude Brasileira deveria, tornar como expressão de seu “fervor” pela Pátria, o culto à Bandeira e ao Hino Nacional.

Um estandarte e cântico, representariam a sua “unidade moral”. Reforçando a idéia de uniformização que a arregimentação trazia. O Parágrafo 1º especifica como deveria ser este estandarte:

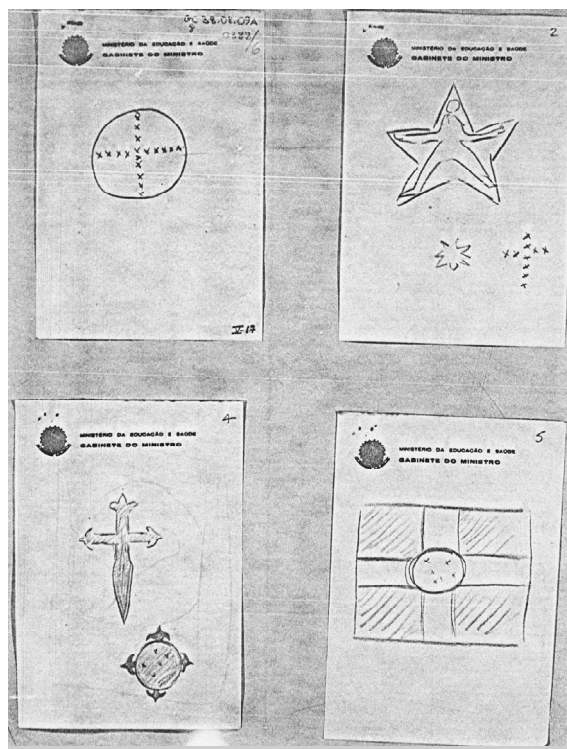
Parágrafo 1º- O estandarte será formado por um quadrado verde com uma cruz da Ordem de Cristo. O quadrado verde simbolizará a base física do Brasil; a cruz da Ordem de Cristo significará a tradicional diretriz espiritual de seu povo. (PROJETO DE DECRETO-LEI PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA–CAPÍTULO I – ART. 6)

Veremos mais adiante que no decreto-lei definitivo, que tratará da criação da Juventude Brasileira, não haverá especificação alguma a respeito de como deve ser este estandarte.

Capanema, esforçou-se bastante em criar um estandarte que demonstrasse os objetivos da organização. O ministro fez pelo menos 20 esboços de estandartes, parece que a idéia inicial é que no desenho contivesse estrelas, já que todos apresentam esta característica.

Além disso, notamos em um dos desenhos algo semelhante à “Cruz da Ordem de Cristo”. Eis alguns destes esboços:

FIGURA 7 - ESBOÇOS DE ESTANDARTE DA JUVENTUDE BRASILEIRA



Fonte: Arquivo Gustavo Capanema – Esboços de desenhos de Estandarte para a Juventude Brasileira - CPDOC, FGV: CG 1938.08.09

Gustavo Capanema então, desiste da idéia de ser o criador do desenho e pede ajuda ao amigo Affonso Taunay. Em uma carta datada de 1940, ele explica onde Taunay pode encontrar os objetivos e diretrizes da “instituição” e solicita o auxílio

[...]

Venho pedir ao meu nobre amigo que preste ao Ministério da Educação mais um relevante serviço, qual o de fazer o projeto desse estandarte. Estou certo de que, com a sua notável competência na matéria, há de traçar o projeto de um estandarte, de composição pela e significativa, capaz de traduzir o vigor de nossas mais puras tradições bem como a flama que deve animar a inteligência e o coração da juventude de nosso país. (CARTA DE GUSTAVO CAPANEMA À AFFONSO TAUNAY – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Capanema solicitou também a ajuda de Gustavo Barroso, em julho de 1941, para a elaboração do decreto sobre os símbolos da Juventude Brasileira. No dia 06

de setembro de 1941, encontramos no jornal Gazeta do Povo, este decreto, onde consta detalhadamente a descrição de como deveria ser o estandarte:

Insígnias para a Juventude Brasileira – O importante decreto ontem assinado pelo Presidente da República

Rio, 5 (A.N) – O Presidente da República decretou, dispondo sobre as insígnias da juventude brasileira:

Art. 1º - São insígnias da juventude brasileira o estandarte e o vexilo;

Art. 2º - O estandarte será constituído de um quadrado verde, dentro do qual haverá um quadrado menor em rolo, contornado por um filete vermelho e carregado de um disco azul com uma cruz formada por 21 estrelas brancas, tudo de conformidade com o desenho anexo ao presente decreto;

Parágrafo 1º - Terá o estandarte 90 centímetros de altura por 90 centímetros de largura, a orla verde de fora do quadrado amarelo, terá 12 centímetros de largura; será o filete vermelho de 2 centímetros; o diâmetro do disco azul será de 52 centímetros; a cruz deverá medir, de extremo a extremo, 44 centímetros; as 4 estrelas das extremidades e a do centro terão vez e meia do diâmetro das outras.

Parágrafo 2º - Não poderão o estandarte ser usado em dimensão menor que a indicada no parágrafo anterior.

Art. 3º - O vexilo terá o tamanho e a composição do estandarte, sendo o reverso forrado de verde; a linha exterior será guarnecida por uma franja dourada; penderá de uma travessa, terminada por torneado de metal dourado, que será suspensa da haste por 2 cordões; a haste sustentará um Uiraçu; águia nacional, em metal dourado.

Art. 4º - O Ministério da Educação baixará instruções relativamente aos pormenores da feitura, bem assim como o uso do estandarte e vexilo pela Juventude Brasileira;

Art. 5º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário. (Gazeta do Povo, 06 set. de 1941).

Pode-se conjecturar que a presença do Uiraçu⁶⁴, como uma águia e não como um gavião (que é sua definição), como proposto no decreto, é uma tentativa de aproximação com o símbolo utilizado pelo nazismo: uma águia de asas abertas segurando a suástica com suas garras. Esta águia também foi utilizada pela Juventude Hitlerista como um de seus símbolos, como vimos no capítulo anterior.

A escolha do Uiraçu foi pensada e pesquisada pelo ministro, como mostra o trecho da carta do Prof. Melo Leitão, enviada a Capanema:

⁶⁴ Uiraçu é classificado como um gavião. É uma ave majestosa de porte e força inigualáveis, sendo o mais possante rapineiro do mundo. Possui asas redondas e relativamente curtas, pernas curtas e grossas. Sua cabeça é cinzento, com longo topete bipartido em dois que se arrepia quando a ave fica excitada.

Atendendo as informações que se dignou pedir-me sobre o nosso majestoso Gavião-de-Penacho, em tão boa hora escolhido para o vexilo da Juventude Brasileira, venho lembrar o nome indígena desse nosso gavião real usado em alguns pontos do Brasil, o que poderia figurar na lei, pois me parece um nome harmonioso e expressivo: trata-se do termo Uirassú⁶⁵. (CARTA DO PROFESSOR MELO LEITÃO À GUSTAVO CAPANEMA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Já o cântico, deveria ter o poema e a música feitos por artistas brasileiros. No livro de Aristóteles Xavier, encontramos a letra proposta por este do Hino da Juventude Brasileira:

Hino da Juventude Brasileira
Por Aristóteles Xavier

Juventude, sonдай este céu!
Vede o lindo Cruzeiro do Sul
A apontar-vos com brilho sem véu
Sobre um manto de cândido azul:
“Livres filhos da Terra Tupi,
O caminho a trilhar está aqui”

Escudai-vos na Virtude
E depois nada temais,
Sempre brava Juventude!
E adestrai-vos mais e mais
Para a luta até a morte
Pela Pátria uma e forte!

Elo santo de puras estrelas
Entre Deus e este Solo bendito
-A Pureza adoramos ao vê-las...
Juventude, volvei ao Infinito:
Praticai as Altíssimas Leis
E “por este sinal vencereis!”

Escudai-vos...

No glorioso Pendão retratado,
O Cruzeiro tem raro esplendor;
Para a faixa de neve voltado
O seu Norte vós diz que o labor
Segue o rumo que leva ao sucesso,
Pela ORDEM e para o PROGRESSO!

Escudai-vos...

Eia, avante, ó suprema esperança
Desta Pátria formosa e gentil!
Guardai sempre tão fértil herança
Dos heróis que plasmaram o Brasil!

⁶⁵ O professor Melo Leitão escreve o nome do pássaro com uma grafia diferente, utilizando “ss”, trata-se, no entanto, da mesma ave.

E quer dentro ou além da fronteira,
Erguei alto a auri-verde Bandeira!

Escudai-vos... (XAVIER, Aristóteles, 1942, p.15)

Pode-se perceber na leitura desta letra, uma dimensão quase sagrada conferida à juventude, entretanto, como já discutido anteriormente, esta sacralização vem acompanhada de uma posição antagônica. Sagrados e puros, mas precisando ser adestrados.

Xavier não foi o único a propor uma letra para compor o hino da organização. Alguns outros artistas nacionais enviaram letras para Capanema.

No entanto, em junho de 1940, o Ministério da Educação lança o edital do concurso para a escolha do poema do cântico da Juventude Brasileira.

Poderiam participar apenas “autores nacionais”. O poema deveria expressar a esperança da Nação nas novas gerações e a “bravura e dignidade para o trabalho e a luta” (EDITAL DO CONCURSO DO POEMA DO HINO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV:GC 1938.08.09). Além disso, os versos das estrofes deveriam ter sete ou nove sílabas, e o estribilho 6, 7 ou 8.

Os trabalhos deveriam ser datilografados e entregues em cinco vias assinados apenas com pseudônimo, e acompanhado de um envelope fechado contendo o pseudônimo, o nome e endereço do autor.

A comissão julgadora era composta por Olegário Mariano, Major Afonso de Carvalho, Alceu Almoroso Lima, Sebastião de Souza, Afonso Arinos de Melo. Percebemos mais uma vez a presença de Alceu Almoroso Lima participando do processo de criação da Juventude Brasileira.

Aproximadamente 350 candidatos inscreveram-se no concurso. Os pseudônimos destes procuravam sempre indicar um nacionalismo exacerbado. Alguns exemplos: Brasileiro Sonhador, Brasilophilo, Bilac Dias, Caxias, Dr. Getúlio, Estadonovista, Estudante Brasileiro, João da Pátria, Patriota nº1, Sangue Brasileiro, além de muitos nomes indígenas.

O vencedor do concurso foi o mineiro Pedro de Castro, que enviou uma carta à comissão julgadora agradecendo a escolha e autorizando a utilização do poema de sua autoria na música composta para o hino. Todas as 350 letras que foram inscritas no concurso, encontram-se no arquivo Gustavo Capanema e muitas estão

identificadas apenas pelo nome fictício. Por este motivo, não conseguimos localizar o poema apresentado pelo vencedor e nem o seu pseudônimo.

Voltando ao texto do decreto, ainda no Capítulo I, em seu último artigo, encontramos sob quem ficará a direção da organização. Esta estará sob “a alta vigilância do Presidente da República”, além de um Conselho constituído pelos Ministros da Educação e Saúde, da Guerra, e da Marinha. Constatamos aqui a ausência do Ministro da Justiça, anteriormente anunciada, neste conselho.

O Capítulo II trata “Do enquadramento da Juventude Brasileira”. O enquadramento seria obrigatório para todos os jovens e crianças, de ambos os sexos, de 7-18 anos, que estivessem matriculados em estabelecimentos de ensino.

Nunes (2004), afirma que para Capanema, esta forma de enquadramento contribuiria para um “verdadeiro” censo escolar, bem como para saber quantos jovens não estavam matriculados nas escolas, já que os que já freqüentavam os bancos escolares, deveriam inscrever-se obrigatoriamente, e os que não estavam poderiam procurar a organização para tal, auxiliando assim a apurar dados de escolarização.

A Juventude, constaria de dois escalões masculinos e dois femininos. Os masculinos seriam divididos em infantes (7-13 anos) e pioneiros (13-18 anos). Os femininos em brasileiras (7-13 anos) e jovens brasileiras (13-18 anos). Alzira Vargas em seu parecer irá criticar os nomes escolhidos para as alas femininas.

Nos artigos 10 a 13, notamos a influência das Forças Armadas, que havia solicitado ao Presidente Getúlio Vargas participação na criação da Juventude Brasileira. Estes artigos tratam da divisão dos agrupamentos em “legiões”.

No Capítulo III, “Das finalidades da Juventude Brasileira”, Capanema reforça o papel educativo do movimento e, conseqüentemente, a predominância do Ministério da Educação nas funções da organização.

Nos artigos 14º ao 20º, há a exposição das finalidades da organização, sendo estas “a educação moral, cívica e física; a educação pré-militar; e a educação doméstica” (PROJETO DE DECRETO-LEI DE GUSTAVO CAPANEMA PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09). A primeira seria destinada à ambos os sexos. A educação pré-militar se destinaria somente aos homens, e a educação doméstica apenas às mulheres. Nota-se aqui finalidades diferentes para indivíduos de sexos diferentes, uma característica presente também nas organizações européias.

Nos artigos que se seguem, há uma detalhada exposição do que cada uma destas dimensões deveria privilegiar. Aqui é possível entender, como a Juventude Brasileira estaria cumprindo seu papel civilizador e ideológico, possibilitando desta forma, cumprir seu objetivo primeiro: a continuidade do regime implantado por Vargas em 1937.

A educação moral deveria visar a “elevação espiritual da personalidade humana”, tendo como objetivo incutir disciplina, confiança, coragem, perseverança, dignidade e ainda “a solidariedade para com a família, a generosidade para com o próximo e o amor a Deus”. (PROJETO DE DECRETO-LEI DE GUSTAVO CAPANEMA PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA, ART.15. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Já na educação cívica o objetivo estava bem claro “a formação da consciência patriótica”, desta forma seria possível criar nas crianças e jovens “o sentimento que o Brasil é uma entidade sagrada”. Lenharo (1986), analisa como ocorre esta sacralização da política que toma para si esta dimensão religiosa, como aquele que “tudo vê”, que tudo sabe e que está acima de tudo e todos. A nação não se constituiria em uma criação do poder humano, mas teria uma origem divina, eterna.

Segundo Capelato (1998b), esta construção dos valores de fraternidade e união, proporcionariam uma suposta harmonia e a neutralização de divisões e conflitos.

Percebendo a importância da Nação e de seu papel, os jovens se sentiriam responsáveis “pela sua segurança, pelo seu engrandecimento e pela sua perpetuidade”, estando dispostos “a dar por ela a própria vida”. (PROJETO DE DECRETO-LEI DE GUSTAVO CAPANEMA PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA, ART.16. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

No artigo 17, a educação física, deveria trazer harmonia e solidez ao corpo, bem como fortalecer a saúde das crianças. Enquanto a educação pré-militar, prevista no artigo subsequente, auxiliaria no conhecimento das técnicas necessárias ao serviço militar, consciência das responsabilidades do soldado e como enfrentar hábitos “da vida de caserna e de campanha”. (PROJETO DE DECRETO-LEI DE GUSTAVO CAPANEMA PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

A educação doméstica, por sua vez, deveria educar as meninas para serem boas mães e donas de casa, tendo consciência do seu dever na “consagração do

lar”. (PROJETO DE DECRETO-LEI DE GUSTAVO CAPANEMA PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA, ART. 19. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Por fim, este capítulo trata da educação intelectual que teria a função de “completar ou ilustrar os conhecimentos no ensino adquiridos”, através de atividades educativas práticas, como passeios, viagens, exercícios, etc. (PROJETO DE DECRETO-LEI DE GUSTAVO CAPANEMA PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA, ART. 20 CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

O quarto capítulo do projeto de decreto-lei elaborado por Gustavo Capanema, se intitulará “Dos Núcleos da Juventude Brasileira”. Nele, estão especificados os locais onde estes núcleos poderiam estar instalados, estádios, piscinas, auditórios e ginásios, e serem escolares ou extra-escolares. Há a recomendação de que, para a realização de exercícios físicos, homens e mulheres não poderiam ocupar o mesmo espaço conjuntamente.

No capítulo subsequente, encontramos a proposta de integração nacional. O governo federal manteria a direção administrativa, contando com a colaboração dos governos estaduais, fiscalizando, financiando e dirigindo os núcleos da Juventude Brasileira.

As “Formações da Juventude Brasileira”, estão no capítulo V. Neste, são depositadas as “regras de concentração e deslocamento” (NUNES, 2004, p. 143) que deveriam ser realizadas pelos jovens. Estariam divididas em ordinárias (dentro dos núcleos municipais) e extraordinárias (com caráter de solenidade, realizadas em público). Estas últimas poderiam ser parciais (por ocasião de festividades regionais) e gerais (reunindo todos os contingentes, por ocasião das festas nacionais).

As duas formações gerais seriam realizadas no dia 21 de abril e no primeiro domingo de setembro, em comemoração da Independência do Brasil.

Finalmente, no último capítulo do projeto “Das disposições Gerais e Transitórias”, temos questões burocráticas, como a previsão de uniformes e distintivos, e ainda a proibição de que funcionasse no país qualquer outra instituição com o mesmo caráter da Juventude Brasileira.

Apesar de Capanema considerar esta versão definitiva, o presidente Vargas, consulta algumas pessoas: Gustavo Barroso, líder integralista, simpatizante ao fascismo e anti-semitismo; o padre Leonel Franca, conhecido por ser um eclesiástico

defensor de catolicismo conservador fiel à hierarquia romana; e o coronel e interventor do Rio Grande do Sul, Osvaldo Cordeiro de Farias.

De acordo com Nunes (2004), Leonel Franca, considerou o projeto excessivamente militarizado, não priorizando os deveres cívicos, educacionais e religiosos. Já Cordeiro de Farias, considerou o projeto passível de aprovação.

Gustavo Barroso, por sua vez, comentou de maneira bastante detalhada o projeto, apontando várias sugestões. Ele encaminhou a Vargas seu parecer no dia 29 de julho de 1939. O documento contém sete páginas datilografadas expressando, segundo o próprio Barroso, “reparos, observações e sugestões quanto a este ou àquele ponto” (PARECER DE GUSTAVO BARROSO SOBRE PROJETO DE DECRETO-LEI PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOD, FGV: GC 1938.08.09)

2.3.1. “Por Deus e Pelo Brasil:: Gustavo Barroso e um parecer anônimo

Gustavo Barroso foi cogitado para assumir o Ministério da Educação no Estado Novo, com o fechamento de todos os partidos políticos em 1937 pelo regime, entre eles a AIB, acabou assumindo na ilegalidade oposição ao governo Vargas.

No parecer que encaminhou ao Presidente, afirmou que o projeto estava bem elaborado, entretanto, eram necessárias algumas modificações.

A primeira delas era com relação ao lema da Juventude, “Viver é lutar”, que seria muito “materialista”. Para ele, o lema era muito importante, e seria “verdadeiras afirmações de princípios, sínteses de uma doutrina”. Neste sentido, propunha um lema, segundo ele, “de profunda expressão espiritualista e patriótica”, que deveria ser “Por Deus e pelo Brasil”⁶⁶. (PARECER DE GUSTAVO BARROSO SOBRE PROJETO DE DECRETO-LEI PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

⁶⁶ Segundo Barroso, este lema significaria “a Pátria aureolada na sua crença tradicional. A sociedade somente pode repousar com segurança no alicerce das Verdades Eternas. Somente Deus é o fundamento moral, estável e duradouro da autoridade dos Estados. A mocidade não poderá ter um poderoso instinto de solidariedade, um espírito de sacrifício total inerente e necessário à sua alta missão, se não for capaz de servir ao Brasil em nome dum (sic) ideal a tudo superior, em nome de Deus.” (PARECER DE GUSTAVO BARROSO SOBRE PROJETO DE DECRETO-LEI PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Gustavo Barroso acredita ainda que na educação moral é preciso ainda enfatizar o amor a Deus. Sem isto “a nova Instituição será um corpo sem alma”. E é neste tom que Barroso continuará emitindo suas opiniões, sempre em torno da questão da espiritualização e da “mística”, o que segundo ele, só através destes elementos haveria a possibilidade de um “milagre social”. (PARECER DE GUSTAVO BARROSO SOBRE PROJETO DE DECRETO-LEI PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Ele continua, exaltando o artigo que diz respeito à educação doméstica e propondo às jovens a “educação de enfermagem”. E ainda aclama a vinculação da organização com o meio militar. Para ele, “um Estado Moderno enquadra os cidadãos e, de certo modo, os dirige quase do berço ao túmulo”. (PARECER DE GUSTAVO BARROSO SOBRE PROJETO DE DECRETO-LEI PARA ORGANIZAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Há ainda uma outra correspondência sem identificação, apenas rubricada, que indica a pressa de Getúlio Vargas em receber resposta, já que o autor salienta que teve apenas 48 horas para construir sua análise, a partir do recebimento do mesmo.

Para este autor, na sua primeira observação, a tentativa de organizar a juventude, se tratava de uma “obra de importação clandestina”, já que se baseava nas juventudes de países europeus. (PARECER ANÔNIMO SOBRE DECRETO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

No tópico “a” de sua análise, o autor é bastante contundente e corajoso em sua análise sobre a juventude e sobre o Brasil. Para ele as crianças e jovens tinham condições muito distintas de vida, algumas viviam em condições precárias, outras em condições de conforto. Caberia ao Estado Novo, em primeiro lugar, promover uma homogeneização destes jovens, através de uma propaganda eficaz que despertasse neles a sua verdadeira missão, ou seja, o que o regime esperava da parte deles. Sendo ainda, o objetivo da arregimentação “pesar e medir capacidades e orientá-las”. (PARECER ANÔNIMO SOBRE DECRETO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Outro problema encontrado pelo autor da carta seria os gastos que causaria aos cofres públicos. Assim como o envolvimento do Ministério da Justiça, da Guerra e da Marinha, para ele o único Ministério que deveria se ocupar da Juventude, era o da Educação.

Este parecerista ainda critica o título “Organização Nacional”, sugerindo utilizar Associação, Agremiação ou ainda Instituto da Juventude.

Mais um ponto que desperta a preocupação deste autor é o fato de a organização exigir que seja ministrados valores pautados pela moral católica, sendo que o país não tinha uma religião oficial.

Há ainda a crítica com relação ao patrono da organização, segundo o autor:

“Esse 21 de abril é uma data sem significação, e o Tiradentes um herói muito pouco imponente e de pouca exemplariedade. Creio que seria de bom aviso procurar um herói jovem, pouco conhecido mas acerca de quem se pudesse criar uma lenda verdadeira e interessante” (PARECER ANÔNIMO SOBRE DECRETO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Existe um discurso não assinado, proferido em uma solenidade promovida pelo Ministério da Guerra, que defende a figura de Caxias como patrono da Juventude Brasileira, recomendando que a mesma “volva os olhos para a majestosa figura de Caxias, e lhe peça estímulo, lição e exemplo.” (TEXTO DE DEFESA DE CAXIAS COMO PATRONO DA JUVENTUDE BRASILEIRA – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Gustavo Capanema encaminha uma carta a Vargas rebatendo esta e as outras críticas deste parecer anônimo com bastante veemência.

Para o Ministro da Educação, a data de 21 de abril é “gloriosa, cheia de beleza e força”, assim como Tiradentes é uma figura que demonstra “coragem, resistência física e moral, sacrifício e bravura”, sendo um herói jovem (faleceu com aproximadamente 40 anos) e que é o mais adequado para “figurar como guia e inspiração da juventude.” (CARTA DE CAPANEMA À GETULIO VARGAS REBATENDO AS CRÍTICAS RECEBIDAS – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Percebe-se que, ao menos parcialmente, o parecer anônimo e o de Gustavo Barroso, influenciaram no decreto-lei definitivo da criação da Juventude Brasileira. Capanema irá suprimir alguns artigos e modificar outros, seguindo algumas sugestões dos pareceristas, como veremos a seguir.

2.3.2 O decreto 2.072/40: a criação oficial da Juventude Brasileira

Após um processo bastante conturbado de disputa pelo poder na direção da organização e pela tentativa constante de intervenção de vários atores, finalmente em 8 de março de 1940, o decreto 2.072 organiza e cria a Juventude Brasileira. Pode-se conjecturar que Vargas estava impaciente com o demorado processo de criação da organização. Em seu diário, no dia 17 de janeiro ele escreve: “O Ministro da Justiça não compareceu, por doente. Despachei com o da educação, a quem concitei a apressar a Organização da Juventude”. (VARGAS, 1995, p. 321).

Um pouco antes, em fevereiro, Capanema enviará uma exposição de motivos, onde elucida o objetivo principal da organização, esta assumiria, segundo ele, “efeitos meramente festivos”, criando o “ambiente espiritual” que permitiria aos jovens e crianças receberem educação cívica, moral e física, capaz de desenvolver “hábitos de disciplina mental e corporal”. (DECRETO DE CRIAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA 2072/1940 – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Como o decreto-lei conservará ainda vários elementos da proposta elaborada pelo Ministro Capanema, alisaremos aqui as mudanças assumidas por este decreto, em comparação com o projeto anterior.

Encontramos alterações já nos primeiros artigos. No Capítulo I, que se intitula “Da Educação Cívica, Moral e Física da Infância e da Juventude”, percebemos o intuito de deixar explícito a que se propunha a organização.

O artigo 1º versa que “a educação cívica, moral e física é obrigatória para a infância e a juventude de todo o país”. (DECRETO DE CRIAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA 2072/1940 – GC 1938.08.09). Assim como no projeto anterior, há uma detalhada exposição de como estas dimensões deveriam ser desenvolvidas nos jovens.

O artigo que se refere à educação cívica não é tão fervoroso quanto o anterior, que emprestava um papel sacralizado à figura do país. Esta dimensão deveria formar a consciência patriótica, desenvolvendo a co-responsabilidade pela “segurança e engrandecimento da Pátria”. (DECRETO DE CRIAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA 2072/1940 – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Há mudanças também na educação pré-militar e doméstica. No decreto, não há esta denominação. Estas aparecem em um parágrafo único que tratam das

mesmas como sendo uma extensão da educação cívica. Assumem, finalidades distintas das anteriores.

Para os jovens do sexo masculino haveria a necessidade de formar o “amor ao dever militar”, e conhecimento das responsabilidades e dos assuntos militares. Para as moças, pode-se notar significativo progresso. Ao invés de conjecturar a docilidade nas funções de mãe e dona-de-casa, prevê a aprendizagem de “matérias como a enfermagem” possibilitando a cooperação “quando necessário, na defesa nacional”. Entretanto, ao tratar da educação moral, percebemos um retorno a esta necessidade de formar a dona-de-casa e mãe ao recomendar que esta forme nos jovens de ambos os sexos “sentimentos e conhecimentos” que os habilitem na “missão de pais e mães de família”, sendo dedicada especial atenção às moças, desenvolvendo “o gosto dos serviços domésticos, principalmente dos que se referem à criação e educação dos filhos.” (DECRETO DE CRIAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA 2072/1940 – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

O artigo que se refere à educação física virá acompanhado de um parágrafo único delegando à educação física a tarefa de incutir nos jovens práticas higiênicas e hábitos de boa alimentação.

O capítulo II cria a Juventude Brasileira, o texto do primeiro projeto de Capanema para designar esta organização é mantido. Colocada sob alta vigilância do Presidente da República, a educação ministrada por ela aos jovens, será “base e complemento” da educação escolar e “prolongamento da educação familiar”. (DECRETO DE CRIAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA 2072/1940 – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Há uma pequena alteração na divisão das idades dos limites entre infância e juventude, 7-11 anos e 11-18 anos.

Uma modalidade nova aparece no decreto: a educação religiosa, que seria facultativa, de acordo com a vontade dos pais ou responsáveis.

No capítulo III, os antes denominados “Núcleos da Juventude Brasileira”, passam a se chamar “Centros Cívicos”. Estes teriam a mesma finalidade dos Núcleos, ou seja, se destinar às atividades a serem realizadas pela organização.

O IV capítulo trata das Formaturas da Juventude Brasileira. Estas se “constituirão em exercícios de concentração ou deslocamentos”, com o objetivo de desenvolver a disciplina, entusiasmo e resistência. (DECRETO DE CRIAÇÃO DA JUVENTUDE BRASILEIRA 2072/1940 – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Ao invés de duas formaturas, o decreto prevê apenas uma, em comemoração à Independência do Brasil, a se realizar no primeiro fim de semana de setembro, suprimindo a data de 21 de abril prevista no projeto de decreto anterior.

No penúltimo capítulo, “Da administração da Juventude Brasileira”, notamos uma distribuição do poder de direção da organização.

O Governo Federal seria responsável pela administração do movimento que teria na composição de seu Conselho Supremo, a liderança do Presidente da República, os Ministros da Guerra, da Marinha e da Educação, cabendo a este último a superintendência da Juventude Brasileira.

Aos Ministros da Guerra e da Marinha, caberia os esclarecimentos necessários à instrução dos conhecimentos relativos à defesa nacional, prevista no parágrafo único, do artigo 13.

Além disso, deveria haver em cada estado uma administração da Juventude Brasileira.

O VI e último capítulo que trata das “Disposições Gerais”, conjectura a instrução em escolas ou cursos para aqueles professores que ficassem responsáveis de ministrar as modalidades educacionais previstas no decreto.

Este decreto foi publicado no jornal curitibano “Diário da Tarde”, no dia 11 de março de 1940 com o título: “A Juventude Brasileira, íntegra do decreto formando o cidadão para que possa bem cumprir os seus deveres para com a Pátria”.

Outro periódico curitibano, a “Gazeta do Povo”, não transcreve o decreto na íntegra, mas noticia a assinatura do mesmo, resumindo os principais pontos abordados por ele.

As discussões, críticas, sugestões e repercussões não se encerram com a assinatura do decreto, segundo Carlos Drummond de Andrade ao “Correio da Manhã”, continua a ocorrer uma “disputa de paternidade” em relação à organização.

A União Brasileira dos Escoteiros (UBE) busca a introdução do escotismo no movimento, através das figuras de Benjamin Sodré e do Gal. Heitor Augusto Borges, Presidente da União dos Escoteiros, que encaminha propostas ao Ministério da Educação. Estas propostas prevêem uma incorporação da Juventude Brasileira como apoio ao escotismo e que a UBE, tomasse a responsabilidade de fiscalizar lemas, uniformes, insígnias, etc. adotadas pela Juventude Brasileira, bem como a incumbência de ministrar a educação moral e cívica. Além de buscar semelhanças na estrutura da Juventude Brasileira e do Escotismo.

Houveram ainda, reações advindas do exterior. Itália e Alemanha apóiam o “programa cívico”, depositando neste uma possibilidade de garantir um próspero futuro para o Brasil.

Já a Inglaterra considerou a fundação da organização sem sentido. Churchill, por sua vez, denuncia que a Juventude Brasileira seria uma “organização quinta-coluna do III Reich no Brasil”. (NUNES, 2004, p. 164)

Alguns meses após a assinatura do decreto, mais especificamente em junho de 1940, há o lançamento, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), da Organização da Juventude Brasileira, através de uma solenidade realizada no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro.

Já em setembro daquele ano, realiza-se a primeira “Parada da Juventude Brasileira” no Rio de Janeiro, quando os jovens desfilaram na presença do Presidente Getúlio Vargas. Encontramos, a reprodução de uma notícia de tal desfile no periódico curitibano “Diário da Tarde”:

Rio 4, (Diário). Esteve imponente o desfile da Juventude Brasileira, hoje, nesta Capital.
30.000 jovens de grande número de ginásios, colégio militar, grupos escolares, etc. formaram seis colunas que levaram mais de duas horas para passar diante da tribuna oficial. (Diário da Tarde, 09 set. 1940)

Em Curitiba, também é realizada a primeira “Parada da Juventude Brasileira”. Noticiada pelos jornais “Diário da Tarde” e “Gazeta do Povo”. O “Dia da Raça”, no qual passará a acontecer as “Paradas da Juventude Brasileira”, ou seja, a Formatura Geral, prevista no decreto. Sempre na “Semana da Pátria”, dia 05 de setembro. Os esforços dos jornais, preocupados em divulgar e apoiar o regime, e o movimento, deram grande visibilidade à este acontecimento. Isto pode ser percebido nas palavras entusiásticas empregadas nos artigos:

A Semana da Pátria

[...]

O DESFILE DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Constituirá certamente uma das partes mais empolgantes do programa que vem sendo desenvolvido, a formatura da Juventude Brasileira, a ter lugar amanhã.

A Diretoria Geral da Educação, que sempre tem brilhado nesses cometimentos, não tem poupado esforços no sentido de emprestar maior brilho à iniciativa do Governo da República.

A parada será imponente, dela devendo participar milhares e milhares de jovens, todos sob o mesmo ritmo de entusiasmo e amor pela Pátria. (Diário da Tarde, 03 set. 1940)

Dia de grande significação para todo o brasileiro que sabe compreender o verdadeiro sentido do amor à Pátria, pode-se mesmo dizer que marcará o início de uma nova era do Estado Novo. Nação que até há pouco tempo relegava para um plano inferior essas manifestações de civismo, o Brasil, com o advento do Estado Novo, conseguiu realizar um verdadeiro milagre. E o novo Brasil voltou suas vistas para a juventude, e numa demonstração vibrante de seu acendrado amor à terra que lhes serviu de berço, esta mocidade brasileira, virá a rua no dia de hoje, organizada, entoando hinos patrióticos e provando aos céticos, pessimistas e derrotistas que o Brasil renasceu para a felicidade de seus filhos. (Gazeta do Povo, 04 set. 1940)

Nos anos que se seguem, os jornais continuam noticiando atividades, crônicas, desfiles, preleções, referentes ao movimento cívico-patriótico, como veremos mais adiante.

Enquanto isto, nos bastidores, a luta de interesses e finalidades continuaria. Capanema encontrava ainda diversas dificuldades, em especial a precariedade na qual se encontrava o funcionamento da organização no Brasil. O ministro apontava diversos fatores que contribuíam para esta situação. Um “boicote militar”, falta de recursos para organizar os quadros funcionais da instituição, a participação do Brasil na guerra, entre outros.

Ele levará para a Conferência Nacional da Educação em novembro de 1941, a discussão sobre a Juventude Brasileira nas escolas. Houve um projeto aprovado pela comissão responsável pelo mesmo na conferência, transcrito no jornal “Diário da Tarde” no dia 11 de novembro de 1941.

A Juventude Brasileira estaria dividida em: a Ala Maior, abrangendo os adolescentes das escolas secundárias, normais e profissionais; e a Ala Menor, composta pelas crianças da escola primária. Os Centros Cívicos deveriam ser implantados nas instituições escolares e dirigidos pelo diretor do estabelecimento de ensino ou por um professor.

Para regulamentar o funcionamento dos Centros Cívicos, Getúlio Vargas assinará um regulamento em 1943, especificando as atividades a serem realizadas neste locais, bem como suas finalidades e diretrizes.

Em fevereiro de 1942, Vargas assinará um novo decreto que emprestará uma nova roupagem à organização. O periódico “Gazeta do Povo”, traz resumidamente este novo decreto:

Uma realidade a Juventude Brasileira. Em decreto assinado ontem, o Chefe da Nação estabeleceu as bases da organização da Juventude Brasileira – Será colocada sob alta vigilância do Presidente da República

Rio, 9 (A.N.) – O Presidente da República assinou longo decreto-lei estabelecendo as bases da organização da Juventude Brasileira, o qual resumimos a seguir:

Art. 1º - Define a Juventude Brasileira como “Corporação formada pela juventude escolar de todo o país com finalidade de prestar culto à Pátria” e a declara “Instituição com vida escolar.”;

Art. 2º - Estipula que o culto à Pátria será prestado “em termos de finalidade educativa” visando os objetivos seguintes: 1º - despertar veneração dos grandes mortos e entusiasmo pelos grandes feitos históricos nacionais, 2º afervorar o amor pelos ideais nacionais e o interesse pelos problemas do país;

Art. 3º - Suscitar a prática firme e constante de virtudes patrióticas, buscando pelo culto à pátrio (pátria? Conferir) acentuar no espírito das crianças e dos jovens o sentimento de responsabilidade pela segurança e engrandecimento da Pátria, o culto patriótico será prestado em face da Bandeira Nacional e terá o Hino Nacional sua primeira expressão;

Art. 4º - Determina que a Juventude será constituída pela infância masculina e feminina das escolas primárias formando a “Ala menor” e os alunos dos estabelecimentos secundários formando a “Ala Maior da Juventude.”

Art. 5º - A ação educativa da Juventude será através de comemorações reguladas por um calendário único para ambas as alas, incluindo o período relativo ao ano escolar;

Art. 6º - Determina a organização em todos os estabelecimentos de ensino primário e secundário do Centro Cívico para organização das comemorações com inscrição automática de todos os alunos dos referidos estabelecimentos, abaixo de 18 anos e sob a direção do próprio diretor do estabelecimento ou de um professor ou pessoa especialmente encarregada, cooperando com todos os professores;

Art. 7º - Define as modalidades do culto cívico que será permanentemente nas datas do calendário mediante uma explanação singela da comemoração, a cargo das professoras nas aulas primárias e lentes para isso designados nas aulas secundárias;

Art. 8º - Semanal ou quinzenalmente em comemoração especial festiva ou solene deverão ser essas reuniões cívicas, versando em torno ao nome do acontecimento o ideal do problema que o referido calendário incluía e nas grandes datas nacionais as comemorações poderão ser públicas;

Art. 9º - Somente os centros de culto cívico e órgãos de orientação e direção poderão tomar a iniciativa da participação da Juventude em qualquer solenidade;

Art. 10º - O decreto em apreço estabelece que constitui dever dos alunos comparecer regularmente às comemorações da Juventude realizadas na escola ou em público;

Art. 11º - Estabelece que a Juventude adotará como característica de sua unidade espiritual uniformes e símbolos próprios criados em Regulamentos Especiais;

Art. 12º - Coloca a Juventude Brasileira sob alta vigilância do Presidente da República;

Art 13º e 14º - Cria para os estudos gerais de questões importantes de organização e funcionamento da Juventude Brasileira um Conselho Supremo e os seguintes órgãos: Direção Nacional, subordinada ao Ministério da Educação.

Direções Regionais – subordinadas à Direção Geral e Direções locais subordinadas e orientadas pela Direção Geral. Haverá em cada estado, território e Distrito Federal uma direção local da Juventude com o encargo de superintender as atividades da ala menor sendo organizada por meio de um regimento especial.

A Direção Nacional, direções regionais com encargo de superintendência especial e geral das atividades da ala maior serão organizadas também de acordo com um regimento especial. O Presidente da República expedirá regulamentos e o Ministro dará instruções necessárias para a execução desse decreto que entra em vigor na data da sua publicação. (Gazeta do Povo, 10 fev. 1942)

Percebe-se que o decreto trata particularmente da direção ideológica da Juventude Brasileira e traz uma orientação de caráter cívico-patriótico bastante fervorosa, que permeará a todo momento as atividades e o imaginário dos participantes deste movimento e seus colaboradores. Algumas novidades aparecem, como o culto aos “grandes heróis” da Pátria. O mesmo vem acompanhado de uma exposição de motivos. Nesta Gustavo Capanema, explica que quer acentuar a finalidade patriótica do movimento e “a esta se limitar”, sendo também um complemento da escola.

Surgiram críticas advindas dos meios militares com relação ao fato do movimento estar diretamente dentro das escolas. Estas são apresentadas a Vargas pelo Gal. Góes Monteiro em 10/03/1942.

O Major Ignácio de Freitas Rolim, diretor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, também irá tentar influenciar. Ele encaminhará à Getúlio Vargas uma proposta de decreto lei para a regulamentação da organização brasileira.

Entretanto, o Presidente já havia tomado a sua decisão: a “Juventude Brasileira” será um embrião cívico-escolar, nada mais que isto⁶⁷.

Mas...como interpretar esta mudança de postura do Presidente da República?

É possível compreendê-la, em parte, se analisarmos o panorama internacional. Vargas, em 1940, se colocara ao lado do fascismo, entretanto, como o Brasil devia aos Estados Unidos o incentivo à política econômica, foi obrigado a romper relações com Alemanha e Itália, unindo-se ao bloco aliado. Deste modo, continuar almejando uma milícia juvenil, a exemplo da *Hitlerjugend* e *Opera Nazionale Balilla*, militarizada seria contraditório.

Em 25 de março de 1943, o decreto-lei 12.100, aprovará o regimento da Direção Nacional da Juventude Brasileira. Ao contrário do que ocorreu nas outras

⁶⁷ Carta ao irmão Protásio Vargas. Citado por Nunes (2004)

ocasiões, este decreto foi bastante elogiado por membros do alto escalão do Estado Novo e pelos colaboradores do regime.

Este regimento tem três capítulos principais. Nele, são abordadas as atribuições da direção, incumbindo-a de dirigir, fiscalizar, superintender, presidir, organizar, coordenar e orientar toda e qualquer atividade da Juventude Brasileira.

Instruções minuciosas a respeito das atribuições de cada um dos órgãos integrantes da Direção Nacional da Juventude Brasileira (D.N.J.B) podem ser encontradas no documento, ou seja, todos os aspectos burocráticos de funcionamento da organização.

Pode-se encontrar ainda, nos arquivos de Gustavo Capanema no CPDOC, duas fontes interessantes. Tratam-se de dois livros. O primeiro com o título “Juventude Brasileira – Ante-projeto para a sua organização”, é assinado pelo oficial administrativo do Ministério da Guerra, Aristóteles Xavier.

Datado de 1940, já em seu prefácio, o livro traz inflamadas convocações à juventude.

A JUVENTUDE BRASILEIRA PRESTARÁ CULTO CONSTANTE À BANDEIRA NACIONAL
(Art. 8º do Decreto-lei n. 2.072, de 8 de março de 1940)⁶⁸

O mito, tendo uma significação dinâmica, é uma força”. (Psicanálise da Alma Coletiva por Neves-Manta, pág. 49).

Brasileiros!

Nesta hora de incertezas que atravessamos, formemos um círculo de aço em torno da sagrada Bandeira de nossa Pátria! Rio, 1940 (XAVIER, 1942)

Neste livro encontramos quais deveriam ser o Órgãos de Direção; as Fases Educacionais, acompanhadas das características de cada uma delas; como se formariam Conselhos Municipais e Estaduais; de que modo seria a Organização das Unidades e a hierarquia dentro da organização, inclusive entre os jovens; as instruções sobre uniforme; e por fim um Hino da Juventude Brasileira composto pelo próprio Xavier.

Um dos pontos que mais chama a atenção, é um tópico denominado “Leis do Angaturâma”⁶⁹. Existem três subitens: um para as Idades Lustrais (6-20 anos), outro

⁶⁸ Livro “A Juventude Brasileira” CPDOC, FGV:GC – 996

para as Idades Decenais (21-50 anos) e o último para os Conselheiros (acima de 50 anos). Todas seguem a mesma lógica: a partir da primeira letra de cada frase, forma-se o lema Ordem e Progresso, dividida em “Preparação” e “Realização”. Vejamos um exemplo:

IDADES LUSTRAIS

Preparação

Obedece pelo amor à Ordem;
Respeita os teus ascendentes;
Diz somente a verdade;
Está sempre contente;
Modera todos os teus gestos;

Realização

Persevera até vencer;
Reflete antes de agir;
Obtém tudo pelo trabalho;
Gasta com parcimônia;
Reage contra a inércia;
Evolui sem cessar pelo estudo;
Simples devem ser teus atos;
Só faças aos outros o que queres que te façam;
Obriga-te ao serviço da Pátria. (Xavier, 1942, p. 12 e 13)⁷⁰

O segundo livro, de 1942, é um pouco mais extenso e foi escrito por Moacyr Fayão de Abreu Gomes, capitão do Exército, e tem como título: “Plano de Organização da Juventude Brasileira”⁷¹.

Na introdução, o autor entende seu trabalho como um ensaio na “evolução dos processos de educação” e uma consequência da legislação referente à Juventude Brasileira. Ele ainda ressalta que não se inspira em nenhuma organização similar estrangeira, mas que busca compreender as necessidades da juventude do Brasil. Revela que para a escrita deste, bebeu os “ensinamentos de civismo e disciplina” dos regulamentos militares, mas que o mesmo não tem objetivo

⁶⁹ Segundo a nota de rodapé, “Angaturâma”, provém do Tupi e quer dizer “Alma Justa” ou “Ciência do Justo”. Livro “A Juventude Brasileira” CPDOC, FGV: GC 996 p. 12

⁷⁰ IDEM

⁷¹ Plano de Organização da “Juventude Brasileira”. CPDOC, FGV: GC 959 f.

militarista, mas colaborador na “obra de educação a que propôs o Estado Nacional implantado em 1937”. (XAVIER, 1942)

O plano expõe de maneira detalhada a organização, direção e disciplina a serem adotadas na Juventude Brasileira. Apesar de o capitão frisar que não há o objetivo de militarização dos jovens, encontram-se vários elementos que apontam o contrário. Temos por exemplo a previsão de uma escala hierárquica extremamente rígida, condições para promoção, medalhas de premiação, cinco tipos diferentes de uniformes, acessórios (espadim, bengala, bastão), cadernetas de controle de conduta, além de juramentos para entrada e saída na Juventude Brasileira.

Prevê ainda a saudação da Juventude Brasileira. Os jovens sempre que encontrassem um igual ou superior, deveriam prestar continência acompanhada da expressão “Salve!”.

2.3.3. Vestindo a Juventude Brasileira: o projeto de uniformes

A proposta de uniforme próprio para a organização encontrava-se presente no decreto de criação da Juventude Brasileira.

Segundo Silva⁷² (2006), os uniformes, além de se constituírem um meio de disciplina, procuram normatizar condutas e corpos, homogeneizando o universo escolar.

A Portaria Ministerial nº 89, de 16 de maio de 1940, constituiu uma comissão responsável por organizar projetos de uniformes e distintivos da Juventude Brasileira. Formavam a comissão o tenente-coronel Carlos Pfaltzgraff Brasil, o capitão de fragata Braz Paulino da Franca Vellozo, o capitão de corveta Benjamin Sodré, o capitão João Luiz Costa Lima e os professores Enoch da Rocha Lima e Alfredo Galvão.

Pouco mais de um mês após a comissão ser formada, foram incorporadas à ela, pela Portaria Ministerial nº 108, as senhoras Silvia de Bettencourt e Andréa Borges Costa.

⁷² SILVA, Katiene Nogueira. “Criança calçada, criança sadia: Sobre uniformes escolares na escola pública paulista entre os anos de 1950 a 1970”. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo.

Em outubro do mesmo ano, a comissão encaminha ao Ministro Gustavo Capanema o projeto de organização dos uniformes. Este, vem apresentado por uma exposição de motivos.

Um estudo minucioso sobre as atividades dos jovens escolares, as condições climáticas, foi realizado pela comissão para determinar os materiais utilizados na confecção dos uniformes e o modelo dos mesmos. Acompanhado do projeto, há uma tabela com a composição de cada tecido, bem como o preço por metro.

Para a “Ala Menor”, ou seja, os meninos e meninas de 07 a 11 anos, seriam usados os uniformes adotados pelas escolas Municipais do Distrito Federal.

Este uniforme único seria composto por:

Blusão Branco

De morim ou cretone com 5 botões visíveis e um sob a gola. Frente com 4 casas, bolso a esquerda com portinholas do mesmo tecido. Na parte inferior uma cinta na mesma fazenda, com 0,03 de largura abotoando à direita.

Calção Curto

De brim azul, curto até o joelho, com 2 bolsos laterais e 2 pregas a altura da cinta, botões para suspensórios.

Saia

De brim azul, toda pregueada, formando um macho na frente e outro atrás, respectivamente voltados para fora e para dentro, mantidos na cintura por um cós, preso a um corpinho morim.

Gorro

Capa de brim branco, aba de brim azul, pespontada.

Calçado

Sapatos pretos.

Meias

Pretas, exigida unicamente para os desfiles.

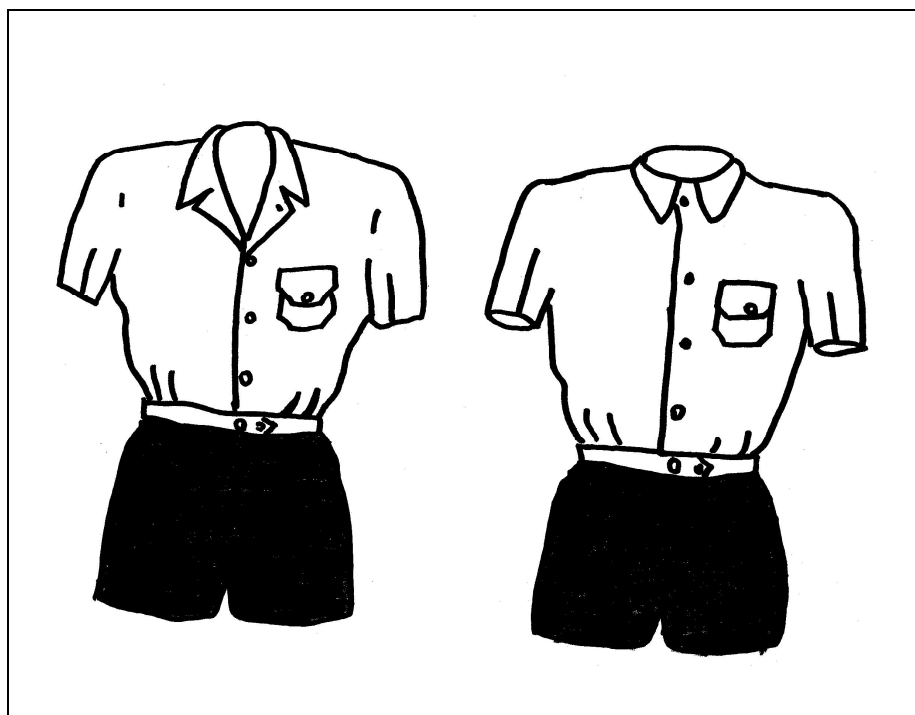
Agasalho

Facultativo, de pano azul, com botões. (Projeto de uniformes para a Juventude Brasileira – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Percebe-se que não houve grande preocupação em se estabelecer um uniforme próprio para os pequenos integrantes da Juventude Brasileira. Estes utilizariam aqueles que já utilizavam normalmente.

Além da descrição dos uniformes, há ainda desenhos para ilustrar cada um deles.

FIGURA 8 – UNIFORME DA ALA MENOR DA JUVENTUDE BRASILEIRA



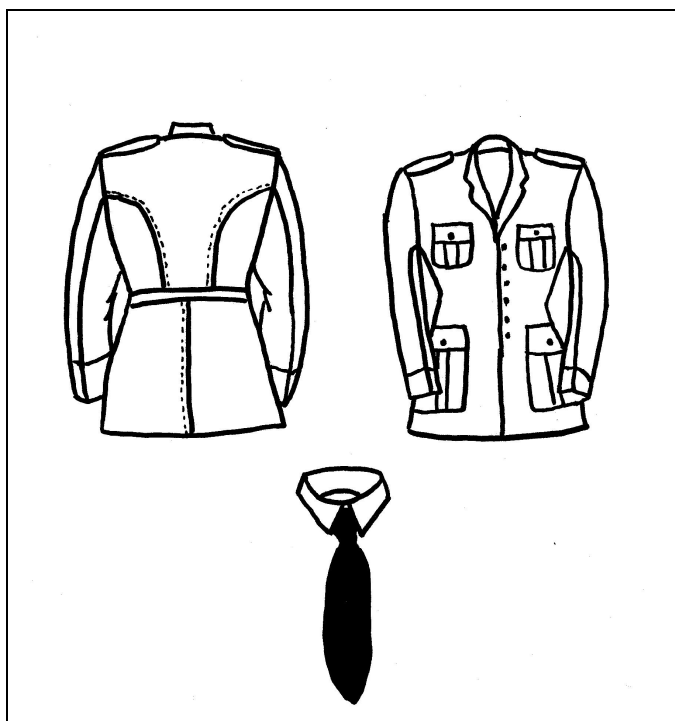
FONTE: Projeto de organização de uniformes para Juventude Brasileira. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09

Para os jovens de 11-18 anos, foram previstos uniformes distintos para o sexo masculino e feminino, além de haver vestimentas diferentes para atividades diferentes.

Os meninos da “Ala Maior”, usariam 4 uniformes: de frequência escolar, atividades de campo, educação física e passeio e desfile.

Para os jovens freqüentarem a escola, deveriam utilizar a seguinte túnica:

FIGURA 9 – TÚNICA DO UNIFORME MASCULINO DA ALA MAIOR



FONTE: Projeto de organização de uniformes para Juventude Brasileira. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09

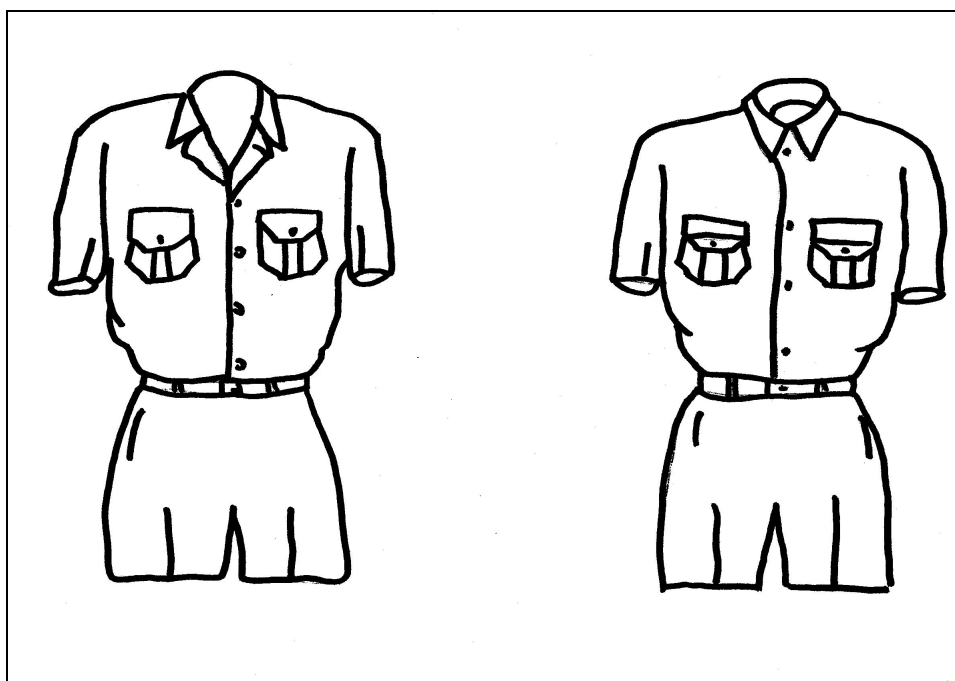
Esta seria confeccionada em brim caqui, assim como os uniformes da Juventude Hitlerista. Além da túnica, os meninos utilizariam uma calça de brim caqui, de bainha reta e uma camisa branca com colarinho duplo, acompanhada de uma gravata preta, lisa de laço vertical (fig.9)

O uso do brim caqui é justificado pela comissão. Segundo os autores do projeto, o uniforme de uso escolar “teria um uso mais extenso”, deste modo, o brim caqui era indicado “por ser não só de fabricação nacional, como também pela sua cor e natureza do tecido, a sua grande durabilidade e variadas condições de preço acessíveis a todas as bolsas” (PROJETO DE UNIFORMES PARA A JUVENTUDE BRASILEIRA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Este uniforme completo custaria, segundo o projeto 61\$000. Os sapatos deveriam ser de couro preto.

Nas atividades de campo, os jovens, se vestiriam com uma camisa de brim caqui (fig 10), de mangas curtas, combinada com a mesma calça do uniforme escolar.

FIGURA 10- CAMISA DE ATIVIDADES NO CAMPO JUVENTUDE BRASILEIRA



FONTE: Projeto de organização de uniformes para Juventude Brasileira. CPDOC: GC 1938.08.09

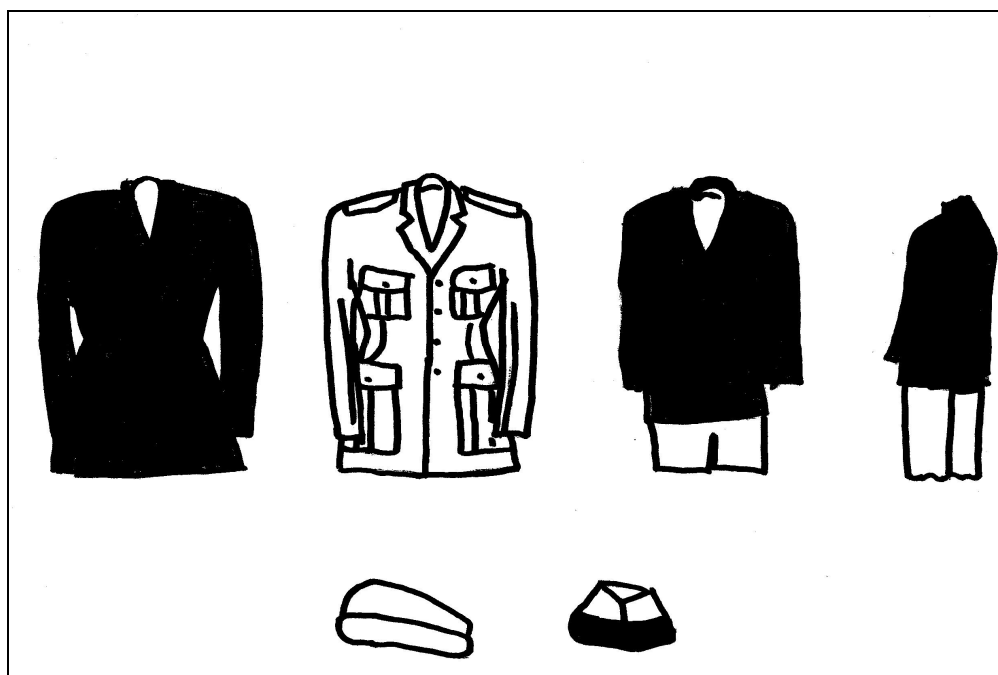
Há ainda a descrição do uniforme de educação física, que seria uma camiseta branca de algodão sem mangas e um calção curto de brim branco.

O uniforme mais caro (92\$000) e com mais detalhes, era o uniforme de passeio e desfile. Este seria composto por uma túnica de brim branco, no mesmo modelo da túnica de frequência escolar, mas com botões de metal dourado. A calça seria de sargeline azul. Haveria também um casaco de lã grosso azul marinho, de uso facultativo.

Cabe questionar se todas as famílias que tinham filhos nas escolas públicas secundárias da época teriam condições financeiras de adquirir os uniformes, sendo que 92\$000 e 150\$000 (preço dos uniformes mais caros masculino e feminino) era um valor bastante elevado.

Em um primeiro momento todos os uniformes foram considerados pela comissão de uso obrigatório.

FIGURA 11– TÚNICAS, JAPONA E BONÉS DA JUVENTUDE BRASILEIRA



FONTE: Projeto de organização de uniformes para Juventude Brasileira. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09

Os uniformes deveriam ser ornamentados pelo distintivo da escola e o distintivo da Juventude Brasileira. O das escolas, deceria ser usado na lapela dos uniformes, já o da organização, “0,005 acima da linha da pestana do bolso esquerdo superior” (PROJETO DE UNIFORMES PARA A JUVENTUDE BRASILEIRA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

As moças da “Ala Maior” usariam três tipos diferentes de uniforme. Para ir à escola, vestiriam-se com um “casaco-jaquetão” de sargeline azul marinho, com

botões dourados, as saias seriam do mesmo tecido e cor, pregueada e sustentada por suspensórios. A blusa seria de tricoline branca com as mangas levemente franzidas até a altura dos cotovelos. Usariam meias compridas de cor “carne” ou “soquetes” brancas e sapatos pretos com salto esporte de até 3 cm.

FIGURA 12 – UNIFORME ESCOLAR FEMININO DA JUVENTUDE BRASILEIRA



FONTE: Projeto de organização de uniformes para Juventude Brasileira. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09

Para freqüentarem as aulas de educação física, as meninas usariam uma “blusa-sunga” em tricoline branca, com gola e mangas franzidas e um calção do mesmo tecido preto, pregueado na cintura e franzidos por elástico nas pernas.

FIGURA 13 – UNIFORME PARA EDUCAÇÃO FÍSICA DA ALA FEMININA DA JUVENTUDE BRASILEIRA



FONTE: Projeto de organização de uniformes para Juventude Brasileira. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09

Nos dias de passeios e desfiles, as moças deveriam trajar um vestido branco com a saia pregueada, com botões de madrepérola branca, gola reta rente ao pescoço e manga ligeiramente franzida até o cotovelo. Além disto, haveria um chapéu branco com aba e enfeitado por uma fita azul.

FIGURA 14 – TRAJE PARA PASSEIO DA ALA MAIOR DA JUVENTUDE BRASILEIRA



FONTE: Projeto de organização de uniformes para Juventude Brasileira. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09

Os custos dos uniformes femininos eram um pouco mais elevados do que os masculinos. O de frequência escolar custaria 150\$000, o de Educação Física 25\$00 e o de passeio e desfile 60\$000.

O projeto de uniformes foi analisado por Gustavo Barroso e pelo Major João Barbosa Leite, que sugeriram mudanças.

Barroso, aconselhou, por exemplo, apenas a determinação do modelo, e não da cor, ficando a cargo de cada escola, escolher a cor do seu uniforme. Isto, segundo ele tornaria os desfiles menos monótonos. Além disso, sugeriu que os uniformes de passeio, por exemplo, fossem considerados de uso facultativo, devido ao preço elevado.

Leite, da Divisão da Educação Física sugeriu a mudança da blusa-sunga das meninas, substituindo por uma blusa simples por dentro do calção.

Os uniformes propostos para a Juventude Brasileira não foram utilizados por todos os jovens pertencentes à organização. No caso específico de Curitiba, não encontramos nenhum registro iconográfico de desfiles onde meninos e meninas trajassem modelos semelhantes àqueles recomendados pelo projeto. No entanto, em fotografias de desfiles e comemorações ocorridos em outras localidades os jovens trajam vestimentas semelhantes aos desenhos do projeto. (fig.15) Já em outros registros não conseguimos observar o uso dos mesmos. (fig. 16)

FIGURA 15- MANIFESTAÇÃO CÍVICA DA JUVENTUDE BRASILEIRA



FONTE: SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, H.M. Bousquet; COSTA, V. M. Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo, SP: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FIGURA 16 – ESTUDANTES NO DIA DA BANDEIRA



FONTE: SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, H.M. Bousquet; COSTA, V. M. Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo, SP: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

A não utilização dos uniformes pela maioria das crianças e jovens da organização, não justifica o descarte desta fonte importante para a compreensão das concepções intrínsecas a este movimento, já que

Os uniformes fazem parte de toda uma simbologia que permeia as instituições educativas e postula valores, normas e intenções que impregnam as relações educativas sem que, para isso, seja necessário o discurso verbal. (SILVA, 2006, p. 59)

Um exemplo é a aproximação com trajes militares, no caso do uniforme de passeio e desfile dos meninos, corroborando com a idéia da formação de futuros soldados da Pátria, idéia que permeou toda a discussão sobre a gestação da organização. E vestidos brancos das meninas, transmitindo a idéia de limpeza e higiene, consoantes com os ideais eugênicos da época.

Esta linguagem não-verbal impressa pelo uso de uniformes era transmissora, não apenas para os jovens que os trajavam, mas para a sociedade que assistiria o

desfile, a idéia de igualdade, disciplina e homogeneidade apregoada pelo Estado Novo e pela Juventude Brasileira.

2.3.4. A extinção da “camisa de força da mocidade”

Existe um documento datado de 1943, proveniente da Divisão de Ensino Primário, que se intitula “Ante-projeto: reorganiza a Juventude Brasileira”. Nele, há uma proposta de decreto reformulando todo o funcionamento e concepção da organização, o que leva a crer que esta enfrentava uma crise.

Em julho do mesmo ano, o Ten. Cel. Jair Dantas Ribeiro, Secretário Geral da Direção Nacional da Juventude Brasileira redige e encaminha a Capanema uma carta relatando todas as dificuldades enfrentadas por esta secretaria.

O secretário relata um “atrito” com a Divisão do Ensino Secundário e com a Divisão de Educação Extra-escolar. Segundo ele, este atrito acontecia principalmente pelo fato destes outros órgão utilizarem indevidamente a expressão “Juventude Brasileira”. Além disso, Dantas, redige uma lista com onze itens sobre problemas “administrativos” ocorridos no departamento, entre esses estavam “enormes gastos com luz, força e gás”, “muitos móveis precisando de reparo”, “mais de 100 telefonemas interurbanos pagos pelo administrador” e eletricista e carpinteiro “não constam no quadro pessoal da Secretaria, mas há necessidade”. (CARTA DE DIREÇÃO NACIONAL DA JUVENTUDE BRASILEIRA A GUSTAVO CAPANEMA. CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Para o secretário, havia uma confusão nas funções deste órgão e da própria Juventude Brasileira.

Os equívocos referentes à Direção Nacional da Juventude Brasileira (DNJB) não pararam por aí. Em 1944, a Secretaria Geral da Juventude Brasileira passa a ser integrada à Divisão de Educação Física. Ao que parece, esta integração foi uma forma de extinguir a Secretaria.

Em março de 1945, o periódico carioca “O Jornal”, publica uma nota intitulada “Sem Junção”, onde além de noticiar a integração entre a DNJB com a Divisão da Educação Física, tece críticas duras à organização.

Segundo o crítico

Os servidores da Juventude Brasileira não têm, no momento, serviços a executar. Não têm nem nunca tiveram. E nunca tiveram porque, se houve uma moda fascista que não pegou no país, apesar do interesse da ditadura estadonovista, foi essa de Juventude Brasileira, em moldes da “Juventude Hitlerista”. (O Jornal, 03 de mar. de 1945)

O periódico continua, relatando a repulsa dos estudantes secundaristas em participar de tal movimento que era “uma camisa de força cortada para os estudantes arianos e que não se adaptava, de maneira alguma, no corpo de nossos miscigenados rapazes.” (O Jornal, 03 mar. 1945)

De acordo com o artigo, as passeatas se constituíam em momentos onde as crianças aplaudiam autoridades e empunhavam bandeiras em um “arremedo forçado das manifestações de camisas-pardas”, sempre sob “ameaças e conselhos”, e não por vontade própria. (O Jornal 03 mar. 1945)

No dia seguinte o jornal “Correio da Manhã”, traz uma nota semelhante ao outro periódico, no entanto, para o primeiro, a Juventude Brasileira assemelhou-se mais à Juventude Fascista

A Juventude é uma criação do sr. Gustavo Capanema. Consta no folclore afro-brasileiro [...] que o Diabo, com inveja dos seres superiores, sempre produzia uma *droga*, em represália a qualquer coisa que surgisse para o bem da humanidade. Não queremos comparar o sr. Capanema ao Tinhoso, nem considerar o sr. Mussolini igual a alguém que atingisse um grau de superioridade. Mas o ministro que andou, após a Revolução de 1930, enfiado numa camisa parda, quis dar a sua contribuição tímida ao fascismo disfarçado que se instituiu no país desde 1937. Adotou um plano parecido com o da *Giuventu Fascista*. (Correio da Manhã, 04 de mar. de 1945)

Segundo o “Correio da Manhã”, as formaturas da Juventude Brasileira eram uma farsa para ratificar a idéia de aprovação ao regime. Além disso, enquanto o ministro se dedicava à organização a educação “ia por água a baixo” (Correio da Manhã, 04 mar. 1945).

Podemos questionar a posição dos jornais nas críticas à Juventude Brasileira: esta coragem e ousadia em criticar o regime permearam todas as atividades da organização juvenil ou foram possíveis apenas pelo enfraquecimento do Estado Novo?

Percebe-se que a criação da Juventude Brasileira foi um processo bastante conturbado. Conflitos de interesses, inserções políticas, busca pelo poder, além do

cenário nacional e internacional da época contribuíram de maneira significativa para tanto.

A Juventude Brasileira passa então a figurar como uma organização intimamente relacionada com a educação escolar, e que apesar de ser um movimento extra-escolar, atuou quase que exclusivamente nas escolas, deixando uma marca muito forte na educação e no imaginário social da época.

Os projetos, aparentemente tão distintos entre si, encerravam um objetivo muito claro: inculcar o sentimento de unidade nacional, baseado na ideologia cívico-patriótica, que permitissem a legitimação e permanência do regime instaurado à 10 de novembro de 1937.

Conhecendo o percurso legal da organização e suas principais características, cabe-nos agora questionar: Qual foi a intensidade das atividades da Juventude Brasileira em Curitiba? Como a cultura cívica educacional foi influenciada pela Juventude Brasileira, seus rituais e ideologia? De que forma esta organização influenciou na educação escolar? É o que tentaremos responder no próximo capítulo.

3 JUVENTUDE BRASILEIRA EM CURITIBA: ESCOLA E CULTURA CÍVICA NO ESTADO NOVO

Este capítulo tem o propósito de compreender como se deu a atuação da Juventude Brasileira na capital paranaense. Para tanto, privilegiaremos como fonte dois jornais diários que circulavam em Curitiba no período estudado: Diário da Tarde⁷³ e Gazeta do Povo⁷⁴ e os volumes da Imprensa Escolar⁷⁵. Contudo é preciso ressaltar que a ação no Paraná não se limitou apenas à Curitiba, visto que encontramos na documentação relatos de desfiles, atividades e textos que comprovam uma ação expressiva do movimento nas demais cidades do estado.

Segundo Schimmelpfeng (2002) na década de 1930

Curitiba inicia uma fase de acentuado crescimento com uma taxa de urbanização superior a 50%. Em 1940, contava com 142.000 habitantes e atingira uma média de 1,65 construções/dia. A arrecadação municipal, entre 1936 a 1941 saltara de Cr\$ 6 milhões para, aproximadamente, Cr\$10 milhões. Alguns edifícios públicos eram destacados nos almanaques, atraindo futuros visitantes. *Iluminada a eletrecidade, servida por linhas de bondes e dotada de água canalizada e rede de esgotos, a capital progred[ia] incessantemente.* (SCHIMMELPFENG, 2002, p.23)

Já em 1940, a população se dividia em doze bairros Juvevê, Bacacheri, Glória, Batel, Portão, Água Verde, Assungui, Bigorriho, Mercês, Guabirota, Cajuru e Ahú, e quatro distritos: Santa Felicidade, São Casemiro do Taboão, Nova Polônia e Portão.⁷⁶

Neste mesmo ano, houve um esforço da Prefeitura de Curitiba em detectar as necessidades urbanísticas e elaborar planos para solução dos problemas. As maiores deficiências foram detectadas com relação ao saneamento, ao tráfego e à definição de centros funcionais administrativos, comercial, militar, universitário, social, etc.

⁷³ O jornal vespertino Diário da Tarde circulou na capital paranaense de 1899 ao final da década de 1960. Durante o período da pesquisa, seu diretor era Hidelbrando Araújo.

⁷⁴ Gazeta do Povo fundada em 1919 e circula até os dias de hoje em Curitiba. Seu diretor durante o regime do Estado Novo foi Acir Guimarães.

⁷⁵ A Imprensa Escolar é um volume com jornais financiados pelo governo durante o Estado Novo. Faremos uma apresentação mais aprofundada posteriormente.

⁷⁶ ALMANAK LAEMERT, 1935; e BOSCHILIA, R. **Modelando condutas**: a educação católica em colégios masculinos. (Curitiba 1925-1965) Curitiba, 2002. Tese de doutorado, p. 69.

Segundo Correia (2004), após este levantamento a prefeitura designou uma empresa para redefinir o espaço urbano da cidade. Para tanto, a empresa contratou Alfredo Agache, arquiteto francês responsável pela consultoria de projetos de planejamento urbano em várias cidades do Brasil.

O “Plano Agache” tinha o objetivo de ordenar o crescimento da cidade e dar melhores condições de vida aos cidadãos, que sofriam principalmente com as inundações causadas pelos rios.

Este plano privilegiou a construção das escolas apenas nos bairros próximos ao centro da cidade.

Em 1940, apenas um quarto de crianças em idade escolar freqüentavam a escola, neste sentido,

o governo Manoel Ribas preocupou-se em realizar obras de construção de edifícios escolares. Segundo um relatório publicado no jornal, em 1937, este era um dos problemas educacionais *inadiáveis*, mas já havia sido *atacado e resolvido*. O Estado se mostrava atento para com a saúde e o bem-estar dessa população declarando que fazia parte de seu plano a *modernização das construções escolares*, com a adoção de novas plantas, confeccionadas segundo as exigências mais rigorosas da pedagogia, da arquitetura e da higiene. Afirmando o caráter de modernidade, explica que os modelos haviam sido elaborados nos mesmos moldes que os adotados nas principais capitais do país, São Paulo e Rio de Janeiro, e adaptadas às condições gerais de nosso ambiente. (SCHIMMELPFENG, 2002, p.37)

Em 1941, o anuário estatístico trouxe os seguintes dados referentes aos estabelecimentos de ensino:

QUADRO 01 – ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO PARANÁ – 1937

	Ensino primário	Ensino não-primário
Curitiba	159	26
Interior	1199	14
Total	1358	40

FONTE: MARTINS, Claudia Kawka. A Disciplina escolar de História no Ensino Secundário Público Paranaense: 1931 a 1951. Tese de doutorado. UFPR, 2006.

A Juventude Brasileira se desenvolveu exclusivamente relacionada à escola e vivenciou o cenário urbano principalmente nas comemorações e formaturas que aconteciam periodicamente.

Ao optarmos por utilizar a imprensa como uma das principais fontes da nossa pesquisa, acreditamos, assim como Capelato, que ela é capaz de possibilitar ao historiador captar as transformações do homem no tempo, “a vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os ilustres, mas também os sujeitos anônimos.” (CAPELATO, 1994, p. 20).

Portanto, a imprensa se apresenta como uma nova possibilidade de entendimento deste momento próprio da história do Brasil e das manifestações da Juventude Brasileira.

Também Bencostta ao estudar as representações das festas escolares em Curitiba, faz uso dos jornais entendendo que

[...] a imprensa, em geral, se apresenta como uma importante fonte para a história porque, à medida que a educação vai ganhando destaque no contexto brasileiro, tanto político como social, os periódicos se mostram como um meio de divulgação do que acontece com o sistema de ensino. Crítica, elogios, decretos, prestação de contas à sociedade, sugestões, todos esses elementos podem ser encontrados nas páginas dos jornais. Esses elementos fazem parte do universo escolar, tanto quanto os cadernos e livros das crianças que freqüentavam os grupos escolares. (BENCOSTTA, 2006, p. 6)

Através da imprensa, compreende-se como a sociedade e os próprios jovens interpretavam o movimento.

3.1. O PAPEL DA IMPRENSA NA DIVULGAÇÃO DA IDEOLOGIA DA JUVENTUDE BRASILEIRA

Durante o Estado Novo, a imprensa de grande circulação brasileira se rendeu aos ideais apregoados pelo novo regime. No entanto, pode-se perceber que pelo exemplo da página 94 (jornais “O Jornal” e “Correio da manhã”), será diferente no final do regime. Os meios de comunicação de massa, auxiliaram na divulgação de suas informações que culminaria na propaganda política a serviço do Estado. Esta

passa a se constituir em um instrumento de poder, já que “transformava idéias e conceitos em imagens e símbolos que foram incorporados no imaginário da população”. (CAPELATO, 1998a)

Este uso da propaganda política no Brasil, é inspirada principalmente nos regimes totalitários da Alemanha e Itália. Nos arquivos de Gustavo Capanema, há uma correspondência de Luiz Simões Lopes, na qual relata com entusiasmo, após uma visita à Alemanha, o funcionamento do Ministério de Esclarecimento Popular e de Propaganda do Reich (*Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda – RMVP*)⁷⁷

O que mais me impressionou em Berlim, foi a propaganda sistemática, methodizada do governo e do sistema de governo nacional socialista. Não há em toda a Alemanha uma só pessoa que não sinta diariamente o contato do nazismo ou de Hitler, seja pela fotografia, pelo rádio, pelo cinema, através toda a imprensa alemã, pelos leaders nazis, pelas organizações do partido ou, seja no mínimo, pelo encontro, por toda a parte, dos uniformes dos S.A. (tropas de assaltos) ou S.S. (tropas de proteção pessoal de Hitler)(...). ”(Carta de Luiz Simões Lopes a Capanema - GC 1934.09.22).

De acordo com Santos (2004), após a visita que o deixou tão empolgado, Lopes sugeriu a Getúlio a criação de um órgão semelhante aquele da Alemanha nazista. O antigo Departamento Oficial de Propaganda (DOP), é extinto com a Constituição de 1934, dando lugar ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Este passa por diversas reformulações, até que em 1939, visando a criação de um órgão mais forte, dá origem ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)

Criado pelo decreto-lei nº 1.915 de 27 de dezembro de 1939, era diretamente subordinado ao presidente da república e tinha o objetivo de elucidar a opinião nacional sobre as diretrizes doutrinárias do regime, em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira. Logo, podemos afirmar que o DIP passou a ter o vértice cultural como um dos seus objetivos. (SANTOS, 2004, p.23)

⁷⁷ Criado em março de 1933, tinha como ministro Joseph Goebbels. Goebbels tinha planejado cinco departamentos para este novo ministério, abarcando rádio, imprensa, cinema, teatro e educação popular. Entretanto, em abril de 1933, a estrutura deste ministério foi reorganizada e mais dois novos departamentos (finanças e contabilidade; e música, arte erudita e cultura popular) foram criados. (SANTOS, 2004)

Entre as atividades sob responsabilidade deste departamento estavam a centralização, coordenação, orientação e supervisão da propaganda nacional, interna e externa; supervisionar o turismo; censurar o teatro, cinema, atividades esportivas ou recreativas de todos os tipos, bem como as rádios, a literatura social ou política e a imprensa; estimular tanto a produção de filmes nacionais como selecionar filmes educacionais e nacionalistas para benefício do governo; coordenar e promover relações entre imprensa e poder público, para familiarizar as formas de publicação com os fatos relacionados aos interesses da nação; estimular e colaborar com os intelectuais e escritores brasileiros, visando promover uma literatura e uma arte genuinamente brasileiras; entre outras. (DAGNINO⁷⁸, in SANTOS, 2004)

O DIP era composto por cinco divisões: Divisão de Divulgação, Divisão de Radiodifusão, Divisão de Cinema e Teatro, Divisão de Turismo e Divisão de Imprensa. Sendo ele responsável por todo material produzido pelo regime, tais como: folhetos, livros, revistas, cartazes, entre outros. Alguns desses materiais eram utilizados nas escolas, para a propagação dos ideais do Estado Novo, dentre eles: “Getúlio Vargas para Crianças”, “Brasileiros, ouvi!”⁷⁹ e “A Juventude do Estado Novo”.

Sempre trazendo muitas ilustrações, apesar do tema central desses materiais ter sido o enaltecimento do regime, foi farta a utilização de fragmentos da biografia de Vargas, assim como apelos aos trabalhadores ou aos jovens, convocando-os para trabalhar com apreço e disciplina pelo futuro do Brasil.

Destarte o DIP “tinha como função elucidar a opinião pública sobre as diretrizes doutrinárias do regime atuando em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira” (CAPELATO, 1999, p.172), o seu principal objetivo era edificar uma imagem positiva e contundente do presidente, do regime e de tudo que fazia referência a ele, e para tanto, utilizou diversas estratégias: livros, revistas, fotografias, e principalmente o rádio e a imprensa.

Capanema fez uma consulta sobre a difusão da propaganda radiofônica para a Juventude Brasileira. Na resposta ao ministro, o relator faz uma defesa à utilização do rádio enquanto um dos instrumentos mais eficazes para atingir um grande

⁷⁸ DAGNINO, Evelina. *State and Ideology: Nationalism in Brazil (1930-1945)*. Stanford: [s/n], 1985.

⁷⁹ Valéria da Conceição Chaves, em sua dissertação de mestrado “O Estado Novo entre textos e imagens”, analisa estas duas publicações.

número de jovens, e suscitar entusiasmo nos mesmos, já que “o poder sugestionador da palavra falada” teria “influência dominadora” e seria “especialmente sensível em relação aos moços” (REPOSTA À CONSULTA DO MINISTRO CAPANEMA SOBRE A PROPANDA RADIOFÔNICA PARA A JUVENTUDE BRASILEIRA - GC 1938.08.09)

No documento existem várias propostas de utilização da propaganda como a transmissão simultânea em todas as estações (a exemplo da Hora do Brasil), fazer programas em discos e distribuí-los pelas estações de rádio do país, enviar às estações programas escritos para serem narrados pelos locutores. A mais indicada, segundo o autor, seria a gravação de discos, pois seria uma alternativa barata e de abrangência, sendo fácil de fazer e controlar.

Sabe-se que em algumas ocasiões o rádio esteve a serviço da Juventude Brasileira, divulgando eventos e preleções, mas este meio não alcançou tanta visibilidade e utilidade quanto a imprensa periódica.

No Brasil, a imprensa periódica teve um papel mais abrangente e significativo do que o rádio no que concerne à propaganda política. Para que pudessem funcionar, as empresas jornalísticas precisavam de registros concedidos pelo DIP. As atividades desempenhadas eram igualmente controladas por esse órgão, visto que durante o regime a imprensa tinha como papel “divulgar as atividades e qualidades do chefe e seus auxiliares, a fim de que fossem tomados como modelo de virtude para os cidadãos”. (CAPELATO, 1999, p. 175)

Entre as atividades divulgadas, as datas comemorativas e festejos promovidos como meio de propaganda do regime tiveram grande expressão. A Juventude Brasileira terá grande visibilidade nestas festas cívicas, como veremos a seguir.

3.2. COMEMORAÇÕES E FESTIVIDADES

As comemorações e festividades cívicas tiveram grande visibilidade no Estado Novo. Utilizadas como instrumento de legitimação e aceitação, despertaram impressões que permearam a memória dos atores e espectadores desses grandes espetáculos, funcionando assim como propaganda política. Portanto, como afirma

Santos, “os símbolos políticos e as festividades, em geral, foram percebidos como sendo a forma ideal de comunicação na sociedade de massa. Em outras palavras, esses artifícios possuem uma função elementar na medida em que oferecem diretrizes para o relacionamento entre as pessoas, a sociedade e a política”. (SANTOS, 2004, p.68)

O fenômeno das comemorações pode ser entendido, de acordo com Silva (2001), como uma busca, através da “rememoração”, de significações para o uso do presente.

No Estado Novo, entretanto, as comemorações ganharam um novo desenho. A partir das datas já cristalizadas como constituintes da memória nacional, novas datas passaram a figurar no calendário de festividades. Aniversário de Vargas (19 de abril), Dia da Raça (05 de setembro), Aniversário do Estado Novo (10 de novembro).

Ora, se “nesse processo comemorativo, a distância do acontecimento passado é relativizada pela sua aproximação com o presente histórico [...] e a comemoração tem por objetivo demonstrar que o acontecimento rememorado, por seu valor simbólico, pode se reportar ao devir” (SILVA, 2001, p.19), o regime estaria interessado em se utilizar das datas já existentes para inculcar no imaginário coletivo as datas que acabava de criar como portadoras de acontecimentos significativos para a nação.

Todas as novas comemorações, por coincidência ou não, eram bem próximas a datas cívicas e aos poucos percebemos que o regime se apropriou destas e transformou-as em datas próprias para celebrar o Estado Novo. A partir disso, são previstas cerimônias que irão exercer grande importância na sedimentação da idéia de unidade e fortalecimento da nação. Isto se deve à capacidade destas em “contribuir para a construção de valores sociais e políticos, ao mesmo tempo em que podem tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos”. (SANTOS, 2004, p. 79)

Deste modo, as paradas, desfiles, enfim as festividades, se constituíam formas de manifestações coletivas apropriadas. Os desfiles escolares serão objeto de nossa análise, por ser tratar justamente do momento de maior visibilidade da Juventude Brasileira.

Seguindo as análises de Bencostta, os desfiles patrióticos podem ser entendidos como “uma construção social que manifesta, em seu espaço, significações e representações que favorecem a composição de uma certa cultura

cívica inerente aos seus atores; nos facilita entender a identidade que é dada pela compreensão que esse grupo possui acerca do símbolo que justificou a realização do desfile e que registrou de modo duradouro na memória social um sentimento que se propunha ser coletivo pela união dos anseios de seus atores, delimitada em um tempo e espaço históricos.” (BENCOSTTA, 2006, p.300, 301)

Vale lembrar que essas comemorações eram conduzidas pelos órgãos oficiais e mobilizavam não apenas os estudantes, mas a população em geral. Assim sendo “a festa instala a alegria: a alegria espalha-se em profusão; a festa legitima o regime.” (CAPELATO, 1998b, p. 59)

Entre as festas e comemorações, uma nos chama atenção, o “Dia do Presidente” ou aniversário do presidente, que passa a ser comemorado no Estado Novo, tomando dimensão de uma festa cívica.

3.2.1 Aniversário do Presidente Getulio Vargas

Desde 1940, o aniversário do Presidente da República se constituiu uma data de grande importância para o regime do Estado Novo. Comemorado no dia 19 de abril, era amplamente divulgado pelos jornais, com farta publicação de mensagens de congratulações, discursos enaltecendo a figura de Vargas e até mesmo o número de telegramas recebidos pelo mesmo em ocasião de seu natalício “o investimento em torno da imagem de Vargas foi responsável por inserir a data de seu aniversário no calendário de comemorações cívicas como instrumento de convencimento, o que levou os alunos a trocarem os bancos das escolas pelos desfiles nas ruas do país em homenagem ao senhor Vargas”. (BENCOSTTA, 2006, p. 303)

No Boletim da Prefeitura Municipal de Curitiba de 1942, aparece a “significativa” data com um relato de todas as manifestações de “entusiasmo do povo de Curitiba” dando destaque ao “desfile da Juventude”. (BOLETIM DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 1942). Entretanto, foi a partir de 1943 que a imprensa curitibana concede maior visibilidade ao desfile da Juventude Brasileira em comemoração ao aniversário do Presidente. Naquele ano, o jornal Gazeta do Povo divulgou amplamente a realização e instruções do desfile.

GRANDIOSAS FESTIVIDADES COMEMORARÃO O ANIVERSÁRIO DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

[...]

O DESFILE DA JUVENTUDE

O desfile da Juventude marcará o ponto culminante por certo das comemorações que se aproximam.

Deverá, em breve, o sr. Diretor Geral da Educação, dr. Simeão Pedroso, baixar instruções sobre a participação de todos os estabelecimentos de ensino público e particular, primário e secundário da capital.

Ao mesmo tempo haverá uma série de preleções nas escolas sobre a personalidade do Pres. Getúlio Vargas sob a orientação de professores competentes.

A 19 de abril, às 9 h da manhã milhares de colegiais se deslocarão da Praça Santos Andrade, ponto determinado para a concentração de acendrado civismo e confiança nos destinos do Brasil imortal, percorrerão a rua 15 de novembro, em direção à Praça Gal. Osório.

Todos os edifícios particulares e públicos embandeirados emprestarão á cidade, naquela data, um ambiente de júbilo e de festa. (Gazeta do Povo, 03 abr. 1943.)

Cabe observar a data em que a primeira nota sobre o desfile aparece no jornal: 16 dias antes da ocorrência do mesmo. Alguns dias depois, o mesmo jornal publica uma nota sobre o desfile exaltando a realização dele e fornecendo algumas orientações sobre a festividade.

AS FESTAS EM HOMENAGEM AO ANIVERSARIO DA PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

[...]

O DESFILE DA JUVENTUDE

Já se tornou tradicional, como uma das mais altas expressões de civismo, a participação da juventude que exprimem a consciência nacional e o permanente espetáculo que ela nos proporciona traduz com emoção o culto das gerações moças aos símbolos do Brasil uno e indivisível.

O 19 de abril, mais uma vez, a mocidade paranaense demonstrará de público o seu culto à Pátria.

De acordo com os preparativos já ultimados, 18 mil colegiais, aproximadamente tomarão parte na festa de homenagem ao Presidente Getúlio Vargas. A concentração terá lugar na Praça Santos Andrade, na manhã de 19, onde se organizará, após o grande cortejo cívico que percorrerá a rua 15 de novembro e Av. João Pessoa.

Cada representação escolar conduzirá o pavilhão nacional, desfilando diante das autoridades civis e militares que estarão em palanque especialmente armado à Av. João Pessoa.

Um grupo de samaritanas e voluntárias socorristas pertencentes à Cruz Vermelha Brasileira integrará o desfile.

Aviões da base aérea de Curitiba sobrevoarão o local durante o ato que será filmado pelo DIP. (Jornal Gazeta do Povo 14 abr. 1943.grifo nosso)

O jornal não deixa de comentar que o desfile será filmado pelo DIP, ou seja, as comemorações também encontravam-se sob os olhares atentos do departamento.

Dois dias depois, é possível encontrar a publicação na íntegra da Portaria 171 do Diretor Geral da Educação, na qual determina, entre outras, a realização de preleções sobre o Presidente da República nas escolas, bem como traz as orientações para o desfile a se realizar no dia 19 de abril.

Entre estas orientações se encontram o horário, às 8h30, e o local de concentração de cada escola e como deveria ser o traje dos participantes

Os alunos dos cursos primário, compareçam de avental branco e sapato de tenis, as professoras de tailleur preto, blusa branca, ficando o uniforme dos alunos dos colégios e ginásio a critério dos respectivos diretores, não sendo entretanto permitindo o uso de calções. (Gazeta do Povo 16 abr. 1943)

Segundo Bencostta (2006), analisando uma fotografia na qual aparecem professores e alunos dos grupos escolares desfilando pelas ruas da capital paranaense em comemoração ao aniversário de Vargas naquele mesmo ano

O detalhe dos professores em trajes próprios para ocasiões solenes, conduzindo com maestria seus alunos pela Rua XV de Novembro, palco central do comércio e da política da cidade de Curitiba, conflui olhares e os aplausos daqueles que anunciam e reconhecem esse ato como uma manifestação de prestígio, dedicação, fidelidade e devoção dos grupos escolares à pátria. (BENCOSTTA, 2006, p. 302)

No mesmo mês, o jornal Diário da Tarde dedicou vários espaços para dirigir mensagens à Juventude Brasileira e noticiar o “brilhantismo” do desfile em homenagem ao presidente. No dia do desfile, encontramos na sua primeira página um resumo de todas as solenidades e homenagens ocorridas em virtude do aniversário do ditador. Sobre o desfile há um pequeno, mas inflamado trecho, que tratamos a seguir:

AS HOMENAGENS DO PARANÁ AO PRESIDENTE VARGAS – O IMPONENTE DESFILE DA JUVENTUDE BRASILEIRA CONSTITUIU UM ESPETÁCULO DE EXTRAORDINÁRIA BELEZA CÍVICA

Revestiu-se do maior brilho e do mais expressivo esplendor cívico, as festas com que o Paraná, comemorou o natalício do grande Presidente Getúlio Vargas, sob cuja orientação firme decidida, inteligente e patriótica, marcha o Brasil em busca de um futuro grandioso.[...]

Como número de maior atração do programa realizou-se às 9 horas, o desfile da juventude, participando do mesmo um grupo de samaritanas e enfermeiras socorristas.

Foi, sem dúvida, um espetáculo impressionante, caracterizado pela maior beleza cívica.

Partindo da praça Santos Andrade, as representações escolares desfilaram pela Rua 15 de Novembro e Avenida João Pessoa, em cuja “palanque” ali erguido encontrava-se autoridades e pessoas gradas.

Ao longo do trajeto, comprimia-se considerável massa popular, que não regateou aplausos à juventude das escolas, que marchava com garbo, dando ao desfile um cunho de rara beleza, em que se não sabia o que mais apreciar – se a linha impecável, a correção marcial, ou a beleza física daquelas crianças, magnífica **expressão de uma raça forte e bela, que se forma nesta parte “meridional” do país.**

Cerca de dezoito mil colegiais participaram do desfile que deixou em todos quantos o assistiram a melhor das impressões. (Diário da Tarde 19 abr.1943 grifo nosso)

O jornal faz referência à participação popular, enquanto expectadores, no desfile. Outro ponto que chama a atenção é a ênfase que o jornal concede à disciplina expressa pela “linha impecável, a correção marcial” , previstas nos regulamentos do movimento.

Há ainda a referência à beleza dos jovens que desfilavam naquela ocasião, segundo Pereira (1999) “as manifestações públicas da Juventude Brasileira incorporavam à juventude a promessa do novo e do futuro, forjando, pela exposição cadenciada dos corpos, imagens de jovialidade, força e beleza que a nação estadonovista fomentava”. (PEREIRA, 1999, p. 78)

Como já dito anteriormente, uma das premissas da organização era, através do culto ao corpo, estabelecer uma raça forte, capaz de participar na defesa da Pátria e o jornal expressa este objetivo, quando narra a “beleza física daquelas crianças, magnífica expressão de uma raça forte e bela” (Diário da Tarde 19 abr. 1943) especialmente em Curitiba.

Um artigo intitulado “ A Juventude Brasileira”, escrito por Ademar Cerqueira, e publicado alguns dias depois, enaltece a Juventude Brasileira e principalmente o seu criador, o “profundo sociólogo, humanista de fôlego, administrador incomparável e amigo por excelência”, Getúlio Vargas. Cerqueira empresta maior ênfase na preparação física destes jovens, através da educação física

Hoje, já podemos dizer com ufania que a educação física no BRASIL, é uma realidade. Os desportos, uma aspiração patriótica. O “tipo forte”, uma cobiça de todos os sensatos e disciplinados filhos da terra de SANTA CRUZ. A saúde física, um alvo visado. Enfim, todos os brasileiros sem distinção de idade, cor, hierarquia social, labutam interessadamente (sic) pelo revigoramento eugênico e conquista das proporções musculares distintamente desenvolvidas, nos campos esportivos e nos ginásios modelares existentes em muitas cidades do país. A criação de um distintivo que deva orgulhar os moços patrícios estabelecido em normas semelhantes ao de São Paulo, julgo uma imposição simpática e que será sem dúvida recebida alegremente pela mocidade patriciã. Ela, a JUVENTUDE BRASILEIRA, deve ser forte no físico e no intelecto altruísta, incomparavelmente saudável e que denote ter sido forjada nas disciplinas dos bancos escolares e nos exercícios ao ar livre, cultivando todas as espécies de desportos, dos mais simples ao mais complexo, recebendo à luz solar no dorso nu, oxigenando-se assim, de forma ideal – por pura e científica. (Diário da Tarde, 27 abr. 1943)

Notamos o ideal apregoado desde o início da gestação da Juventude Brasileira, da criação de uma raça brasileira que se distinguiria das demais pela força, beleza e disposição. Este ideal foi proclamado e reforçado durante toda a existência do movimento, algumas vezes de maneira mais incisiva, por outras mais velada, mas sempre fazendo referência à preparação física dos jovens.

Segundo Pereira (1999), os dirigentes do Estado Novo, delegavam grande importância da divulgação de corpos fortes e sadios, que seriam alcançados através de atividades físicas para a melhoria da raça.

Um fato bastante curioso, é que no ano de 1945, apesar dos jornais noticiarem e prestar homenagens ao aniversário de Getúlio Vargas, ele não foi o homenageado do desfile escolar. No dia 19 de abril, o desfile realizado foi em comemoração ao 100º aniversário de nascimento de José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco⁸⁰.

Na Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná existe um pequeno livro contendo um discurso proferido em ocasião do aniversário de Vargas no ano de 1942.

O discurso foi escrito por Orty de Magalhães Machado, bacharelado da faculdade de Direito “em nome da Mocidade Universitária do Paraná” (MACHADO, 1942).

⁸⁰ José Maria Da Silva Paranhos (1845-1912), mais conhecido como Barão do Rio Branco foi professor, político, jornalista, diplomata e historiador. É conhecido por intermediar vários conflitos internacionais, além de propor uma política internacional considerada moderna para época em que viveu e atuou.

Além de valorizar o “salvamento do patrimônio moral de nossa Raça”, que segundo o estudante havia sido feito pela escolha “singular”, optando-se pelo “Brasil caboclo de nossos avós”, a fala glorifica a ascensão do Estado Novo e suas realizações, sendo a mais importante delas a criação da Juventude Brasileira. (MACHADO, 1942, p. 12)

Através da organização o Brasil teria incorporado a missão patriótica e aceitado a máxima “com Getúlio Vargas ou contra o Brasil” (MACHADO, 1942, p. 16).

Por fim, o jovem bacharel convoca os colegas para comemorar o aniversário do chefe da Nação e lutar juntamente com o mesmo com pela defesa do Brasil

MOCIDADE DA MINHA TERRA – das oficinas e das fábricas, das aldeias felizes e das metrópoles populosas, das escolas públicas e das Universidades: SENTIDO!
Eu vos conclamo nesta Hora de Comunhão Nacional.
DE PÉ PELO BRASIL!
Que cada um de nós possa dizer hoje ao Presidente Getúlio Vargas: CHEFE!
PRESENTE! – Aqui estamos para marchar convosco em defesa da Pátria estremecida. (MACHADO, 1942. p. 20)

A fala de Orty, demonstra que, apesar dos jovens acima de 18 anos não serem enquadrados na organização juvenil, eles sentiam-se convocados a fazer parte da Juventude Brasileira, expressando co-responsabilidade pelos objetivos do movimento.

Apesar da grande importância delegada ao aniversário do chefe do Estado Novo, a manifestação mais expressiva e de maior visibilidade da Juventude Brasileira era o Dia da Raça, comemorado à 05 de setembro, na Semana da Pátria.

3.2.2 Semana da Pátria

A Semana da Pátria, se constitui há muito tempo uma das maiores manifestações cívicas presentes no universo escolar. Entretanto, é a partir de 1938 que uma nova data é incluída no calendário cívico, o Dia da Raça. No entanto, foi no ano de 1940, que encontramos pela primeira vez referência à esta comemoração.

Naquele ano, o desfile ocorreria no dia 04 de setembro, como registrou o jornal *Gazeta do Povo*

PARADA DA RAÇA

Desfilará hoje, por todo o imenso território brasileiro, desde as mais humildes cidadezinhas do Amazonas majestoso, até as planícies dos Pampas bravios, a Juventude Brasileira. Dia de grande significação para todo brasileiro que sabe compreender o verdadeiro sentido de amor à Pátria, pode-se mesmo dizer que marcará o início de uma nova era do Estado Novo.

Nação que até pouco tempo relegava para um plano inferior essas manifestações de civismo, o Brasil, com o advento do Estado Novo, conseguiu realizar um verdadeiro milagre.

Estados que lutavam pela hegemonia nacional, perturbando de maneira notável a tranquilidade e segurança da Pátria, constituindo entraves ao progresso da coletividade, em pouco tempo, graças à orientação segura, precisa e honesta de um grande estadista: O Presidente Vargas.

É o novo Brasil voltou às vistas para a Juventude. Para o Brasil de amanhã que será dirigido pela mocidade de hoje, baluarte da Pátria, sentinelas avançadas da guarda da Nação.

E numa demonstração vibrante de seu acendrado amor à terra que lhes serviu de berço, essa mocidade brasileira virá à rua no dia de hoje, organizada, entoando hinos patrióticos, provando aos céticos, pessimistas e derrotistas que o Brasil renasceu para a felicidade dos seus filhos. (Gazeta do Povo, 04 set. 1940)

Além da notícia do desfile, o jornal aproveita a oportunidade para propagandear as realizações do Estado Novo e reforçar a importância que os jovens teriam no regime e no futuro da nação. O discurso do periódico corrobora com a ideia central que esta data continha: uma ideia de identidade nacional, que valorizava, uma “nova postura, relacionada à preocupação com a unidade étnica do país, elemento importante na construção da consciência nacional”. (CAPELATO, 1998a, p. 229)

No dia seguinte o jornal traz fotografias (fig. 17) em sua primeira página, que registram aspectos do desfile e a lista das escolas premiadas. Chama-nos a atenção o fato de que, após esta data, não encontramos alusão à “comissão julgadora” nestes momentos e muito menos às premiações para as escolas que se destacassem. Esta prática volta a ocorrer com o fim do regime, já no ano de 1946.

FIGURA 17 – ASPECTOS DO DESFILE DA JUVENTUDE BRASILEIRA NO ANO DE 1940

CABE A REAL FORÇA AÍREA A SUPREMACIA
DOS ARES

LEMBREMOS 4 QUANTO:
APROPAR DO BOMBARDEIO EM GUARANI, RECORRENDO PARA
PRIMEIRO ALACRILLO ERYA MARIA, PROVA NCANTANDO O
E APRESSAR DE UMA GRANDE BATALHA, SOBRE LOSORDER,
COM O SEU COMANDO, E A GUARANTA DA INGLANDIERA SA QUAL
FORÇA AÉREA CONTINUA MANTENDO A VIGILÂNCIA A REAL
GUARDA RUMBERMANIA E A'S CONTAS FRANCSERAN, COMO

GAZETA DO POVO

DIÁRIO MATUTINO FUNDADO 1919

Diretor:

ACIR GUIMARAES

Diretor substituto:

J. MUGGIATI Sob.

Diretor-gerente:

DE PLACIDO E SILVA

ANO XXII — Nº 138

CRITICA PARANA: 3-a FOLHA, 3 DE SETEMBRO DE 1940 NÚMERO ANUAL — 184

REGULARISADA A PROFISSÃO DE JORNALISTA
NA FRANÇA

VICET (CHRISTOCHEAT) — O GOVERNO FRANCÊS
A ORGANIZAÇÃO DO JORNALISMO NA FRANÇA.
JORNALISTA TRAFITE DO JORNALISMO PRINCIPAL DO
OS ESTUDIOS PARA A IMPLANTACAO TOME WAGO
DENTRAL ENTÃO QUEM CONSIDERAÇÃO. INTERESSA SER
VULNERABILIDADE. BREVE O RESPEITO DECRETU CO-

Magestoso o desfile da "Juventude Brasileira"

AS COMEMORAÇÕES DE ONTEM EM NOSSA CAPITAL TAL EM FESTIVIDADES DA SEMANA DA PÁTRIA — OS VENCEDORES DA "PARADA DA RAÇA" — AS SOLIDARDADES DE HOJE — OS DESFILES EM PONTA GROSSA, NA CAPITAL DA REPÚBLICA E EM PORTO ALEGRE

FONTO DO IMPENDENTE DESFILE DA "JUVENTUDE BRASILEIRA" — OS ENQUETIDA PARA A JUVENTE — ESCOLA JORNAL MEMBROS A COMISSÃO ATIVADORA INSTITUTO SANTA MARIA E COTUDO PROGRESSO.

Da esquerda para a direita temos a fotografia do desfile da Escola Normal, da Comissão Julgadora, do Instituto Santa Maria e do Ginásio Paranaense. Estes estabelecimentos de ensino foram os vencedores do desfile neste ano.

A matéria do jornal evidencia a “magestosidade” do desfile. Além disso, prestava grande importância àquela data que estava sendo inaugurada, uma data “cheia de significação”, que demonstrava o “fervor dos jovens” pela Nação. (Gazeta do Povo, 05 de set. 1940)

Podemos inferir que, o abandono da prática de premiações nos desfiles, durante o Estado Novo, tinha a função de reforçar a idéia de que a comemoração deveria ser feita pelo ensejo da data que, continha um simbolismo, e o entusiasmo da juventude se justificava apenas pela compreensão da importância que aquele símbolo representava.

Além do Dia da Raça, o dia 05 de setembro passa a ser também o Dia da Juventude Brasileira

O DIA DA JUVENTUDE BRASILEIRA – O DESFILE DO DIA 5 DE SETEMBRO – A ORDEM DO DESFILE.

O Estado do Paraná apresenta-se para festejar condignamente o Dia da Juventude Brasileira.

Para tanto está sendo organizado magnífico programa para o grande desfile escolar. Terá lugar no dia 5, com início às 9 horas. (Gazeta do Povo, 03 set. 1942)

Causa estranheza, no entanto, perceber que no Paraná o Dia da Juventude Brasileira era comemorado em duas datas distintas: 05 de setembro e 19 de abril

PORTARIA Nº 171

O Diretor Geral da Educação
DETERMINA: que

A) Os senhores diretores dos estabelecimentos de ensino públicos e particulares, promovam, do dia 15-18 do corrente, sem prejuízo das aulas, preleções sobre a personalidade do Dr. Getúlio Vargas eminente Presidente da República;

B) **No dia 19 (Dia da Juventude Brasileira)** (do mês de abril) às 9 horas da manhã seja realizado e todas as cidades do Estado um grande desfile da “Juventude Brasileira”, em homenagem ao Presidente da República; (Gazeta do Povo, 16 abr. 1943 grifo nosso)

Nesta portaria da Diretoria Geral da Educação (já citada anteriormente), que determina as solenidades para o aniversário do Presidente da República, há a informação que o dia da Juventude Brasileira seria comemorado juntamente com o aniversário de Vargas, ou “Dia do Presidente” como encontramos em alguns jornais.

Qual seria a razão para uma possível “disputa” entre as comemorações do dia da Juventude Brasileira e o dia do aniversário de Vargas?

No capítulo anterior, no decreto de criação da Juventude Brasileira, consta que o dia determinado para a formatura do movimento seria o dia da Independência, na semana da Pátria.

No entanto, em uma carta de Capanema destinada ao Sr. Mario Magalhães, Diretor do “Correio da Noite”, fornece algumas pistas desta “mudança” de datas

Rio de Janeiro, 04 de junho de 1940.

Em resposta a sua carta em que solicita a minha opinião sobre a idéia de ser considerada a data natalícia do presidente Getulio Vargas como Dia da Juventude Brasileira, venho dizer-lhe que a julgo inspirada em sentimento de grande nobreza.

O Presidente Getulio Vargas, fundador, animador, guia e protetor da Juventude Brasileira, deverá ficar permanentemente vinculado ao belo destino dessa grande instituição. Essa vinculação não poderia traduzir-se de melhor maneira do que pela concretização da idéia há pouco ventilada nas colunas de seu brilhante jornal.

Com os mais sinceros aplausos, mando-lhe a expressão do meu apreço e consideração. (Carta de Gustavo Capanema à Mario Magalhães agradecendo a sugestão de tornar a data de aniversário de Vargas no Dia da Juventude Brasileira. – CPDOC, FGV: GC 1938.08.09)

Ao que parece, após esta carta, um decreto assinado pelo presidente Vargas, tornou o dia do seu aniversário também uma data para se comemorar a organização.

A “Parada da Juventude”, como passou a ser chamada, era a “menina dos olhos” da imprensa paranaense no que diz respeito às comemorações escolares. É possível encontrar páginas e páginas, muitas vezes diárias, noticiando as portarias, instruções, prevendo a grandiosidade do desfile.

Após o “grande dia”, muitas fotografias ilustravam os elogios que apareciam em letras enormes logo na primeira página dos jornais. Temos aqui um exemplo do ano de 1941, onde a notícia do desfile aparece na primeira página e no interior do jornal

20 MIL ESCOLARES

Pelas ruas da cidade, enfeitando-as com a sua alegria e jovialidade, desfilaram ontem em homenagem à Pátria, 20 mil escolares de Curitiba.

Como nunca aconteceu até aqui, 2 dezenas de milhar de estudantes, alunos de escolas suburbanas e alunos de cursos pré-universitários, secundário, primário, e técnico-profissionais deram-nos empolgante demonstração de civismo.

Espetáculo grandioso, arrebatou a multidão que tomava totalmente a nossa rua principal.

Além do mais, o desfile, na manhã glacial de ontem, valeu por uma demonstração de vigor da nossa juventude.

Entretanto, garbosa, o ar glacial da manhã, a mocidade paranaense submeteu-se a rude prova de capacidade física, de que saiu aprovada brilhantemente.

O desfile escolar de ontem pelo número, pelo garbo e pela circunstância do frio, foi o mais belo e significativo que já assistimos.

Hosanas à juventude!

SEMANA DA PÁTRIA- A PARADA DA JUVENTUDE

A parada da juventude no Dia da Raça foi a mais tocante demonstração de civismo e a maior expressão de brasilidade.

A geração de amanhã, o Brasil que desponta, exibiu a mais importante mostra de seu vigor, da sua energia, do seu garbo, e, permitiu projetando-se para um futuro próximo se concluísse da solidez dos fundamentos em que se exige uma Pátria possante na sua força, e, vigorosa na magnetude de sua unidade.

A festa que ontem Curitiba assistiu exorbita todas as expectativas, para criar um estado psicológico em que impressões inafastáveis incrustaram-se na magia da sua duração.

Milhares de alunos das escolas primárias, dos estabelecimentos particulares, dos colégios secundários, dos cursos complementares, dos ginásios oficiais, do curso de professores, empunhando bandeirinhas, galhardestes e flamelas, trazendo nos lábios o riso da juventude e nos braços o vigor de uma geração nova, encheram as ruas da sua presença expressiva, e os corações da recordação mais forte.

Cerca de 25 mil crianças e estudantes constituíram a grande parada.

Sobrepairou a materialidade dessa demonstração um futuro grandioso que se reserva a essa Pátria que mentalidades incomparáveis vem construindo e edificando. (Gazeta do Povo, 06 set 1941)

A data se constituía uma manifestação pública do amor à Pátria e com a participação da Juventude no desfile este sentimento parecia se aflorar mais ainda.

Havia uma idéia de unidade, de doação, sacrifício e vigor. O frio que se abateu sob a cidade naquele dia, segundo o jornal, só corroborava com a idéia de que os jovens estavam dispostos a enfrentar todas as dificuldades para demonstrar seu amor à pátria.

As notícias sobre o “Dia da Raça” geralmente apresentam a mesma característica, um apelo ao ideais eugênicos.

Segundo Pereira (1999)

A busca do uno no imaginário político aparecia como meta tanto no que se refere à construção da nação, quanto no que se refere à (in) definição racial. A eugenia despontava, nesse cenário, como promessa de salvação política, médica e educacional capaz de promover a regeneração racial que a nação parecia necessitada. Essa promessa sinalizava para uma alteração da imagem de Brasil: de inferior e doente, para uma nação sadia e forte, anúncio do Estado Novo. (PEREIRA, 1999, p. 151)

De acordo com Marques (1992), o discurso eugênico começou a permear a sociedade brasileira no final do século XIX e ofereceu, com o tempo, a possibilidade da construção da “raça brasileira”, encaixando-se na república “recém-instaurada, pois vinha justificar as diferenças da população frente a um estado cujo ideal político calcava-se na igualdade de todos” (MARQUES, 1992, p. 17)

Para Diwan (2007), através do aperfeiçoamento da raça, os eugenistas pretendiam criar corpos “dóceis e indivíduos politicamente submissos em corpos esbeltos, atléticos e padronizados”.

Dávila (2006), acredita que a eugenia apresentava a possibilidade de aperfeiçoamento da população através do aperfeiçoamento de traços hereditários. O autor classifica a eugenia em “pesada”, se baseava na esterilização para acabar com os traços indesejáveis que se manifestavam nos indivíduos, esta foi praticada especialmente nos Estados Unidos, Grã-Bretanha e na Alemanha nazista.

A eugenia “leve”, adotada em grande parte da América Latina e em partes da Europa, estava preocupada com cuidados pré e neo-natal, higiene, cultura geral e forma física.

Esta encaixava-se perfeitamente nos ideais da elite brasileira que “admitiam a inferioridade dos pobres e não-brancos e, ainda assim, buscavam a possibilidade de recuperar a população e, conseqüentemente, a nação” (DÁVILA, 2006, p.32)

A comemoração do Dia da Raça ia ao encontro a proposta de eugenia apresentada pelos intelectuais brasileiros, da qual Capanema era adepto.

Esta data, criada e legitimada pelo Estado Novo, imprimia a idéia de que o povo brasileiro estava caminhando para um futuro novo, distante da realidade daquele momento, já que, “o conceito de raça passou a funcionar nos discursos como símbolo da força nacional, espectro da beleza e da saúde do brasileiro eugenizado”. (PEREIRA, 1999, p.151)

Nos anos que se seguem, encontramos vários textos nos periódicos que narram com entusiasmo o desfile do Dia da Raça. No ano de 1942, além de notícias

e previsões sobre o desfile, desde o primeiro dia do mês de setembro, o jornal Gazeta do Povo trouxe em suas páginas a letra do Hino da Juventude Feminina

I
 Nós somos de imensa Pátria,
 Brasil extenso
 Do céu anil!
 A mocidade vibrante
 Da Terra amada
 Nosso Brasil!
 A nossa alma vibra e canta
 As glórias tantas
 Do seu passado
 Com fé viva e patriotismo
 Nosso civismo
 Brasil amado!

Estrilho
 Brasil! Terra maravilhosa,
 Brasil, Terra do dever
 Agora, foste ultrajada
 Mas, a tua mocidade
 Vai lutar até vencer!
 Brasil querido
 Grande nação
 Nós já ouvimos o teu chamar.

Para frente trabalhar!
 Ao fim da luta
 Virá altaneira
 Vitoriosa
 Nossa Bandeira!

II
 Terra mãe de Tiradentes
 Berço dos bravos
 Filhos do altruísmo
 De Caxias e Osório
 Também Barroso
 Pátria do Heroísmo!
 Seguiremos para a frente,
 Colher a palma,
 Nós brasileiras
 Minorar o sofrimento
 Nos hospitais
 Como enfermeiras
 (Gazeta do Povo, 06 set
 1942)

Segundo o jornal, o hino foi composto por uma professora da Escola Profissional República Argentina e seria entoado pelas alunas no desfile daquele ano. Os “heróis” da pátria, Tiradentes, Duque de Caxias, Gal. Osório e Barroso, são homenageados na letra do hino podendo servir de exemplo para as futuras enfermeiras cumprirem seus deveres para com a pátria⁴⁵.

Naquele mesmo ano, a notícia do desfile ocorrido no dia 06 de setembro ocupa a primeira página do Gazeta do Povo. Há uma grande imagem (fig. 18) composta por 8 fotografias mostrando diferentes ângulos do desfile. Na página central do jornal, há um texto narrando como decorreu o desfile realizado no dia anterior

COROADO DO ESPERADO BRILHO A PARADA ESCOLAR DO DIA DA JUVENTUDE

⁴⁵ Segundo Carvalho, os heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. (CARVALHO, 1990, p.55)

Diretoria Geral da Educação do Paraná traduzindo a inteligência e o acerto de uma orientação ciosa de sua responsável, eficiente e entusiasta, exibiu a multidão que ascendia a milhares de pessoas, comprimida ao longo do itinerário, por onde se deveria deslocar o Desfile da Juventude Brasileira, o aparato e a pompa da ordem, da imponência, da disciplina, do entusiasmo e da organização.

Superou pelo garbo e pelo orgulho cívico revelados, a parada escolar de ontem, à mais otimista expectativa.

Nossa Capital vangloriou-se sempre em primar pelo êxito indiscutido das suas festas cívico-escolares.

Esta porém, colocou-se à altura de sua significação que as solenidades cívicas lograram face ao momento brasileiro.[...](Gazeta do Povo, 07 set 1942)

O texto continua contando como foi a concentração antes do início do desfile, na praça Santos Andrade, considerada o “altar da pátria”, lotada de estudantes que entoaram o hino nacional, o desfile começou, pontualmente às 9 horas da manhã daquela manhã “brumosa”. Os jovens rumaram então para a Praça Osório e “esse deslocamento se fez entre aplausos de inumerável massa popular que se apertava nos passeios do itinerário”, merecendo “destaque especial a ordem observada pelos desfilantes, a sua disciplina, a organização e sobretudo o entusiasmo com que desfilaram.” (Jornal Gazeta do Povo, 07 set. 1942)

FIGURA 18 – REGISTRO FOTOGRÁFICO DA PARADA DA JUVENTUDE BRASILEIRA - 1942



FONTE: Jornal Gazeta do Povo, 07 set. 1942

É interessante notar que alguns estabelecimentos desfilam carregando bandeiras dos Estados Unidos e Inglaterra, no entanto, o jornal não identifica de quais escolas são as fotografias. No canto superior à direita, uma das instituições de ensino desfila de uma maneira diferente da tradicional, fazendo uma formação “triangular”.

Um outro periódico, o Diário da Tarde, utiliza uma linguagem mais ufanista para noticiar, em Curitiba, a Parada da Juventude daquele ano

A JUVENTUDE PARANAENSE

Mais uma vez, sob os auspícios da Diretoria Geral da Educação, a galharda juventude escolar do Paraná desfilou hoje em homenagem à grande data brasileira. Milhares e milhares de crianças, desfraldando às aragens puras da manha anunciadoras como elas, da primavera – perpetua fonte renovadora de todas as forças humanas – desfraldando o querido pavilhão verde e amarelo, cheio das estrelas nativas, passaram em formaturas garbosas, espalhando por todo o ambiente da cidade amada, o eterno fulgor da esperança e a luz serena e imperecível da confiança no destino da Pátria.

Vendo-a passar, doces, sorridentes e tranqüilas, orientadas pelo espírito vigilante dos nossos educadores, sentimos florir, com maior vigor, esse sentimento de profunda confiança no futuro de nossa terra.

Ano a ano, aqui, no Paraná, onde do ponto de vista étnico, maiores e mais apreensivas tem sido sempre as inquietudes, essas forças vivas de mocidade, desfilam, nessa marcha esplendente de mocidade e de força, cada vez mais perfeita e mais bela.

A sua passagem, revigorados por esse espetáculo de aperfeiçoamento incessante, sentimos mais forte, mais tranqüila e segura, a convicção da unidade nacional, o sentido do futuro da raça e da terra nativas, numa afirmação sólida de robustez e perpetuidade. (Diário da Tarde, 05 set. 1942 Grifo nosso)

O texto se vale de elementos da paisagem natural e de fenômenos da natureza, comparando-os ao entusiasmo da juventude. Isto se explica em partes pelo fato de “no universo estadonovista, caberia à juventude o duplo papel de regenerar eugenicamente a nação e de encarnar o povo, forte e mestiço, unido pela força da vontade geral, ao chefe maior.” (PEREIRA, 1999, p. 114)

Não é difícil encontrar nos textos que falam sobre a Juventude Brasileira e as impressões sobre os desfiles, a idéia de união, unidade. Segundo Capelato

A propaganda estadonovista recorreu amplamente à imagem da sociedade unidade harmônica, organizada em torno do líder Vargas. A ilusão do UNO, segundo Claude Lefort, oferece o acabamento perfeito para o ocultamento dos sinais de divisões e conflitos sociais; serve, também, para eliminar a indeterminação que persegue a existência democrática e tende a “soldar” o poder à sociedade. (CAPELATO, 1998b, p. 202)

Acreditamos que os próprios desfiles foram uma tentativa de demonstrar esta idéia de unidade nacional. Naquele momento, todos eram “iguais”, independentemente de sua posição social, raça. Todos desfilavam juntos, coesos, pelo mesmo ideal, pela mesma pátria.

Com o passar dos anos, as notícias que se referem ao desfile ficam cada vez mais numerosas e extensas. Isto pode ser explicado, porque segundo Capelato (1999)

Nos primeiros anos do Estado Novo, a preocupação de contato mais direto com as massas não era marcante. O caráter autoritário da mudança de regime, realizada através de um golpe, permite entender essa postura. Ela se modificou posteriormente, sem no entanto diminuir a importância e a intensidade da propaganda posta em prática no nazi-fascismo. (CAPELATO, 1999, p. 171).

No ano de 1943, o jornal Diário da Tarde, traz a primeira referência às comemorações da semana da Pátria no dia 24 de agosto. Após esta data, diariamente, até a data do desfile, há notas, textos e orientações no jornal sobre a referida data.

Um dia antes do desfile, na primeira página, encontramos um texto contando como estavam ocorrendo as comemorações da Semana da Pátria e o que poderia se esperar no dia seguinte

AS COMEMORAÇÕES DA SEMANA DA PÁTRIA – DESFILARÃO AMANHÃ 18 MIL CRIANÇAS – O PROGRAMA DOS FESTEJOS

A Semana da Pátria será brilhantemente festejada em nosso estado, revestindo-se de singular expressividade.

Em todos os estabelecimentos de ensino públicos e particulares estão sendo efetuadas palestras educacionais onde se focalizam os vultos e os fatos de relevo na nossa emancipação de Portugal.

Estas palestras foram determinadas pelo Diretor Geral da Educação, Dr. Simeão M. Pedroso, em inspirada portaria merecedora de todos encomios (sic), na verdade, é essa portaria, uma vez que, fazendo-se um retrospecto de tudo que se relacione com a epopéia de nossa independência, colocando-se em realce as magníficas individualidades que nela intervíram, estaremos acenando às crianças pátrias com exemplos magníficos de patriotismo, de desprendimento e amor ao Brasil.

[...] (Diário da Tarde 03 set. 1943)

Como podemos perceber, espera-se, por parte dos estabelecimentos de ensino, na figura de seus professores, que preparem a atmosfera para o dia do desfile, inculcando nos alunos o sentimento de orgulho pela data a ser comemorada.

É comum, inclusive, encontrar nos jornais transcrições de preleções ocorridas nas rádios sobre “heróis” nacionais, que ocorriam na semana da pátria, o que leva a crer que a preparação deste ambiente patriótico não se limitava aos muros das escolas, aos desfilantes, mas também ao público do desfile. Isto se explica em parte, pelo fato nem todos os cidadãos terem acesso ao rádio.

No sábado, dia 04 de setembro de 1943, o jornal traz uma narrativa do desfile ocorrido na capital e até o dia 22 de setembro de 1943, ainda encontramos neste periódico, textos sobre os “Ecos do dia da Pátria”. (Diário da Tarde, 22 set. 1943))

No ano de 1944, percebemos um esforço dos jornais em detalhar ao máximo todos os aspectos do desfile.

O jornal Gazeta do Povo, tem sua primeira página no dia 06 de setembro de 1944, ilustrada por seis fotografias do desfile ocorrido no dia anterior. Com o título

“Empolgante espetáculo de civismo”, um artigo conta como ocorreu o desfile, qual foi a ordem das escolas desfilantes, quanto tempo durou o desfile e lista o nome de todas as autoridades presentes no palanque montado na Av. João Pessoa.

Já o periódico Diário da Tarde, publica um texto referente ao desfile com um conteúdo bastante interessante

A PARADA DA RAÇA

Hoje, dentro da festiva Semana da Pátria é o Dia da Raça, em que surgem como pivot das comemorações a infância e a juventude, pódromos de tantas gerações que representa a nossa nacionalidade.

Como em todo Brasil, principalmente, nas capitais dos estados, as escolas em geral, num desfile impressionante terão exibido, diante de todos nós envaidecidos das nossas prerrogativas de povo livre, muitas centenas de milhares de crianças de todas as idades, índice supremo de nossa vitalidade **Curitiba que é uma forja mágica de caldeamentos de sangues dos mais apurados teores biológicos, ofereceu uma demonstração eloqüente para o setor dos estudos sociológicos**, o que se pôde surpreender naturalmente na grandiosa parada estudantil que desfilou pelas ruas da cidade na nebulosa manhã deste grandioso dia.

Fora um delírio, um verdadeiro orgulho para a população da capital ao ver passar em pose marcial, alegres, sadios e chilreantes, legiões e legiões de colegiais, talvez 30 mil, bem postos nos seus uniformes vistosos, conduzidos a toques de marchas e canções patrióticas e esperados por uma multidão ansiosa por aplaudi-los.

Podemos nos envaidecer diante desse espetáculo comovente que foi essa original e empolgante exibição de nossa implume geração que se nos apresentou cheia desse vigor que constitui a vitória do nosso trabalho incessante dentro do nosso tempo.

[...]

Oxalá possamos ter nesses homens de amanhã a garantia perfeita das nossas aspirações e atingido todos os ideais da nacionalidade, pelo trabalho honesto e através de leis sábias que só tragam a satisfação e gozo perpétuo às coletividades.

E é diante de panoramas como esse que hoje na Parada da Raça nos fora dada a alegria de presenciar que nos elevamos ao ápice do conceito de pátria e de soberania. (Diário da Tarde 05 set. 1944. Grifo nosso)

O texto parece ter a intenção de sedimentar no imaginário da população, a idéia da grandiosidade do desfile e do orgulho que o povo curitibano deveria ter dos jovens que desfilaram tão graciosos pelas ruas do centro da cidade. Este brilhantismo do desfile poderia ser explicado, de acordo com o periódico, pela superioridade biológica da raça curitibana, que conseqüentemente é parte da raça brasileira.

De acordo com Dávila (2006):

Para os educadores brasileiros e sua geração intelectual, raça não era um fato biológico. Era uma metáfora que se ampliava para descrever o passado, o presente e o futuro da nação brasileira. Em um extremo a negritude significava o passado. [...] A

mistura racial simbolizava o processo histórico, visualizado como uma trajetória da negritude à brancura. (DÁVILA, 2006, p.25)

Deste modo, mais do que sua significação biológica, a raça era principalmente uma “categoria social”.

Uma pequena nota no jornal explica o entusiasmo dos jovens ao desfilar: “dir-se-ia mesmo que estavam participando do desfile da vitória, pois às primeiras horas corria na cidade a notícia da capitulação da Alemanha, a grande inimiga da humanidade. Por isso havia mais alegria em todos os semblantes e os portes eram mais marciais”. (Jornal Diário da Tarde, 05 set. 1944).

Cabe questionar se os jovens tinham conhecimento da notícia da rendição e se isto realmente lhes parecia tão importante ao ponto de influenciar na empolgação na hora do desfile.

No ano de 1945, notícias do desfile só aparecem no jornal Gazeta do Povo. Logo na 1ª página, há fotografias (fig. 21) da Parada da Juventude que, segundo o periódico, havia sido “soberbo” já que os jovens ansiavam por mostrar a todos o “espírito forte que anima a mocidade que estuda na terra das auracárias”. (Gazeta do Povo, 05 set. 1945)

FIGURA 19 – REGISTRO FOTOGRÁFICO DA PARADA DA JUVENTUDE BRASILEIRA NO ANO DE 1945



FONTE: Jornal Gazeta do Povo, 05 set. 1945

Na fotografia aparecem registrados o palanque das autoridades e algumas escolas que participaram do desfile.

Com o fim do regime getulista, os desfiles passam a ter outra “roupagem”. Eles continuam a acontecer no dia 05 de setembro, e, assim como anteriormente, prêmios são distribuídos para os estabelecimentos que mais se destacam. Quanto à nomenclatura aparecem diferentes formas para designar o desfile da Semana da Pátria: “Parada da Mocidade”, “Desfile Escolar”, “Juventude em marcha”.

Já no ano de 1951, o jornal Gazeta do Povo, se refere ao desfile dizendo que se tratava da comemoração ao “Dia da Juventude” (Jornal Gazeta do Povo 06 set. 1951). Cabe lembrar que em 1951, Getúlio Vargas estava novamente no poder.

Enfim, Bencostta (2006) lembra, se referindo ao “Dia da Raça” que “décadas a frente, resquício dessa permanência na memória da cidade era percebido na

continuidade dessa festividade dentre as comemorações organizadas pela Secretaria de Educação do Paraná, ao promover o desfile de 30 mil escolares infantis pelas ruas de Curitiba, ainda em comemoração ao Dia da Raça". (BENCOSTTA, 2006, p. 314)

Tantas manifestações cívicas serviam para corroborar a idéia de que Curitiba estava em consonância com o regime, e é com grande festa que no ano de 1943, Curitiba e a Juventude Brasileira receberam um dos mais expressivos nomes do governo Vargas, Gustavo Capanema.

3.2.3 A visita de Gustavo Capanema à Curitiba

No ano de 1943, a cidade de Curitiba recebeu uma figura de grande importância no cenário nacional, o então Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema.

O ministro chegou à capital no dia 13 de outubro de 1943. Veio em "avião especial", a convite do Interventor Federal Manuel Ribas "a fim de assistir o ato de assinatura do convênio do Ensino Primário entre o estado e os municípios" (Gazeta do Povo, 13 out. 1943).

Um programa de homenagens foi elaborado para receber Capanema. Após chegar à cidade de Paranaguá, onde foi acolhido pela população, tomou a litorina⁴⁶ até a capital paranaense.

Ao chegar a cidade de Curitiba, o pelotão de cavalaria o acompanhou até o Hotel Moderno, onde ficou hospedado. Chegando a este local, os fuzileiros o esperavam para prestar continência. Na parte da tarde, foi programado um desfile para homenagear o Ministro da Educação e Saúde.

O jornal Gazeta do Povo noticiou a participação dos jardins de infância, grupos escolares, ginásios e escolas particulares da capital. No entanto, este desfile teve a participação também de algumas escolas de pescadores do litoral paranaense e de várias escolas de trabalhadores rurais. O desfile, que ocorreu às 15h00, foi registrado através das lentes das câmeras fotográficas

⁴⁶ Veículo responsável por fazer o transporte entre o litoral e a capital.

FIGURA 20 – FOTOGRAFIA DO DESFILE EM HOMENAGEM AO MINISTRO GUSTAVO CAPANEMA – ALUNOS DA ESCOLA DE TRABALHADORES RURAIS OLEGÁRIO MACEDO CASTRO



FONTE: CPDOC – Arquivo Gustavo Capanema GCFOTO 300-12

Neste registro, os meninos encontram-se passando em frente ao palanque presidencial, onde estava o ministro. Percebemos que suas vestimentas lembram fardas de soldados, o que causa estranheza, já que geralmente nos desfiles as escolas usavam os uniformes do dia-a-dia.

No trabalho com as fontes, não foram encontrados registros da participação dos alunos das escolas de trabalhadores rurais em desfiles escolares e da Juventude Brasileira.

Este fato sinaliza que, provavelmente, havia a necessidade de mostrar ao ministro, nesta visita, que estas instituições tinham importância na educação paranaense, já que as Escolas de Trabalhadores Rurais (ETR), assim como as escolas de pescadores, foram criadas durante o governo Vargas.

Causa estranheza o fato de que estas escolas não participavam frequentemente dos desfiles, já que durante a ditadura varguista uma grande importância era delegada ao trabalho e trabalhadores.

FIGURA 21 – ALUNOS DA ESCOLA DE TRABALHADORES RURAIS OLEGÁRIO MACEDO CASTRO



FONTE: CPDOC Arquivo Gustavo Capanema GCFOTO 300-10

A fotografia acima mostra outro aspecto do desfile da Escola Técnica Rural. Os alunos à frente, conduzindo uma carroça, enquanto atrás os meninos marcham, em fila, carregando pás e enxadas, como observamos na próxima imagem (fig. 23). É interessante perceber a presença de um aluno negro na carroça. Como discutiremos mais adiante, os registros fotográficos escolares do início do século XX, são caracterizados pela falta de indivíduos negros.

FIGURA 22 – ALUNOS DA ESCOLA DE TRABALHADORES RURAIS OLEGÁRIO MACEDO CASTRO



FONTE: CPDOC Arquivo Gustavo Capanema GCFOTO 300-13

Por se tratar de uma escola rural, as pás e enxadas, instrumento de trabalho, que os meninos ostentam, no lugar de bandeiras, como as demais escolas, simbolizam o engrandecimento da pátria através do trabalho, um discurso muito usado pelo regime.

Apesar de estarem uniformizados, não há uma homogeneidade nos trajes dos alunos, alguns desfilam de calça, outros de bermuda e os calçados parecem sujos e bastante usados.

Em contrapartida, na mesma solenidade, algumas professoras dos grupos escolares, desfilavam em seus trajes próprios para desfile conduzindo a bandeira nacional, vinham à frente e traziam no peito uma faixa verde e amarela

FIGURA 23 – PROFESSORAS NO DESFILE EM HOMENAGEM A GUSTAVO CAPANEMA EM CURITIBA



FONTE: CPDOC Arquivo Gustavo Capanema GCFOTO 300 – 14

Duas professoras procuram o ministro no palanque das autoridades, que está posicionado à direita da fotografia.

As crianças vinham em fila, logo atrás empunhando suas bandeirinhas, demonstrando disciplina e asseio, em seu uniforme branco, adornado por uma

gravata preta, enquanto as professoras que conduzem o batalhão empunham suas bandeiras e voltam seu olhar para o palanque de onde Capanema aprecia o desfile

FIGURA 24 – PROFESSORAS E ALUNOS NO DESFILE EM HOMENAGEM A CAPANEMA



FONTE: CPDOC Arquivo Gustavo Capanema – GCFOTO 300 – 15

No registro abaixo, as meninas, que foram escolhidas para vir à frente das professoras deste batalhão, trazem o cabelo adornado por laços de fita e estão trajadas com vestido de festa e luvas brancas. Parecem seguir a uma orientação de levantar mais a bandeira em direção ao palanque das autoridades, assim como suas colegas que vêm atrás das professoras do grupo escolar

FIGURA 25 - ALUNAS NO DESFILE ESCOLAR EM CURITIBA



FONTE: CPDOC Arquivo Gustavo Capanema GCFOTO 300 – 16

As crianças paravam em frente às autoridades e empunhavam mais alto a bandeira como em reverência aos representantes do governo

FIGURA 26 – ALUNAS EMPUNHANDO A BANDEIRA EM DESFILE PARA HOMENAGEAR GUSTAVO CAPANEMA



FONTE: CPDOC Arquivo Gustavo Capanema GCFOTO 300 – 17

Observando a expressão das meninas que aparecem neste registro fotográfico notamos que elas estão sérias e parecem estar fazendo apenas um gesto mecânico ao empunhar suas bandeiras.

Nota-se que a bandeira brasileira era o principal símbolo usado no desfile, mas não o único. Além das ferramentas trazidas pelos meninos no início do desfile, os jovens que aparecem na figura 28 traziam livros. Não temos pistas suficientes para dizer que tipo de livros eram esses, mas os moços os ostentaram ao passar pelo ministro, sob os olhares atentos da população que acompanhava o desfile

FIGURA 27 – MOÇOS DESFILANDO FRENTE AO PALANQUE DAS AUTORIDADES



FONTE: CPDOC Arquivo Gustavo Capanema GCFOTO 300 – 20

Já as moças que aparecem na figura 30, carregam grandes flâmulas e trazem no peito uma faixa verde e amarela. É interessante notar a sincronia com que marcham. Todas que aparecem neste registro estão com o pé direito à frente

FIGURA 28 – MOÇAS DESFILANDO EM FRENTE AO PALANQUE DAS AUTORIDADES



FONTE: CPDOC Arquivo Gustavo Capanema GCFOTO 300 – 19

Os uniformes e calçados brancos transmitem a idéia de higiene e asseio.

Outro ponto que vale a pena ressaltar, é a inexistência, com exceção das fotografias da ETR Olegário Macedo, de registro de alunos e professores negros.

Jerry Dávila, em seu trabalho “Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil 1917-1945”, analisa como as práticas eugênicas permearam o universo educacional deste período.

Segundo Dávila (2006), a ampliação da intervenção estatal na sociedade brasileira e no campo educacional, por consequência, não proporcionou um aumento de afrodescendentes nas instituições públicas, ao contrário, significou uma sofisticação nos meios de exclusão racial.

Este autor analisa como o número de professores negros diminuiu no Rio de Janeiro em alguns anos. Através de fotografias e das demais fontes consultadas, ele conclui que “nos finais da década de 1930 e 1940, eles praticamente não eram mais visíveis” (DÁVILA, 2006, p.147)

As mais de quatrocentas fotografias de escolas e salas de aula revelavam um padrão: durante as primeiras duas décadas do século, muitos professores eram visivelmente afrodescendentes; após a década de 1930, deixaram de aparecer. [...] Dois outros padrões são evidentes: primeiro, os professores de cor no início do século tendiam a

ser mais jovens, enquanto os pouco presentes mais tarde tendiam a ser mais velhos.
[...] (IDEM, p. 151)

Entendemos que estas fotografias demonstram um certo padrão de registros e abrimos aqui um parêntesis para destacar que, a fotografia é um instrumento de conhecimento do passado. Entretanto, deve-se “ter em mente que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade, um e só um enfoque da realidade passada: um aspecto determinado.” (KOSSOY, 2001, p. 107)

Neste caso, o fotógrafo registrou apenas o momento da passagem dos desfilantes em frente ao palanque das autoridades, onde estava o ministro.

E Gustavo Capanema gostou do que viu. Elogiou com entusiasmo o vigor da Juventude Brasileira ao desfilar pelas ruas de Curitiba

[...]

A propósito do belíssimo espetáculo a que assistiu declarou o Dr. Gustavo Capanema:

“Espectáculo que me causou a mais profunda emoção foi o desfile da Juventude paranaense. Assistir a um desfile de duas horas. A disciplina das crianças, das moças, dos rapazes, o fervor cívico estampado na fisionomia de todos, o vigor físico, a irradiante saúde e beleza de toda essa juventude, me deram um sentimento de entusiasmo excepcional e mais me afervoraram a convicção de que, se, em nosso país, rios, montanhas, terra, animais, plantas, água e sol, tudo é belo e admirável, maior, mais forte, mais pujante do que tudo é a nossa raça, o nosso grande povo.”(Gazeta do Povo 15 out. 1943)

Esta fala foi proferida no mesmo dia do desfile, à noite, no Salão de Honra do Palácio São Francisco, por ocasião da assinatura do Convênio do Ensino Primário, principal razão da visita do ministro à capital paranaense.

O discurso do ministro demonstra sua preocupação com os ideais eugênicos apregoados na época. Ele esteve no centro, alguns anos antes, da polêmica sobre a estátua que ornamentaria o prédio do Ministério da Educação e Saúde, esta, deveria expressar o ideal de construção do “homem brasileiro”⁴⁷.

Capanema, rejeitou na época o projeto do escultor Celso Antonio, que retratou o homem brasileiro como “um caboclo barrigudo” (DÁVILA, 2006, p. 49). O ministro se mostrou muito preocupado com a representação do homem brasileiro

⁴⁷ Para saber mais sobre esta polêmica vide DÁVILA, J. Construindo o Homem Brasileiro. In: DÁVILA, J. Diploma de Brancura. São Paulo: UNESP, 2006. p. 47-94.

que ficaria na frente do prédio do ministério por dois motivos: a figura do homem “degenerado” não combinaria com a arquitetura modernista⁴⁸ do prédio, e principalmente porque “o Homem Brasileiro deveria simbolizar o produto da engenharia racial e social que era a responsabilidade de Capanema”. (IDEM, p. 48) Segundo o ministro da educação e saúde, a função de fortalecer, compor e preparar o homem brasileiro, seria a principal responsabilidade deste ministério.

Voltando a Curitiba, a solenidade foi acompanhada por diversas autoridades do estado. O momento de assinatura do documento foi registrado pelas lentes de uma câmera fotográfica, que registra Gustavo Capanema e o Interventor Federal Manuel Ribas

FIGURA 29 – ASSINATURA DO CONVÊNIO DO ENSINO PRIMÁRIO ENTRE ESTADO E MUNICÍPIOS



FONTE: CPDOC Arquivo Gustavo Capanema GCFOTO 300 – 3

⁴⁸ O prédio do Ministério da Educação e Saúde, é considerado o marco da arquitetura modernista no Brasil. Foi projetado por uma equipe composta por Lucio Costa, Oscar Niemeyer, e o arquiteto franco-suíço Le Corbusier. Segundo Dávila (2006), Capanema reuniu estes arquitetos pois queria para o edifício “uma estrutura modernista que fosse aclamada internacionalmente”. E este sucesso foi alcançado. Anos depois esta mesma equipe foi reunida por Nelson Rockefeller no projeto do prédio da Organização das Nações Unidas (ONU), nos Estados Unidos. De acordo com Jerry Dávila (2006), “o projeto do prédio do MES cumpriu sua missão: lançou o Ministério como um portal para o futuro da Nação, um futuro forjado por meio da educação pública, um futuro branco. Para Capanema, o prédio do MES era a prova de que o Brasil estava encontrando sua identidade, definido-se como nação do futuro – não mais uma nação fraca que imitava as mais fortes. Ao contrário, seriam agora os estrangeiros que imitariam o Brasil”. (DÁVILA, 2006, p.48)

Capanema permaneceu na cidade até o dia 16 de outubro de 1943. Neste período visitou algumas escolas, teceu elogios ao ensino no Paraná e assinou um documento para a criação da Universidade do Paraná⁴⁹.

Sem dúvida, na época, a visita de figura tão ilustre significou muito para o Paraná, e podemos sugerir que tantas homenagens e manifestações serviram para mostrar ao ministro que as elites paranaenses estavam afinados com as diretrizes propostas pelo Estado Novo.

Entretanto não é apenas nas festividades e desfiles que encontramos a presença da Juventude Brasileira. Registros de como as crianças e jovens entendiam o movimento podem ser encontrados nos jornais das escolas.

3.3. A JUVENTUDE BRASILEIRA NAS ESCOLAS

No Paraná, o movimento da Juventude Brasileira teve uma grande influência dentro das escolas.

Além dos tradicionais desfiles, ocorriam palestras, comemorações, “cultos” à bandeira nacional e campanhas, como por exemplo, do estanho, da borracha, etc.

Uma fonte que deu subsídios para compreender estas manifestações é a Imprensa Escolar.

A Imprensa Escolar é um volume com dezenas de jornais de Grupos Escolares, Ginásios e Escolas Particulares de todo o Paraná. Este periódico era financiado pelo regime e conseqüentemente era influenciado por ele. De acordo com Bencostta (2006):

⁴⁹ Há uma divergência com relação à data de criação da Universidade do Paraná. De acordo com Nêvio de Campos (2006), em 1912, alguns intelectuais paranaenses, dentre eles Nilo Cairo e Vitor Ferreira do Amaral criaram a Universidade do Paraná. Em 1946, acontece a unificação das faculdades de Medicina, Engenharia, Direito e Filosofia, Ciências e Letras, sendo esta considerada também como data de fundação da instituição. Acreditamos que o documento assinado por Capanema previa esta unificação, que acabou acontecendo só três anos após sua visita ao Paraná. O processo de federalização da Universidade do Paraná acontece em 1950, tornando-se a Universidade Federal do Paraná.

Para um estudo mais aprofundado ver CAMPOS, Nêvio de. Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892-1950. Curitiba, 2006. Tese (Doutorado em Educação) Propraga de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná.

Entre os anos de 1939 e 1942, a Diretoria Geral de Instrução (PARANÁ: 1940) disponibilizou verbas para que as escolas primárias, secundárias, públicas e privadas, organizassem jornais que veiculassem, além de atividades cotidianas que consideravam interessantes, notícias e leituras que inculcassem valores cívicos e patrióticos, primeiramente centralizadas na figura do ditador Getúlio Vargas, e depois na de alguns heróis nacionais valorizados pelo Estado Novo, como por exemplo, Tiradentes. O conjunto de instituições educacionais que participaram deste projeto soma 131 estabelecimentos de ensino, divididos do seguinte modo: 88 grupos escolares (15 da capital e 73 do interior do Paraná) e 43 escolas secundárias (27 da capital e 16 do interior do Paraná). (BENCOSTTA, 2006, p. 02)

Encontramos na Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná 9 volumes, que, circularam nas seguintes datas:

QUADRO 02 – DATA DE CIRCULAÇÃO DA IMPRENSA ESCOLAR NO PARANÁ

ANO	DATAS DE PUBLICAÇÃO
1939	15 de Novembro
1940	21 de Abril
	07 de Setembro
	15 de Novembro
1941	25 de Março
	21 de Abril
	07 de Setembro
	15 de Novembro
1942	19 de Abril

FONTE: Quadro elaborado pela autora das informações da Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação(2008)

Entretanto, acreditamos ter existido publicações anteriores ao ano de 1939, já que na capa do exemplar de 1939 que acessamos na BPP (Biblioteca Pública do Paraná), consta a informação “ANO II, Número 05”. Infelizmente, não foi possível ter acesso a estes exemplares anteriores.

Nota-se que as publicações sempre ocorrem em datas comemorativas, a maioria delas comemorações cívicas: 15 de novembro (Proclamação da República), 21 de abril (Tiradentes), 07 de setembro (Independência do Brasil), 25 de março (Dia da criança)⁵⁰.

⁵⁰ De acordo com Bencostta (2006), a partir do Decreto-Lei 2024 de 17 de fevereiro de 1940, o Dia da Criança, comemorado tradicionalmente no dia 12 de outubro, passa a ser comemorado também no dia 25 de março. Isto aconteceu porque “Getúlio Vargas ao criar, em 1940, o Departamento Nacional da Criança, órgão administrativo subordinado ao Ministério da Educação e Saúde -, responsável por

O conteúdo dos jornais era bastante diversificado. Em todos os exemplares há passatempos como palavras cruzadas, charadas, adivinhas, trava-línguas, charges. Além disso, havia receitas, lista dos aniversariantes do mês, convites para primeira comunhão e até anúncios de comerciantes locais.

Algumas colunas tinham cunho pedagógico. Textos sobre animais, plantas, “heróis” da Pátria. Encontramos listas com o nome de todos os alunos matriculados na escola naquele ano. No jornal do Ginásio Paranaense – Externato, nos deparamos, por exemplo, com o nome de aluno que se tornará um dos grandes artistas paranaenses, Napoleão Potyguara Lazarotto⁵¹, que naquele ano de 1940 estava cursando a quarta série. Havia também, em alguns jornais, os nomes dos alunos destaques que receberam “Menção Honrosa” por bom comportamento ou pelo bom desempenho em algumas disciplinas.

Os jornais das instituições particulares eram mais extensos e contavam com mais fotografias e imagens que os demais, como o jornal “O Instituto”, do Instituto Santa Maria. Na edição de novembro de 1941 trouxe a seguinte montagem em sua capa

articular ações de proteção à maternidade, infância e adolescência -, determinava que daquele ano em diante, o dia da criança seria comemorado no dia 25 de março”. (BENCOSTTA, 2006, p.11). Entretanto, “não demorou muito para o Departamento Nacional da Criança perceber que a data de Outubro era a que melhor se adequava aos seus objetivos, não logrando sucesso aquela de 25 de março. Porém, até o ano de 1947, registros na imprensa asseguram ter sido o Dia das Crianças recordado na data de Março”. (BENCOSTTA, 2006, p. 12)

⁵¹ Poty Lazzarotto (29/03/1924 – 07/05/1998), filho de italianos, começou a se interessar por desenho ainda bem criança. Seu pai era ferroviário e sua mãe mantinha um restaurante na cidade. Ao longo de sua vida trabalhou, principalmente, com desenhos, gravuras e murais, serigrafia, litografia e pintura. Seus trabalhos mais significativos são murais nos quais empregava materiais diversos como madeira, vidro (vitrais), cerâmica, azulejo e concreto aparente. Há obras de Poty espalhadas por diversas cidades do Brasil e do exterior.

FIGURA 30 – CAPA DO JORNAL INSTITUTO DO INSTITUTO SANTA MARIA 1941



FONTE: Jornal “O Instituto”. Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano III. 15 de novembro de 1941, n. 8. Biblioteca Pública do Paraná.

À esquerda há a fotografia dos alunos da escola em um desfile, que não sabemos ao certo quando ocorreu. O que mais chama atenção, é o enorme pinheiro, “colocado” na imagem e que aparece na praça Osório, corroborando para o simbolismo da fotografia⁵². À direita, temos a fotografia do prédio onde funcionava a escola e um pouco acima desta, uma imagem de Getúlio e um pequeno texto

⁵² O Pinheiro ou Araucária é conhecido como símbolo do Estado do Paraná.

exprimindo a admiração da escola pelo regime e pelo presidente. (*“Ao grande presidente Getulio Vargas fundador do Estado Novo – chefe vigilante que despertou o Brasil para a realidade da vida hodierna – o Instituto Santa Maria tributa respeitosamente um preito de acatamento e admiração”.*)

Segundo Bastos (2007), analisando a “Revista do Ensino/RS”, “a imagem não atua como uma mera ilustração, mas exerce uma função formativa do imaginário social, importante veículo de aculturação do sujeito, perpetua identidades, valores, tradições, culturas(...) Para os historiadores da educação, o estudo das imagens (...) oferece múltiplas possibilidades de leitura da cultura escolar, como discurso pedagógico e não como um mero elemento decorativo.” (BASTOS, 2007, p. 72, 73)

Nota-se que a imagem de Getulio utilizada nas fotografias que aparecem nos jornais, é a imagem do estadista e não do militar que tomou o poder na Revolução de 1930, consubstanciando a idéia do grande governante no imaginário dos leitores dos jornais.

Esta mesma imagem, “aprimorada” aparece na capa do jornal da instituição no exemplar de 19 de abril de 1942.

FIGURA 31 – CAPA DO JORNAL O INSTITUTO 1942



FONTE: Jornal “O Instituto”. Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano IV. 19 de abril de 1942, n. 9. Biblioteca Pública do Paraná.

Nela há um esforço em demonstrar como seus alunos estavam à serviço da Pátria e do chefe da nação, o presidente Getúlio Vargas. Desfile, pinheiro, prédio da instituição. A novidade está no mapa do Brasil formado pelos rostos dos alunos da escola e os raios que descem do céu e “iluminam” a figura sagrada do presidente.

O simbolismo desta imagem, das crianças em idade escolar, dos integrantes da Juventude Brasileira, a serviço do presidente e da nação permeiam o conteúdo dos jornais.

Abaixo da fotografia, a legenda contribui para que os leitores do jornal compreendam a mensagem que a imagem quer transmitir

Avesitas (sic) mil, em álares revoadas, largam o frouxil (sic) dos ninhos e gárrulas, alalam (sic) pelo espaço afora, nesta maravilhosa manhã de 19/04, toda ressumbrante (sic) poesia divinal.

São crianças do Brasil em peso, que, cheias de promessas e esperanças, estantes de entusiasmo e de viço, se erguem para festejar o chefe supremo, no áureo dia do seu aniversário natalício.

Ao ínclito (sic) Presidente, os corpos docente e discente do Instituto Santa Maria, associando-se aos sentimentos da Nação, apresentam congratulações assegurando-lhe inúmeros anos na gestão suprema da nossa Pátria Querida! (Jornal "O Instituto". Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano IV. 19 de abril de 1942)

Acreditamos que idéia central dos jornais era que ele fosse construído pelos estudantes das escolas já que, grande parte dos textos, passatempos, poesias que compõem o jornal são assinados por alunos. Entretanto, os discursos dos alunos sempre aparecem bem afinados com os interesses do regime. Tributos ao presidente, elogios ao Estado Novo e convocação para os demais colegas cumprirem seu dever para com a Pátria. Um exemplo é o texto do aluno Antonio C. Oreda, de 11 anos:

Ser patriota

O sentimento de patriotismo cresce desde cedo em nossos corações de pequenos brasileiros e floresce para mais tarde tornar-se uma devoção. Ser patriota é morrer pela defesa da Pátria quando preciso, é trabalhar por esse solo generoso que jamais vos negou o pão de cada dia. (Jornal "O Escolar". Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano II. 15 de novembro de 1939)

A data comemorativa mais próxima da publicação, ao contrário do que se poderia esperar, não era o tema central dos textos, poesias e passatempos. Havia pequenas menções à ela, mas o destaque ficava por conta das "comemorações" tidas como mais importantes para o regime. No dia 21 de abril, ao invés de Tiradentes, a ênfase era no aniversário de Vargas (19 de abril), na edição de setembro, o tema central era o Dia da Raça (05 de setembro) e no dia 15 de novembro, era privilegiado o aniversário do Estado Novo (10 de novembro).

Isto pode ser explicado pelo conceito de "tradição inventada" que de acordo com Hobsbawm e Ranger (1984) é "um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou

simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com relação ao passado”.

Ora, os acontecimentos de outrora eram importantes, mas o mais importante era o Estado Novo que se apresentava tão forte e imponente diante de seus cidadãos.

Em alguns momentos, os protagonistas das comemorações e desfiles escreviam contando suas experiências. O aluno Hermínio Pinheiro Junior, da 3ª série B do Colégio Bom Jesus narrou como havia sido o desfile do Dia da Raça do ano de 1940. Ele começa o texto falando sobre a raça forte dos brasileiros, que já podia ser percebida pela força dos bandeirantes. Através desta temática ele chega ao desfile

[...]

Pois é, no Dia da Raça, houve um desfile.

Quando vi aquelas moças altas, encorpadas, fortes, coradas, marchando com garbo.

E depois os moços fortes, com peitos salientes, marchando animados, me lembrei que a nova raça era forte, sadia e que a podia comparar com os Bandeirantes.

E é preciso, pois o Brasil precisa de gente forte, robusta, que faça medo, sendo que estes moços constituem seus defensores de amanhã.

A nova geração garantirá os direitos de nossa Pátria. O Brasil!(Jornal “Vozes do Bom Jesus”. Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano III. 07 set. 1940)

O texto do pequeno Hermínio demonstra sua preocupação e admiração com a nova raça que surgia, forte e bonita, levando a crer que os alunos legitimavam e incorporavam o discurso eugênico apregoado pela escola.

De acordo com Marques (1992), na década de 1920, a escola foi encarada pelos eugenistas como o local privilegiado de desenvolvimento do corpo e espírito. Além da função de “modelar” indivíduos, ela poderia ser o “centro irradiador do disciplinamento eugênico” (MARQUES, 1992, p. 86), sendo “pensada pelos eugenistas como ação eugenética construtiva (educação higiênica e propaganda dos princípios da eugenia e hereditariedade)” (IDEM, p. 89)

Pode-se inferir então, que a tarefa proposta pelos eugenistas, da utilização da escola como espaço de perpetuação dos ideais eugênicos estava sendo corroborada no período do Estado Novo, o que pode ser percebido no discurso do aluno.

Já Romeu Seraider, externa sua ansiedade com o desfile que se aproxima

07 de setembro – dia de festa escolar

Vai haver parada, vão desfilar os batalhões. Os soldados vão vestir seus uniformes de gala e mostrar como marcham garbosos.

Quando vejo desfilar um batalhão, olho os soldados que passam com garbo e digo para mim mesmo : “como são garbosos os soldados do meu Brasil”.

Serei soldado um dia, quero estudar, quero ser bom para cumprir com orgulho a minha missão.

O nosso grupo escolar também vai desfilar. Eu estou ansioso para que chegue este grande dia para poder passar pelo palanque presidencial, onde está o nosso Interventor Federal e levantar bem alto a nossa Bandeira, em sinal de agradecimento ao homem que governa tão sabiamente o nosso querido Paraná. Sr. Manuel Ribas. (Jornal “Presente”. Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano IV. 07 setembro 1941)

Além do texto de Romeu, neste jornal, que era dos alunos do Grupo Escolar Mercês, há uma página inteira com textos, notas, narrativas sobre o desfile do Dia da Raça. O aluno Assis P da Silva, do 3º ano, teve a carta que escreveu a um amigo publicada nesta página

Curitiba, 11 de agosto de 1941

Querido amigo Alberto

Resolvi lhe escrever essas linhas para você vir assistir a parada da raça no dia 04 de setembro primo. Vai ser muito bonita a parada pois formam todas as escolas daqui da nossa Curitiba, a mesma coisa que no ano passado nós vimos (pois estávamos juntos, lembra-se?) que até você se admirou daqueles cavalos tão gordos do Colégio S. Maria.

Aqui nesse grupo em que estou, é uma escola muito adiantada; tudo aqui é bom, até as professoras, pois na parada de 19 de abril, você não estava aqui para ver, eu batendo tambor era tão grande... tão grande!... O pessoal aqui da minha sala disse que eu batia com a boca mas era tudo inveja deles. **Só de mim que eles têm raiva porque sou preto, mas eu nem ligo!** Deixo que falem, não acha? Alberto, escreva se você vem ou não? Vou esperá-lo na estação.

Abraça-o o amigo.

Assis P. da Silva (Jornal “Presente”. Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano IV. 07 setembro 1941 grifos nossos)

Este texto apresenta-se com uma fonte diferente do restante do jornal, dando a impressão que foi datilografado. É interessante perceber o fascínio do menino pelo espetáculo que representava o desfile e a alegria em participar do mesmo. Nele também há o registro do “tratamento diferenciado” que o menino recebia por ser de raça negra. Esta informação nos auxilia a desvelar que, apesar de todo o discurso

de unidade e raça brasileira divulgado pelo Estado Novo, na prática, aconteciam situações de discriminação a indivíduos de outras etnias.

Para Dávila (2006) as políticas educacionais propostas pelos discursos eugênicos apenas reforçavam a idéia da “desvantagem de brasileiros pobres e não-brancos, negando-lhes acesso eqüitativo aos programas, às instituições e às recompensas sociais” que estas políticas proporcionariam. (DÁVILA, 2006, p.22)

Junia Pereira, utiliza a entrevista do professor de Educação Física Sílvia José Raso, como fonte na sua análise sobre a Juventude Brasileira em Minas Gerais. Neste relato, o professor conta que os alunos “capazes, fortes, bonitos e preparados”⁵³, eram escolhidos para participarem dos desfiles ou virem à frente das agremiações, deixando excluídos, por exemplo, os alunos negros deste grupo.

Entretanto, ao contrário do que a autora relata, baseando-se nos registros do livro de inspeção do Ginásio Mineiro, especificamente em Curitiba, os alunos negros não eram impedidos de desfilar, como narra o aluno na carta acima. Os judeus também participavam dos desfiles, já que encontramos em várias notícias nos jornais e na Imprensa Escolar, que registram a participação da Organização Infantil Escolar Israelita Brasileira Salomão Guelmann.

A aluna Maria de Lourdes Macedo, da 4ª série, da Escola de Aplicação anexa à Escola de Professores, opta por explicar a existência do Dia da Raça, criado pelo Estado Novo que demonstrava a preocupação de “preparar a Juventude Brasileira forte e sadia para assegurar no futuro a soberania da nossa Pátria” (Jornal “Colegial”, Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano IV. 07 de setembro 1941).

Um fato curioso é que alguns alunos assinam seus textos com codinomes que procuram exaltar seu patriotismo, um exemplo é o aluno do curso de contador do Colégio Progresso. Ele escreve o texto “O Presidente Vargas e o desenvolvimento do Brasil” e assina como “Índio Tupi”. (Jornal “Eco Literário”. Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano IV. 07 de setembro de 1941)

Em abril de 1942, encontramos em todos os jornais textos que se referem de alguma forma à Juventude Brasileira. Alguns deles explicam do que se trata a organização, como este, do aluno Marcídio Coradim do Grupo Escolar Prof. Brandão

⁵³ Entrevista de Sílvia Raso à autora. A dissertação da autora, já citada anteriormente, traz as entrevistas realizadas com o professor na íntegra.

Por decreto assinado pelo Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, passa o dia 19 de abril a ser denominado “Dia da Juventude Brasileira”. A Juventude Brasileira é uma organização constituída pelas crianças, pela mocidade do presente. Estas gerações deverão ser orientadas em suas idéias para ter boa formação para que possam continuar a obra começada pelos nossos antepassados.

Só vence aquele que é forte! Portanto, crianças e moços deverão ser fortes cívica, moral, física e intelectualmente afim de poderem obter a vitória.
A Juventude Brasileira criada pela inspiração do Sr. Presidente da República terá uma missão esplendida e incomparável: reger seus destinos, orientar seus métodos, formar seus quadros dirigentes, firmar seus princípios no alto ideal de desenvolver o espírito de responsabilidade, esta consciência de dever de ser útil à Pátria, e à coletividade.
Viva a mocidade culta do Brasil! (Jornal “Gazeta Infantil” Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano V. 21 de abril de 1942)

O texto deste estudante traz resumidamente em suas linhas os objetivos da organização da Juventude Brasileira: formação cívica, moral, física e intelectual para dar continuidade e apoio ao regime. Tomando para si e incorporando a missão da organização juvenil.

Ligia Kremer, estudante do Colégio São José, escreve sobre a sábia decisão de se organizar a juventude do país

É uma das virtudes do Estado Novo ter sabido congregar a Juventude Brasileira. Com esse elemento pode o Brasil como nem um outro país caminhar desassombrado, o olhar alto, o passo firme.
O preparo de nossa juventude em boa hora compreendida por nosso querido Presidente fará do Brasil como lógica consequência, um foco da nova civilização. A grandeza do Brasil evidentemente não deriva da simples posse de bens valiosos, mas também e principalmente do sábio aproveitamento dos dons valiosos de seus filhos.
Não é infundada a esperança depositada na Juventude Brasileira.
E confiando nela, em nós mesmos confiamos no porvir e na grandeza do Brasil. (Jornal “Pax”. Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano V. 21 de abril de 1942)

As crianças e jovens das escolas estavam um tanto empolgados com a participação na organização. Muitos textos tiveram a intenção de afervorar nos colegas o sentimento de pertencimento, ao que eles acreditavam ser, o movimento que asseguraria “o futuro da Pátria” (Jornal “Pax”. Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano V. 21 de abril de 1942).

Alguns mais comedidos, como Wladimir F. Favile, da Organização Infantil Escolar Israelita Brasileira Salomão Guelmann, aluno do 3º ano

A Juventude Brasileira é um fator social dos mais importantes. É dever fazer com que as crianças e jovens conheçam de perto a sua Pátria, fazendo-os criar sentimentos capazes de consagrarem-se com maior esforço e dedicação ao serviço do Brasil.
A Juventude Brasileira se destinará a promover dentro e fora das escolas, a educação cívica, moral e física da mocidade e da infância.
A juventude estará preparada tanto para a vida agitada das cidades, a quietude campal e a luta nos campos de batalha.
Sendo esse seu fim, brademos bem alto um viva a Juventude Brasileira! (Jornal "Avante" ". Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano V. 21 de abril de 1942)

Outros mais inflamados como o de Alice Brunes, do Colégio N.S de Lourdes

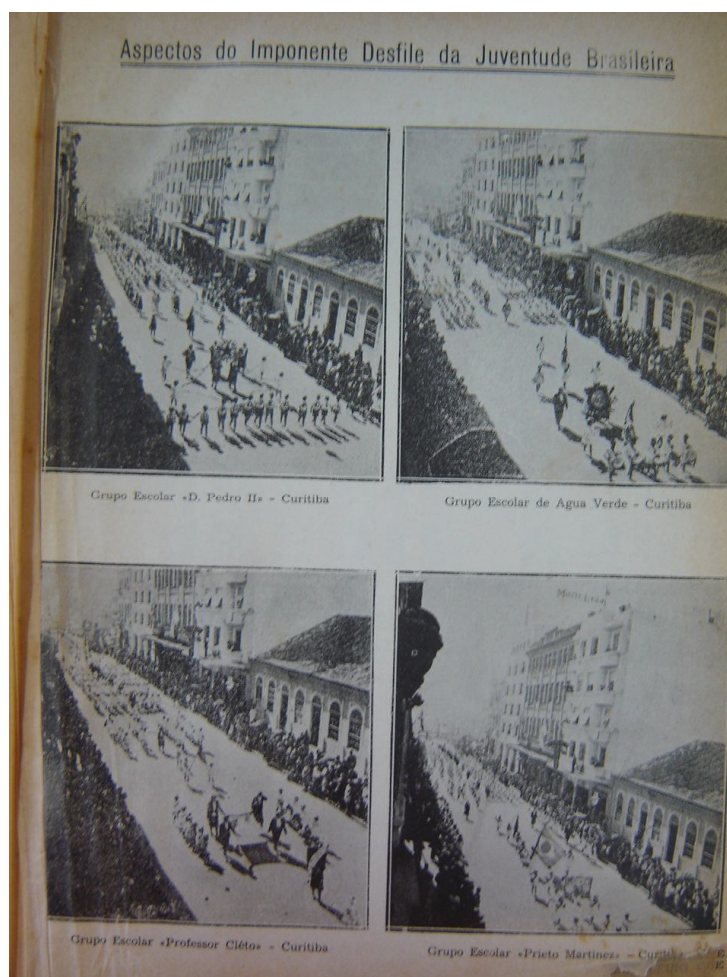
Juventude Brasileira, és o sol da Pátria, o seu futuro, a sua esperança! És o alicerce do grande monumento que erguerá o Brasil de amanhã!
Juventude Brasileira, faze jus a seus títulos! Mostra-te digna do solo abençoado que te viu nascer e procura honrar o teu nobre rincão! Estuda com ardor! O porvir de nossa terra depende do teu valor! És dela a garantida! Forma teu caráter, domina teu gênio, ilustra tua alma!
Juventude Brasileira, és o raiar de um dia glorioso que, além, surge no horizonte amplo da Pátria! És o vulto que se agiganta, no campo da luta, a conquista da luz! És o gladiador que, pugnando na arena do estudo, deve se adestrar no manejo das armas da fé, da coragem, do sacrifício!
És no presente a esperança do futuro!
Mocidade, ergue-te intrépida e corajosa! Já não podes permanecer indiferente! A felicidade do Brasil exige que marches com entusiasmo varonil pela senda do dever! Que importa o sacrifício, que importa a privação quando se trata de conservar um tesouro? Sê o baluarte, não só do território nacional, mas também o baluarte de nossa Santa Religião. (Jornal "Cajuru" ". Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano V. 21 de abril de 1942)

A aluna inclui no seu texto como responsabilidade da Juventude Brasileira a "santa religião", o que pode ser interpretado de duas maneiras: se trata de uma referência à Igreja Católica, já que a moça estudava em um colégio confessional, ou, o entendimento dos jovens de que participar do movimento se constituía em professar uma religião.

Essas numerosas menções ao movimento, nesse ano, não foram percebidas nos outros exemplares da Imprensa. Esta preocupação em citar a Juventude Brasileira explica-se como uma consequência da intensificação da propaganda política.

Há poucas referências diretas à organização nos anos anteriores, apesar de sempre estar presente de alguma forma. Um exemplo é a contra-capa do exemplar de 1940, que traz quatro fotografias do desfile da Juventude Brasileira

FIGURA 32 – CONTRA-CAPA DA IMPRENSA ESCOLAR DO ANO DE 1940



FONTE: Imprensa Escolar. Diretoria Geral da Educação. Curitiba. Paraná. Ano II. 07 de setembro de 1940, n. 7. Biblioteca Pública do Paraná.

As fotografias mostram respectivamente as representações dos Grupos Escolares D. Pedro II, Água Verde, Professor Cleto e Prieto Martinez.

Conclui-se que a Imprensa Escolar tem um papel fundamental na compreensão dos fenômenos ocorridos no universo escolar durante o regime.

Alguns textos chamam atenção pela intimidade que crianças, tão pequenas, demonstram com a escrita. Não somos ingênuos ao ponto de supor que esses textos não passavam por prévia revisão e seleção antes de incorporarem o jornal de cada instituição e esses por sua vez a Imprensa Escolar.

Entretanto, eles nos ajudam a entender como as crianças decodificavam e participavam daquele momento singular pelo qual o país passava, já que esses textos eram portadores de mensagens construídas por professores, alunos e diretores de instituições de ensino, que, além de escrever, se apropriavam, cada um a sua maneira, dos conteúdos que eles traziam.

A propaganda política enquanto colaboradora da divulgação dos ideais do Estado Novo, na figura dos desfiles, imprensa geral e Imprensa Escolar, exerceram, sem dúvida, um papel importante na aceitação e legitimação do regime. Contudo, cabe ressaltar que

não se pode exagerar sua importância no que se refere ao controle das consciências. As teses que insistem na onipotência da propaganda política não levam em conta o fato de que ela só reforça tendências já existentes na sociedade e que a eficácia de sua atuação depende da capacidade de captar e explorar os anseios e interesses predominantes num dado momento. Cabe lembrar que mesmo os regimes que levaram esse controle ao extremo não conseguiram atingir o objetivo de formar a “opinião única”. Tal constatação não implica menosprezo da importância da propaganda política: mesmo sem obter adesão unânime, ela foi um dos pilares de sustentação do poder. (CAPELATO, 1999, p. 178)

A organização alcançou sucesso, e isto pode ser percebido nos relatos encontrados nos jornais que trazem em suas páginas um senso, que parece ser comum, expresso nas opiniões de crianças e adolescentes de origem negra, branca européia: judeus, cristãos (católicos e protestantes) e mestiços; rapazes e moças;

alunos de escolas públicas e de escolas particulares; ricos e pobres, de que só através da Juventude Brasileira e do amor à Pátria o ideal de uma nação forte poderia ser alcançado.

FONTES

1. Jornais

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 04 mar. 1945.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 09 set. 1940.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 11 nov. 1941.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 05 set. 1942.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 19 abr. 1943.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 27 abr. 1943.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 03 set. 1943.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 22 set. 1943.

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 05 set. 1944.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 04 set. 1940.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 05 set. 1940.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 06 set. 1941.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 10 fev. 1942.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 03 set. 1942.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 06 set. 1942.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 07 set. 1942.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 19 nov. 1942.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 03 abr. 1943.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 14 abr. 1943.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 16 abr. 1943.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 13 out. 1943.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 15 out. 1943.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 06 nov. 1944.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 05 set. 1945.

GAZETA DO POVO. Curitiba, 06 set. 1951.

O JORNAL. Rio de Janeiro, 03 mar. 1945.

AVANTE. (Órgão dos alunos da Organização Infantil Escolar Israelita Brasileira Salomão Guelmann). Curitiba, 21 abr. 1942.

CAJURU. (Órgão dos alunos do Colégio Nossa Senhora de Lourdes). Curitiba, 21 abr. 1942.)

COLEGIAL. (Órgão dos alunos da Escola de Aplicação Anexa à Escola de Professores) Curitiba, 07 set. 1941.

ECO LITERÁRIO. (Órgão dos alunos do Colégio Progresso) Curitiba, 07 set. 1941.

GAZETA INFANTIL. (Órgão dos alunos do Grupo Escolar Professor Brandão) Curitiba, 21 abr. 1942.

IMPRENSA ESCOLAR. Curitiba, 07 set. 1940.

O ESCOLAR. (Órgão dos alunos do Grupo Escolar) Curitiba, 15 nov. 1939.

O INSTITUTO. (Órgão dos alunos do Instituto Santa Maria) Curitiba, 15 nov. 1941.

O INSTITUTO. (Órgão dos alunos do Instituto Santa Maria) Curitiba, 19 abr. 1942.

PAX. (Órgão dos alunos do Colégio São José) Curitiba, 21 abr. 1942)

PRESENTE. (Órgão dos alunos do Grupo Escolar Mercês) Curitiba, 07 set. 1941.

VOZES DO BOM JESUS. (Órgão dos alunos do Colégio Bom Jesus) Curitiba, 07 set. 1940.

2. Relatórios

BOLETIM DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA 1942. Curitiba.

DOSSIÊ JUVENTUDE BRASILEIRA. Arquivo Público do Paraná.

3. Legislação

COLEÇÃO das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil de 1930 a 1945.

Decreto lei nº 7.807 de 05/09/1941 – Estabelece estandarte da Juventude Brasileira.

3.1. Legislação Portuguesa

Decreto-lei 26,611 de 19 de maio de 1936 – Criação da Mocidade Portuguesa.

Regimento da Mocidade Portuguesa.

Regimento da Mocidade Portuguesa Feminina.

4. Outros documentos

CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
– Rio de Janeiro)

Documentos microfilmados

GC 1934.09.22 – Carta de Luiz Simões Lopes a Gustavo Capanema.

GC 1934.09.72 – rolo 25 fot. 800 – 957 – Cooperação entre a Juventude Brasileira e o Escotismo

GC 1938.08.09 – rolos 51 fot. 762 ao rolo 53 fot. 721 – Documentos sobre a Juventude Brasileira

GC 1938.08.09 - Ante-projeto da Organização Nacional da Juventude. 1943.

GC 1938.08.09 - Calendário cívico da Secretaria Geral de Educação e Cultura. 1944.

GC 1938.08.09 - Carta a Gustavo Capanema sobre as dificuldades enfrentadas na Secretaria Geral da Direção Nacional da Juventude Brasileira. 1943.

GC 1938.08.09 - Carta de Direção Nacional da Juventude Brasileira a Gustavo Capanema. 05 jul. 1943.

GC 1938.08.09 - Carta de Capanema à Getúlio Vargas rebatendo as críticas recebidas. 1939.

GC 1938.08.09 - Carta de Gustavo Capanema à Affonso Taunay solicitando traçar estandarte da Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Carta de Gustavo Capanema à Mario Magalhães agradecendo a sugestão de tornar a data de aniversário de Vargas no Dia da Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Carta de Pedro de Castro à Gustavo Capanema autorizando a utilização do poema escrito por ele como hino da Juventude Brasileira. 1943.

GC 1938.08.09 - Carta do comissariado nacional da Mocidade Portuguesa à Gustavo Capanema. 1940.

GC 1938.08.09 – Carta do Gal. Góes Monteiro à Getulio Vargas.s/d.

GC 1938.08.09 - Carta do prof. Melo Leitão à Capanema sobre o Uiruçú.s/d.

GC 1938.08.09 - Considerações sobre a organização da juventude nos Estados Unidos. s/d.

GC 1938.08.09 - Decreto de aprovação do regulamento dos Centro Cívicos, 1943.

GC 1938.08.09 - Decreto de criação da Juventude Brasileira. 2.072 de 08 de março de 1940. 1940.

GC 1938.08.09 - Descrição dos Uniformes da Mocidade Portuguesa. s/d.

GC 1938.08.09 - Documento sobre a legislação sobre a Juventude. s/d.

GC 1938.08.09 - Edital do concurso do poema do hino da Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Esboços de desenhos de estandarte feitos por Capanema. s/d.

GC 1938.08.09 - Estudo de Von Schirach sobre a organização da Juventude s/d.

GC 1938.08.09 – Exposição de motivos de motivos sobre decreto da Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Extinção da tabela de mensalista da Secretaria Geral da Juventude Brasileira. 1945.

GC 1938.08.09 - Letras enviadas pelos inscritos no concurso do hino da Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Lista dos inscritos no concurso do hino da Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Modificações introduzidas no projeto de decreto-lei relativo à organização da Juventude Brasileira.s/d.

GC 1938.08.09 - Observações de Gustavo Capanema a respeito do projeto da ONJ de Francisco Campos.s/d.

GC 1938.08.09 - Observações de Eurico Gaspar Dutra a respeito do projeto da ONJ de Francisco Campos.s/d.

GC 1938.08.09 - Organogramas sobre a Juventude Fascista. s/d.

GC 1938.08.09 - Organogramas sobre órgãos da Direção Nacional da Juventude Brasileira. s/d.

GC 1938.08.09 - Parecer anônimo sobre decreto da Juventude Brasileira. 1939.

GC 1938.08.09 - Parecer de Alzira Vargas sobre decreto da Juventude Brasileira. 1939.

GC 1938.08.09 – Parecer de Gustavo Barroso sobre o projeto de decreto-lei da Juventude Brasileira. 1939.

GC 1938.08.09 – Parecer de Gustavo Barroso sobre projeto de uniformes para a Juventude Brasileira. 1941.

GC 1938.08.09 - Perguntas e sugestões sobre a Juventude Brasileira.s/d.

GC 1938.08.09 - Portaria Ministerial 89 e 108 de 1940 constituindo a comissão de organização do projeto de uniformes para a Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Pré-projeto de reorganização da Juventude Brasileira. 1943.

GC 1938.08.09 - Projeto de ONJ do Ministro Eurico Gaspar Dutra. 1938.

GC 1938.08.09 - Projeto de decreto-lei de Gustavo Capanema para a organização da Juventude Brasileira. 1939.

GC 1938.08.09 - Projeto de Uniformes para a Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Proposta de decreto de Gustavo Barroso sobre símbolos da Juventude Brasileira. 1941.

GC 1938.08.09 - Proposta de decreto-lei do Gal. Meira de Vasconcellos.

GC 1938.08.09 - Propostas do movimento escoteiro a respeito da Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Regulamento dos Centros Cívicos da Juventude Brasileira. 1943.

GC 1938.08.09 - Regimento da Direção Nacional da Juventude Brasileira. Decreto-lei 12.100 de 25 de março de 1943. 1943.

GC 1938.08.09 – Regimento técnico administrativo da ONJ. s/d.

GC 1938.08.09 - Regimento Disciplinar da ONJ s/d.

GC 1938.08.09 - Regimento administrativo da ONJ s/d.

GC 1938.08.09 - Relatório sobre a *Opera Nazionale Balilla*.s/d.

GC 1938.08.09 - Resposta à consulta do ministro Capanema sobre a Propaganda Radiofônica para a Juventude Brasileira. 1941.

GC 1938.08.09 - Respostas a consultas feitas por Getulio Vargas sobre os projetos de organização da Juventude Brasileira. 1939.

GC 1938.08.09 - Sugestão de decreto para a Juventude Brasileira advindo Escola Nacional da Educação Física. 1942.

GC 1938.08.09 - Sugestões de Gustavo Barroso para o projeto da Juventude Brasileira.1939.

GC 1938.08.09 - Sugestões de Lourenço Filho para a escolha de livros para a Juventude Brasileira. 1940.

GC 1938.08.09 - Texto de defesa de Caxias como patrono da Juventude Brasileira. s/d

GC 1941.08.30 – Discurso de Gustavo Capanema à Juventude Brasileira. s/d.

GC 1942.04.18 – Tradução do discurso do sr. Ministro Gustavo Capanema à Juventude Brasileira. s/d.

GC 1943.04.13 – Mensagem do ministro da educação aos dirigentes da Juventude Brasileira nos colégios e ginásios s/d.

GC 1943.04.30 – Mensagem do Ministro da Educação aos dirigentes da Juventude Brasileira nas escolas primárias e nos estabelecimentos de ensino de grau secundário.s/d.

GC 1944.04.19 – Sobre monumento à Juventude. s/d.

5. Livros

MACHADO, Orty Magalhães. **A Mocidade do Paraná: ao presidente Getulio Vargas**. Curitiba: Tipografia Mundial, 1942.

GOMES, F. De Abreu. **Plano de Organização da “Juventude Brasileira”**. Vitória:1942. CPDOC, FGV: GC 959f.

SARAMAGO, José. Entrevista à Revista Época, ed. 443, 10 de novembro de 2006.

SARAMAGO, José. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VARGAS, G. **Getúlio Vargas: Diário**. São Paulo: Scitiliano: 1995.

XAVIER, A. **Juventude Brasileira**. Rio de Janeiro, 1942. CPDOC, FGV: GC 996.

6. Fotografias

CPDOC, FGV.

Pasta contendo as fotografias da visita de Gustavo Capanema à Curitiba:

GC FOTO 300-3
GC FOTO 300-10
GC FOTO 300- 12
GC FOTO 300- 13
GC FOTO 300- 14
GC FOTO 300- 15
GC FOTO 300- 16
GC FOTO 300- 17
GC FOTO 300- 19
GC FOTO 300- 20

www.oliveirasalazar.org

7. Filmes

“Filhos da Guerra” Título Original: Europa Europa. Direção de Agnieszka Holland. Alemanha / França / Polônia. Spectra, 1990. 107 min.

“The Hitler Jugend” – Castle Home Video, 1999.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Azevedo. **O Estado Autoritário e a Realidade Nacional**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1938.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

ARRIAGA, Lopes. **Mocidade Portuguesa: breve história de uma organização Salazarista**. Lisboa: Coleção Terra Livre, 1976.

BAÍIA HORTA, José Silvério. A 1ª Conferencia Nacional de Educação e como monologar sobre educação na presença de educadores. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Capanema: O ministro e seu ministério**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

_____, José Silvério. A Educação na Itália Fascista: a Reforma Gentili (1922-1923). In: Anais do VI **Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2006, Goiânia. IV Congresso Brasileiro de História da Educação: A Educação e seus sujeitos na História, 2006.

_____, A mobilização da Juventude na Itália (1922-1945), em Portugal (1936-1974) e no Brasil (1937-1945). In: Anais do **Congresso Brasileiro de História da Educação: educação escolar em perspectiva histórica**. Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004.

_____, **O Hino, o Sermão e a Ordem do Dia. A educação no Brasil (1930-1945)**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

BARTOLETTI, Susan Campbell. **Hitler Youth: Growing up in Hitler's shadow**. New York: Scholastic Nonfiction, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara. A Pedagogia da ilustração: uma face do impresso. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org). **Culturas Escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org). **Culturas Escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Desfiles patrióticos: Memória e cultura cívica dos grupos escolares em Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, Diana (Org.) **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

_____. **História, cultura e sociabilidades: representações e imagens das festas escolares (Curitiba, 1903 – 1971)**. Anais do VI **Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia, 18 a 20 de abril de 2006.

BERTONHA, João Fabio. **Fascismo, nazismo, integralismo**. São Paulo: Ática, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOSCHILIA, Roseli Terezinha. **Modelando condutas: a educação católica em colégios masculinos. (Curitiba 1925-1965)** Curitiba, 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná.

BURKE, Peter. **A Fabricação do Rei: A construção da imagem pública de Luís XIV**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CAMPOS, Francisco. **O Estado Nacional e outros ensaios**. Brasília, DF: Biblioteca do pensamento político republicano, 1983.

CAMPOS, Nívio de. **Intelectuais paranaenses e as concepções de Universidade: 1892-1950**. Curitiba, 2006. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná.

CAPELATO, Maria Helena e DUTRA, Eliana. Representação Política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro F. E MALERBA, Jurandir (orgs.) **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papius, 2000, p. 227-267.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: Novas Histórias. In: FREITAS, M.C. (Org) **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998a. p. 183-213.

_____. **Imprensa e História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Papius, 1998b.

_____. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, D. (Org.) **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999. p. 167 – 178.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Romulo. **História do ensino em Portugal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

CASTORIADIS, Cornelius. **A criação histórica**. Oficinas: Porto Alegre, 1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica à Ação Integralista Brasileira. in: CHAUÍ, M.; FRANCO, M.S.C. **Ideologia e participação social**. São Paulo, SP: Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ: Cedec, 1979.

CHAVES, Valéria da Conceição. **O Estado Novo entre textos e imagens**. Juiz de Fora, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora.

CHAVES JUNIOR, Sergio. **A Educação Física do Ginásio Paranaense ao Colégio Estadual do Paraná**: contribuições para a construção de uma história de uma disciplina escolar (1931-1951). Curitiba, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

CORREIA, Ana Paula Pupo. **História e Arquitetura escolar**: os prédios públicos de Curitiba (1943-1953). Curitiba, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

DAGNINO, Evelina. **State and Ideology**: Nationalism in Brazil (1930-1945). Stanford: [s/n], 1985.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura**: política social e racial no Brasil 1917-1945. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

DEARN, Alan. **The Hitler Youth**: 1933-45. New York: Osprey Publishing, 2006.

DE DECCA, Edgar. **1930 – O Silêncio dos Vencidos. Memória, História e Revolução**. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1994.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Contexto, 2007.

DUTRA, Eliana Freitas. **O ardil totalitário – imaginário político no Brasil dos anos 30**. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FAGUNDES DE OLIVEIRA, Leticia. **A cruzada eugênica no Brasil: Eugenia e sexualidade nas décadas de 20 e 30**. 2003. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Universidade de São Paulo.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GOMES, Ângela Maria de Castro. O redescobrimento do Brasil. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. **Estado Novo: ideologia poder**. Rio Janeiro: Zahar Ed., 1982.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP e A editora, 1997.

HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (org). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KATER, Michael H. **Hitler Youth**. London: Havard University Press, 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOCH, Hannsjoachim W. **The Hitler Youth: origins and development 1922-1945**. New York: Cooper Square Press, 2000.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LE MOS JUNIOR, Wilson. **Canto Orfeônico: uma investigação acerca do ensino de música na Escola Secundária pública de Curitiba**. Curitiba, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. São Paulo, SP: Papyrus, 1986.

LEVI, Giovanni., SCHMIT, Jean-Claude. (orgs.) **História dos Jovens, vol. 1- Da Antiguidade à Era Moderna**. Trad. Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lucia Machado. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997a.

_____. **História dos Jovens, vol. 2.- A época contemporânea**. Trad. Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lucia Machado. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997b.

MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In: LEVI, Giovanni., SCHMIT, Jean-Claude. C. (orgs.) **História dos Jovens, vol. 2.- A época contemporânea**. Trad. Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lucia Machado. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997b.

MARQUES, Vera R. Beltrão. **Eugenia da disciplina: o discurso médico-pedagógico nos anos 20**. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado em História).Universidade Estadual de Campinas.

MARTINS, Claudia R. **A Disciplina escolar de História no Ensino secundário público paranaense: 1931 a 1951**. Curitiba, 2006. Tese (Doutorado em Educação). Progama de pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná.

MICHAUD, Eric. Soldados de uma idéia: os jovens sob o III Reich. In: In: LEVI, G., SCHMIT, J. C. (orgs.) **História dos Jovens, vol. 2.- A época contemporânea**. Trad.

Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lucia Machado. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1997b.

MÔNICA, Maria Filomena. **Educação e Sociedade no Portugal de Salazar**. Lisboa: Editora Presença, 1978.

NASCIMENTO, Jorge Caravilho do. **A Escola de Baden-Powell: Cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NÓVOA, Antonio. **A Educação Nacional: nova história de Portugal e o Estado Novo (1930-1960)**. Lisboa: Presença, 1992.

NUNES, José Luiz Martins. **Juventude Brasileira: O lado fascista do Estado Novo**. Caxias do Sul: Maneco Livraria e Editora, 2004.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. **Getulio Vargas: Meu Pai**. Rio de Janeiro: Ed. Globo, s/d.

PEREIRA, Junia Sales. **A escultura da raça: Juventude e Eugenia no Estado Novo**. Belo Horizonte, 1999. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais.

PIMENTEL, Irene Flunser. **Mocidade Portuguesa Feminina: educada para ser boa esposa, boa mãe, católica e obediente**. Lisboa: A esfera dos livros, 2007.

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes de História da Educação? Trad. Carlos Eduardo Vieira. In: **Educar em Revista**. Curitiba, Editora UFPR, nº 18, p.9-182, 2001.

RODRIGUES, Manuel. **Mocidade Portuguesa**. Lisboa: Ed. Terra Firme, 2004.

SANTOS, Ana Carolina Nery dos. **A estética estadonovista: um estudo acerca das principais comemorações oficiais sob o prisma do Cine-Jornal Brasileiro**. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Campinas.

SARAMAGO, José. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Helenice Rodrigues. **O fenômeno das comemorações como objeto de análise histórica**. Revista Espaço Plural. Março, 2001.

SILVA, Katiene Nogueira. **“Criança calçada, criança sadia: Sobre uniformes escolares na escola pública paulista entre os anos de 1950 a 1970”**. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo.

SCWARTZMAN, Simon. **Gustavo Capanema e a educação brasileira: uma interpretação.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. N. 66 mai/ago 1985. p. 165-172.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, H.M. Bousquet; COSTA, V. M. Ribeiro. **Tempos de Capanema.** São Paulo, SP: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCHIMMELPFENG, Regina Maria. **A Estrada do Poente:** Escola Alemã/Colégio Progresso. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Paraná.

TACCHI, Francesca. **Histoire Illustrée du fascisme.** Trad. Étienne Schelstraete. Paris: Éditions Place des Victoires, 2000.

VEIGA, Cynthia Greive. História Política e História da Educação. In: VEIGA, Cynthia e FONSECA, Thais Neiva. (orgs) **História e Historiografia da Educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 49-75.

VESENTINI, Carlos Alberto. **A teia do fato.** São Paulo, SP: Ed. Hucitec, 1997.

WILLIAMS, Daryle. **Making Brazil modern:** Political culture and cultural politics under Getulio Vargas, 1930 – 1945. Thesis (Ph.D.). Stanford: Departamento de História – Stanford University.